

Flora Lorena Branco Müller

**A CIDADE EM FOCO:  
OLHARES A PARTIR DO BAIRRO CHICO MENDES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, na área de concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, linha de pesquisa 1 - Relações éticas, estéticas e processos de criação.

Orientador: Prof. Dra. Kátia Maheirie

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Müller, Flora Lorena  
A CIDADE EM FOCO: [dissertação] : OLHARES A PARTIR DO  
BAIRRO CHICO MENDES / Flora Lorena Müller ; orientadora,  
Kátia Maheirie - Florianópolis, SC, 2013.  
171 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. cidade. 3. periferia. 4. fotografia.  
5. discursos. I. , Kátia Maheirie. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia. III. Título.



Flora Lorena Branco Müller

**A CIDADE EM FOCO: OLHARES A PARTIR DO BAIRRO  
CHICO MENDES**

Este (a) Dissertação/Tese foi julgado(a) adequado(a) para  
obtenção do Título de “**A CIDADE EM FOCO: OLHARES A  
PARTIR DO BAIRRO CHICO MENDES**”, e

---

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2013

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Kátia Maheirie, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Andréa Vieira Zanella, Dr.<sup>a</sup>  
Examinadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof. Marco Aurélio Máximo Prado, Dr.  
Universidade Federal de Minas Gerais



Dedico este trabalho às moradoras e moradores da Chico Mendes.







## AGRADECIMENTOS

Ao Dôdo, Chica, Douglas, Tinho, Felipe, Alisson, Seu Antônio, e tantos outros moradores da Chico Mendes que circularam pela Casa Chico Mendes enquanto desenvolvia esta pesquisa, pela generosidade com que compartilharam comigo tantas histórias, pelo carinho e confiança com que me acolheram e por tudo que me ensinaram.

À professora Kátia Maheirie, minha orientadora, por ter me recebido tão afetuosamente, por ter dividido comigo saberes, por todas as leituras, apontamentos e indicações, e por ter me conduzido com serenidade por essa jornada.

Ao André, pela mediação fundamental para o acontecimento desta pesquisa, por ter possibilitado meu encontro com a Chico Mendes.

À professora Andréa Zanella, pelas diversas disciplinas e encontros tão ricos e instigantes. Aos colegas do NUPRA, pelas trocas que os encontros e grupos de estudo possibilitaram e pelas amizades construídas. Ao Gabriel, pela oficina de cartazes que realizou com os participantes da pesquisa.

A minha família, Pai, Mãe, Caio e Leonardo pela compreensão das diversas ausências, e pelo apoio durante este período.

Aos meu amado companheiro Marcelo, por todo apoio, incentivo, força e paciência que teve durante este período.

Às companheiras Canhotas, porque o feminismo me fortalece.

Aos companheiros do Movimento Passe Livre, por tudo que construímos juntos, pelas grandes amizades que deste espaço surgiram.

À Soraia Carolina, pela amizade e por toda a ajuda acadêmica

que me ofereceu.

À Nya e Carol, pelo auxílio nas filmagens.

À Capes pelo financiamento a este estudo.



É o humor de quem a olha que dá forma à cidade de Zemrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causo do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro que o outro, porém ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zemrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia em que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e não conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é impossível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zemrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços.

(Calvino, 1995, pg. 64)



## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as relações de moradores de um bairro da periferia de Florianópolis com esta cidade. Este trabalho está ancorado na perspectiva da pesquisa-intervenção, sob a ótica da psicologia sócio-histórica. A cidade é aqui enfrentada como lugar de contradições, onde circulam os diversos bens culturais e materiais produzidos pela humanidade, mas, concomitantemente, a urbe também é o local onde as desigualdades sociais ficam evidenciadas. Para o processo de produção de informações foram realizados encontros semanais, também chamados de oficinas estéticas, numa ONG do bairro onde a pesquisa aconteceu. A análise das informações ocorreu por meio da seleção de fragmentos, tanto dos materiais produzidos nas oficinas estéticas (transcrições do áudio dos encontros e fotografias produzidas pelos participantes), quanto pelos relatos em diário de campo; estes fragmentos foram analisados na forma de excertos. Buscou-se formular a análise desses fragmentos compondo-os como uma montagem, favorecendo a tensão, o embate entre as diversas vozes presentes na pesquisa. O embasamento teórico foi construído a partir das contribuições de Vygotski e do Círculo de Bakhtin, entendendo que as imagens também se configuram como discursos, onde as tensões entre diversas vozes sociais estão presentes. As categorias de análise criadas a partir dos fragmentos foram as seguintes: “Olhares para o bairro”, onde os olhares dos moradores para o bairro foram o foco de análise, bem como as relações do bairro Chico Mendes com a cidade de Florianópolis; e “Olhares para a pesquisa”, onde aspectos do processo de produção da pesquisa foram examinados. Os materiais analisados evidenciam as relações dos sujeitos com o bairro, e do bairro com a cidade, objetivados na linguagem fotográfica. Sendo assim, as imagens indicam aspectos da memória do bairro, trazendo fragmentos de lutas comunitárias, características do processo de urbanização, bem como elementos das desigualdades sócio-espaciais.

Palavras-chave: Cidade, Periferia, Fotografia, Discursos



## ABSTRACT

This research had as a goal to investigate the relation between the residents of a neighborhood in the periphery of Florianópolis with the city itself. This study uses the intervention research perspective within the framework of sociohistorical psychology. The city is understood as a place of contradiction in which the variety of cultural and material goods produced by humankind move but at the same time the *urbe* is also where the social inequalities are evidenced. For the information production process, weekly meetings – also called esthetic workshops - were organized in a NGO located in the neighborhood in which the research took place. Analysis happened through the selection of excerpts from both what was produced in the workshops (audio transcriptions and photos taken by the participants) and the reports in the field journal. Works by Vygotski and the Bakhtin Circle are the theoretical foundation to this research and it is understood that images are also a kind of speech in which the tension between different social voices are found. The analysis categories created were: “Olhares para o bairro” (Views of the neighborhood) in which the residents' views of their own neighborhood was the focus of the analysis as well as the relation between the neighborhood Chico Mendes and the city of Florianópolis; and “Olhares para a pesquisa” (Views of the research) that is concerned in examining aspects of the production process. The analyzed material highlights the relations between the subjects and the neighborhood, as well as the one between the neighborhood and the city. Thus, the images indicate aspects of the neighborhood memory, bringing fragments of community struggles, features of the urbanization process and also elements of the sociospatial inequalities.

Keywords: City, Periphery, Photography, Speeches



## LISTA DE IMAGENS

Foto 1 – Apresentação na Escola, Alisson, 2012.....	50
Imagem 1 – Cartaz oficinas .....	69
Imagem 2 – Cartaz oficinas.....	69
Foto 2 – Oficina de fotografia.....	74
Imagem 3 – Capa calendário .....	74
Foto 3 – Vista da lage, Chica 2011.....	75
Imagem 4 – Vista Satélite Bairro Monte Cristo, Google - 2012.....	80
Foto 4 – Vista do quarto, Douglas 2011.....	83
Foto 5– Cambirela, Douglas 2011.....	86
Imagem 5 – Vista Google Earth Bairro Chico Mendes, 2011 .....	91
Foto 6 – Rua, Douglas 2011.....	96
Foto 7 - Construções, Chica 2011.....	97
Imagem 6 –Caixas d'água.....	98
Foto 8, Cidade sem fim, Douglas 2011.....	99
Foto 10 – Cozinha Casa Chico Mendes, Alisson, 2011.....	106
Montagem 1- Retratos de si.....	107
Foto 11 – Fachada Casa Chico Mendes, Flora 2011.....	112
Foto 12 – Atividade com mapas, 2011.....	117
Foto 13 – Oficina com mapas, 2011.....	126
Foto 14 – Fotografando, 2011, Flora.....	135
Imagem 7 – Calendário Chico Mendes 2012.....	139
Foto 15 – Varal, 2011, Flora .....	140





## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	21
2 INTRODUÇÃO.....	25
3 CAMINHOS TEÓRICOS.....	37
3.1 A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CIDADE.....	37
3.2 POLÍTICA E ESTÉTICA.....	41
4 TRAJETO METODOLÓGICO.....	45
.....	45
4.1 SOBRE O PESQUISAR.....	45
4.2 PRODUÇÃO DE IMAGENS E PRODUÇÃO DE DISCURSOS.....	46
4.2.1 O discurso para o Círculo de Bakhtin .....	46
4.2.2 Sobre a análise imagens.....	50
4.3 SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	56
4.4 SOBRE OS SUJEITOS .....	61
4.5 SOBRE A ESCOLHA DO CAMPO: UMA ESCOLHA POLÍTICA.....	62
4.6 O ENCONTRO COM O BAIRRO CHICO MENDES.....	65
5 (dialogi)CIDADES: bairro e cidade em foco.....	77
5.1 OLHARES PARA O BAIRRO.....	78
5.1.1 Sobre a Chico Mendes .....	78
5.1.2 A casa Chico Mendes.....	108
5.1.3 “A Chico Mendes não existe”.....	115
5.1.4 Mobilidade urbana.....	120
6 OLHARES PARA A PESQUISA.....	130
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	141
8 REFERÊNCIAS .....	145
9 APÊNDICE.....	159
9.1 BUSCA NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES .....	159
9.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	169
9.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (REPRESENTANTE LEGAL).....	170
9.4 DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	171



## 1 APRESENTAÇÃO

Os resultados de minha pesquisa de mestrado apresentados nessa dissertação tratam da relação dos moradores de um bairro da periferia de Florianópolis com esta cidade e este bairro. Meu olhar de pesquisadora esteve voltado para os aspectos da mobilidade urbana e do direito à cidade, de forma que busquei analisar como esses aspectos se cruzam na relação dos participantes da pesquisa com a cidade.

Minha relação com este tema é anterior ao ingresso no Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFSC. Minha participação no Movimento Passe Livre (MPL)<sup>1</sup>, trouxe para minhas reflexões e práticas cotidianas os temas das cidades, da mobilidade e imobilidade urbana. Assim, a escolha desse tema de pesquisa não é neutra do ponto de vista político, nem tampouco desvinculada do meu cotidiano. Sabemos que por eu já ter constituído um olhar militante para essas questões, será necessário um movimento de estranhamento do próprio olhar. Compreendemos que ao tomar certa distância desta forma de ver marcada pela militância, será possível refletir sobre estes temas e produzir novas significações para antigas questões.

Como a participação política fazia parte de minha vida antes de ingressar na universidade, ao entrar no curso de Psicologia procurei participar de espaços onde estas questões estivessem presentes. Minha primeira experiência como bolsista/pesquisadora foi no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em um projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que ocorria em uma parceria do Centro de Educação de UFSC (CED) com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A experiência com o PRONERA também possibilitou que um outro aspecto para além da política fosse em mim despertado, proporcionando-me um reencontro com a fotografia. Meu primeiro contato com essa arte se deu na infância, já que meu pai, fotógrafo amador, tinha um laboratório de revelação em um banheiro desativado de nossa casa e algumas vezes me era permitido observar o processo de revelação das imagens. O papel branco, que depois de mergulhar em um líquido, regressava com alguma imagem estampada, me fascinava.

Enquanto estive atuando junto ao projeto de EJA, uma tarefa que realizava era registrar, por meio de fotografias, as atividades desenvolvidas. As viagens ao campo, o contato com as pessoas que lá viviam, as casas em que essas pessoas habitavam, os banheiros muito

---

<sup>1</sup> Movimento social que atua sobre as questões do acesso ao transporte público.

diferentes dos que existem na cidade, as crianças e suas brincadeiras, e tudo mais que lá existia, passaram a exercer sobre mim uma necessidade de fotografar<sup>2</sup>, não apenas como forma de registro das atividades, mas como uma maneira de estar naquele outro espaço que eu estava conhecendo, e que para mim se mostrava inteiramente novo e desafiador. Durante o tempo que estive no projeto resolvi fazer um curso técnico em fotografia<sup>3</sup>, para conhecer as técnicas e recursos que essa linguagem poderia me oferecer. Após este curso passei também a fotografar de forma mais dedicada as atividades do Movimento Passe Livre, fazendo com que a experiência da militância e da fotografia se unissem. Entendo que fotografar o Movimento<sup>4</sup> é também uma forma de atuar no mesmo, a produção de imagens do Movimento por parte de pessoas que o integram é uma maneira de intervir e contarmos alguma coisa, por meio de uma linguagem não oral.

Ao ingressar no projeto de EJA, a possibilidade de relacionar-me com os movimentos sociais a partir do lugar de pesquisadora mostrou-se uma possibilidade, uma vez que até então eu acreditava que este tipo de relação entre pesquisa e movimentos sociais só era possível fora da psicologia. Por estar no início do curso de graduação, ainda não havia entrado em contato com perspectivas em psicologia que aproximassem a pesquisa e os movimentos sociais.

Somente mais tarde tive a oportunidade de entrar em contato com a Psicologia Social. Este contato aconteceu após eu ter sido sujeito de pesquisa para uma dissertação de mestrado que estudou a participação política no Movimento Passe Livre. Foi a participação nesta pesquisa que me mostrou, na prática, que é possível fazer pesquisa em psicologia de outra forma. Após participar desta pesquisa as distâncias entre a psicologia e minha prática política ficaram menores. Em minhas reflexões recentes sobre a experiência de ser sujeito de pesquisa, constatei o quanto ocupar esse lugar social mudou minha própria perspectiva sobre o pesquisar.

No entanto, minha aproximação com as perspectivas da Psicologia Social Latino-americana ocorreu para além da experiência de

---

<sup>2</sup> Parte das fotografias feitas nessas viagens foram expostas na mostra fotográfica do Congresso Internacional “Fazendo Gênero 8 - Corpo, violência e poder”.

<sup>3</sup> Curso Básico em Fotografia, oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SC

<sup>4</sup> Neste trabalho a palavra Movimento, grifada com a primeira letra maiúscula, se refere ao Movimento Passe Livre

participar de uma pesquisa como sujeito. No decorrer do curso de graduação tive a oportunidade de realizar estágio obrigatório<sup>5</sup>, projetos de pesquisa e extensão, além de exercer monitoria da disciplina de Psicologia Social II. Todas essas experiências tinham como referenciais teórico-metodológicos a Psicologia Social Latino-americana e, em especial, a Psicologia Sócio-histórica.

Foi neste processo que me aproximei do Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais: relações éticas, estéticas e processos de criação (NUPRA). Passei a frequentar os espaços dos grupos de estudos do NUPRA enquanto estava na graduação e, foi a partir destes espaços de trocas muito ricas sobre psicologia, arte, política, cidade, dentre tantos outros temas, que meu interesse pela pesquisa acadêmica foi crescendo. Em nossas discussões os mestrandos e doutorandos do grupo contavam sobre suas pesquisas, relatavam suas experiências, e minha intenção em desenvolver uma investigação no mestrado foi se consolidando.

É a partir destas experiências, no PRONERA com os movimentos sociais e a fotografia; como sujeito de pesquisa; como militante de um movimento social; como estagiária em Psicologia Social e como monitora da disciplina; que as relações entre pesquisa, política e estética foram se consolidando em minha trajetória. A relação entre estes diversos interesses se objetivou em minha opção de ingressar no PPGP.

Ao investigar a relação dos moradores do bairro em questão com essa cidade, voltei meu olhar para as conexões entre a mobilidade urbana, o acesso ao transporte público e o direito à cidade, assuntos que amplamente discutidos pelo Movimento Passe Livre. A oportunidade de realizar uma pesquisa acadêmica acerca de um tema que possui envolvimento político e militante, além de ter sido um grande desafio, no qual precisei por inúmeras vezes exercitar o estranhamento de meu olhar militante, visando a produção acadêmica, também tornou o processo de pesquisa muito envolvente, uma vez que pude buscar outros olhares para uma temática que tanto me cativa.

---

<sup>5</sup> O estágio obrigatório, os projetos de pesquisa e extensão e a monitoria, foram realizados sob orientação da Prof<sup>a</sup> Kátia Maheirie



## 2 INTRODUÇÃO

(...) *De uma cidade,  
não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas perguntas.  
Italo Calvino*

Habitar as cidades marca o modo de vida contemporâneo, pois atualmente mais da metade da população mundial vive nestes locais. Para o ano de 2030, estima-se que a população das áreas urbanizadas irá ultrapassar a população rural<sup>6</sup> inclusive nas regiões em desenvolvimento, como Ásia e África. Rodrigues (2004) afirma que se trata “de um modo de vida na atualidade”. Fala-se, inclusive, que o *homo sapiens* passará a ser chamado de *homo sapiens urbanus*.

No Brasil, segundo o Censo realizado pelo IBGE no ano de 2010<sup>7</sup>, cerca de 85% da população vive nas cidades. Dedicar-se ao estudo das relações entre os sujeitos neste contexto, apresenta-se não somente como uma inquietação acadêmica, mas também expressa uma necessidade social. Para Lefebvre (2009), na contemporaneidade as cidades passaram a ser “o grande laboratório” da humanidade, já que provocam reflexões teóricas e produção de conhecimento. Sob esta perspectiva, pode-se afirmar que as cidades constituem um interessante campo-tema<sup>8</sup> de estudo para as ciências humanas.

A vida urbana caracteriza o tempo presente não apenas pelo fato de ser quantitativamente mais expressiva que a vida no campo, mas também porque, como nos traz Bauman (2009), até mesmo para entender as realidades rurais é preciso se dedicar ao estudo do seu entorno, ou seja, as cidades. Outros autores também discutem as relações campo-cidade, como Lefebvre (2009) quando aponta para uma urbanização do campo, assim como Rodrigues quando (2004; 2007) afirma que as atividades urbanas ultrapassam os limites de cidade.

A cidade é o espaço onde circulam os diversos bens culturais e materiais produzidos pela humanidade, onde a qualidade de vida é uma promessa. Concomitantemente, a urbe também é o local onde as desigualdades sociais ficam evidenciadas. Os serviços públicos e bens

<sup>6</sup> Estudo realizado pela ONU - UN-HABITAT. State of the World's Cities 2010/2011 - Cities for All: Bridging the Urban Divide. Nairobi, 2010.

<sup>7</sup> [http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php](http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros_dados_divulgados/index.php)  
acesso em 01/04/11

<sup>8</sup> Spink (2003) define campo-tema como “o campo não é mais um lugar específico, mas se refere à processualidade de temas situados.”

culturais, entre outros elementos que promovem a vida com qualidade, não são uma realidade para todos os seus moradores. Maricato e Junior (2007) apontam que

De espaço de mobilidade social e lugar de acesso à diversidade cultural, melhores oportunidades de emprego e qualidade de vida, elas têm se tornado aglomerações, em grande parte depósito de pessoas, marcadas pela fragmentação, dualização, violência, poluição e degradação ambiental. (Maricato e Junior, 2007, pg. 167)

As desigualdades ficam evidentes nos espaços das cidades. Enquanto algumas regiões recebem amplo investimento público, que valorizam as propriedades ali presentes, outros locais, em geral as periferias, se encontram praticamente abandonadas pelo poder público, de forma que nelas os serviços públicos essenciais são quase inexistentes. Maricato (2007) afirma que, comumente, o poder público administra de forma satisfatória apenas uma parte da cidade. A diferença de estrutura urbana entre os bairros onde as camadas mais ricas da sociedade residem, e as periferias, expõem esta administração desigual.

A cidade não é a mesma para todos os seus habitantes. Ribeiro e Junior (2007) apontam que enquanto para algumas classes e grupos sociais estas são “espaços de abundância e de integração virtuosa”, outros grupos a experimentam como “espaços de concentração da população vivendo simultâneos processos de exclusão social”. Este fenômeno, no qual a vivência e as possibilidades que as cidades oferecem são diferentes em função do grupo social ao qual pertence o cidadão, pode ser denominado de segmentação socioterritorial. Cabe então a quem se propõe refletir sobre a cidade, debruçar-se sobre as desigualdades e exclusões que em seu território ficam manifestas e nele são produzidas.

Na cidade de Florianópolis a diferença de investimento público entre as áreas ditas nobres e as periferias é também uma realidade. Apesar da imagem de cidade ideal, que é transmitida pelos meios de comunicação com o intuito de promover o turismo, Florianópolis possui inúmeros problemas de ordem urbana, incluindo a pior condição de mobilidade urbana do país<sup>9</sup>. Este problema com a mobilidade é tão

<sup>9</sup> Estudo realizado por Valério Medeiros da Universidade de Brasília. Fonte: Diário Catarinense de 25/05/2009  
<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2523317.xml#>



latente na cidade, que foi apontado como uma das razões para Florianópolis não entrar na lista das cidades sede para a Copa de 2014, que irá ocorrer no Brasil.

As periferias nem sempre foram os locais de habitação das camadas populares. Até o início do século XX estas populações também residiram nos centros das cidades, mas, com o advento das reformas urbanas implementadas no Brasil nas primeiras décadas do século XX, ocorreu um processo de expulsão destas populações dos centros urbanos. A reforma urbana de Paris, ocorrida no final do século XIX, serviu de modelo para as reformas brasileiras. Tais reformas propunham a chamada modernização das cidades, alargando suas avenidas, introduzindo redes de saneamento e eletricidade, construindo monumentos e prédios públicos, dentre outras obras. Contudo, neste processo, cortiços e bairros populares inteiros foram derrubados, o que demonstra que outro objetivo, além da dita modernização balizava essas ações, era a retomada destes territórios centrais, para torná-los espaços para as elites.

Pode-se dizer que o processo de expulsão das populações empobrecidas dos centros urbanos para as periferias é quase uma unanimidade na constituição das cidades brasileiras. Santos (2009) aponta que na capital catarinense este processo teve início em 1920. Os bairros onde viviam as populações mais pobres foram destruídos para que nestes lugares pudessem ser construídos espaços para as elites políticas e econômicas. Foi em meio a estas reformas urbanas que as camadas populares passaram a habitar os morros próximos ao centro de Florianópolis. Na inexistência de políticas públicas para estas populações, as mesmas foram construindo suas casas da forma que conseguiam, muitas vezes estabelecendo residência em locais inapropriados para sua saúde e segurança. Este movimento de ocupação das áreas distantes do centro para habitação das camadas populares teve início em 1920 e não parou até hoje. Atualmente, além dos morros próximos ao centro, outras áreas da região metropolitana de Florianópolis também se tornaram locais de habitação para as camadas populares, como por exemplo, as regiões próximas às rodovias que promovem o acesso à ilha.

Não é apenas a distância do centro que faz com que uma região seja denominada periferia. Existem bairros residenciais construídos para as camadas médias e ricas que também estão distantes do centro urbano e, inclusive, esta é uma característica valorizada. Entretanto, nestes bairros de subúrbio, o investimento público é elevado, fazendo com que

tais espaços se tornem muito caros para que os mais pobres possam habitá-los. O preço de um terreno, de uma casa ou o aluguel, estão entre alguns fatores que determinam a constituição dos bairros populares e dos bairros elitizados. Percebemos que neste processo, ao invés de existirem políticas públicas para a gestão das cidades, temos a especulação imobiliária determinando quem pode, ou não, habitar determinadas áreas.

A criação de políticas públicas para as questões urbanas, principalmente políticas voltas às regiões habitadas pelas camadas populares, nunca foram prioridade para os governos brasileiros, tanto nas esferas municipais e estaduais, como federal. Podemos afirmar que há um “vazio institucional” no que tange as políticas públicas para as cidades (Maricato e Junior, 2007, pg. 168). Contudo, apesar do abandono histórico por parte dos governantes do Brasil para as questões urbanas, a criação do Ministério das Cidades, em 2003, foi um marco importante para as políticas urbanas neste país. Junto com a criação deste Ministério, foram estabelecidas diversas secretarias para tratar dos assuntos referentes às cidades, dentre elas, a Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana – SeMob. Destacamos a criação desta secretaria, em especial, esta pesquisa teve como foco de análise a circulação de moradores das periferias pela cidade de Florianópolis. Buscaremos investigar que estratégias estes criam para realizarem seus deslocamentos cotidianos, quais são as condições de mobilidade urbana para estes sujeitos, e que olhares produzem sobre esta cidade.

As condições de mobilidade urbana de Florianópolis se constituem como um problema para a cidade. Os engarrafamentos se tornaram constantes no cotidiano da cidade. Há algum tempo atrás, as filas eram associadas ao verão, época em que milhares de turistas vêm passar as férias na cidade. No entanto, atualmente, elas estão presentes em diversos pontos da cidade, independente da época do ano. A questão da mobilidade se tornou tema dos noticiários, dos discursos parlamentares, dos programas de governo dos candidatos, bem como da atuação e reflexão dos movimentos sociais.

Além das dificuldades de mobilidade envolvendo os carros, o deslocamento utilizando o transporte público coletivo também piorou nos últimos tempos. Em 2003 foi implementado o Sistema Integrado de Transporte - SIT, com este novo sistema foram construídos seis terminais de integração na cidade. Após a criação do Sistema Integrado, as linhas de ônibus passaram a realizar baldeações entre os terminais de integração. Muitas linhas de ônibus que antes realizavam um trajeto

direto do bairro até o centro passaram a realizar paradas nos Terminais de Integração, onde o passageiro necessita trocar de coletivo para seguir viagem. Um exemplo de como a mobilidade piorou com este sistema é o de uma pessoa que precisa se deslocar de algum bairro localizado nas praias até o centro da cidade. Antes do Sistema Integrado ela necessitava pegar apenas um ônibus, mas, atualmente ela precisa tomar dois coletivos, um em seu bairro de origem, e outro em algum dos Terminais de Integração construídos com o Sistema Integrado. Além de ter que trocar de ônibus, esta pessoa ainda terá que aguardar o outro coletivo, ou seja, o tempo de viagem ficou relativamente maior e o deslocamento mais longo.

Alguns elementos como a criação do SIT, bem como a segunda passagem de ônibus mais cara do país<sup>10</sup>, ficando atrás somente de São Paulo, tiveram como consequência um aumento na frota de carros, o que faz com que os congestionamentos também cresçam. Segundo uma reportagem publicada pela Folha de São Paulo<sup>11</sup>, Florianópolis é a 16ª cidade brasileira com a maior frota de carros por habitante, existindo 0,6 carro *per capita*. E este número tende a crescer: de acordo com dados do Detran<sup>12</sup>, a frota de veículos cresce três vezes mais que a população da capital. Estima-se que em 2020 a frota da região metropolitana de Florianópolis irá dobrar, atingindo 800 mil veículos. Estes dados indicam que algo precisa ser feito, uma vez que se a situação continuar como está, a cidade poderá viver um colapso na mobilidade urbana.

O ano de 2004 foi um marco para as lutas relacionadas ao transporte público em Florianópolis. Após um aumento de 15,6% nas tarifas de ônibus, a população tomou as ruas da cidade durante dez dias, reivindicando a revogação do aumento. A primeira manifestação ocorreu na segunda-feira dia 28 de Junho, e no dia 08 de Julho o aumento foi cancelado, uma vitória dos movimentos sociais, organizações comunitárias e da população de Florianópolis em geral. Alguns se atrevem a dizer que este período representa “Os dez dias que abalaram Floripa”, em alusão ao clássico livro de John Reed “Os dez dias que abalaram o mundo”. Neste levante popular, que também ficou

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Geral&newsID=a3203331.xml> Acesso em 30 de março de 2011

<sup>11</sup> Folha de São Paulo, 18 de julho de 2010.

<sup>12</sup> Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a1894769.xml> Acesso em 30 de março de 2011

conhecido como “Revolta da Catraca”, a juventude teve um papel de destaque<sup>13</sup>, em especial a juventude organizada em torno da reivindicação do Passe Livre<sup>14</sup>.

Em 2005 houve novamente aumento nas tarifas, desta vez de 8,8%. Os protestos contra este aumento também tomaram as ruas da cidade. Assim como no ano anterior, em 2005, o movimento também foi vitorioso, conseguindo impedir o aumento pelo segundo ano consecutivo. No entanto, em 2005 as manifestações duraram mais tempo, aproximadamente três semanas de luta. Em 2004 houve repressão policial, todavia, em 2005 ela foi mais violenta. Algumas cenas deste ano lembram os terríveis tempos da ditadura militar. A imagem<sup>15</sup> de onde um estudante ajoelhado sendo brutalmente espancado nos faz refletir sobre que tipo de democracia vivemos. Tanto em 2004, como em 2005, dezenas de pessoas foram presas e feridas.

Desde então, os aumentos tarifários não passam despercebidos na cidade de Florianópolis. Todos os anos a tarifa aumenta e todos os anos acontecem protestos. Porém, a população não conseguiu baixar o preço da passagem de ônibus novamente. Apesar de não impedir os novos aumentos, estas lutas em Florianópolis ajudaram a pautar no cenário político da cidade a questão da mobilidade urbana.

As contribuições do MPL acerca deste tema são solicitadas com frequência, tendo em vista os convites que o Movimento recebe para debater mobilidade urbana em diferentes espaços, como programas

---

<sup>13</sup> LIBERATO, L. V. M. A Guerra da tarifa: uma visão por dentro do Movimento Passe Livre. São Paulo: Faísca, 2005.  
LIBERATO, L. V. M. A Guerra da Tarifa. São Paulo: Ed.Faísca, 2004.  
SOSA, J. T. Juventude, contestação e a política de pernas para o ar: O Movimento Passe Livre em Florianópolis. Santa Catarina, Mimeo, 2005.

<sup>14</sup> INÁCIO, Ana Elise Cardoso. . **Jovens em movimento** : um estudo sobre o Movimento Passe Livre em Florianópolis. Florianópolis, SC, 2008. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.  
GOMES, Marcela de Andrade. **Passe livre já** : participação política e constituição do sujeito. Florianópolis, 2008. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

<sup>15</sup> Imagem presente no documentário “Amanhã vai ser maior” de de Juliana Kroeger, Fernando Evangelista, Vinicius Possebon, Thiago Skárnio e Alex Antunes.

locais de televisão, eventos acadêmicos e institucionais. A pauta da mobilidade é muito frequente nos noticiários locais, o que evidencia uma preocupação por parte da opinião pública para este tema.

Em âmbito nacional, as condições de Mobilidade Urbana não tem sido uma preocupação apenas dos movimentos sociais. A Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana - SeMob -, lançou um Programa de Mobilidade urbana, cujos objetivos<sup>16</sup> são:

formular e implementar a política de mobilidade urbana sustentável, entendida como “a reunião das políticas de transporte e de circulação, e integrada com a política de desenvolvimento urbano, com a finalidade de proporcionar o acesso amplo e democrático ao espaço urbano, priorizando os modos de transporte coletivo e os não-motorizados, de forma segura, socialmente inclusiva e sustentável.

Entendemos que a criação desta Secretaria Nacional é um primeiro passo para que as questões de mobilidade estejam contempladas nas políticas públicas. Em seu programa a SeMob enfatiza que um dos objetivos da mesma é propiciar o acesso “amplo e democrático” às cidades. Neste sentido podemos dizer que o direito à mobilidade possibilita o direito à cidade. Lefebvre (2009) discute que o direito à cidade é fundamental, uma vez que as cidades são obras da humanidade a experiência de vivenciar e apropriar-se desta obra deve ser direito de todos.

Na Constituição Federal<sup>17</sup>, proclamada em 1988, são considerados direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Destacamos que existe uma relação direta entre a mobilidade urbana e o acesso aos direitos proclamados na Constituição Federal, uma vez que geralmente é necessário se deslocar para utilizar os serviços e equipamentos públicos. Um exemplo é que, comumente, precisamos nos deslocar pela cidade para chegarmos nas escolas e hospitais, ou seja, há uma conexão entre os direitos à saúde e à educação, e a necessidade de mobilidade. Compreendemos que a necessidade dos cidadãos se deslocarem pelas cidades deve ser garantida pelo poder público, ou seja,

---

<sup>16</sup> Programa 9989 de Mobilidade Urbana – 2007

<sup>17</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)

a mobilidade urbana também deve ser tratada como um direito.

O IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – em uma pesquisa<sup>18</sup> realizada ao longo do ano de 2010, traçou um perfil da mobilidade urbana no Brasil. Esse estudo apontou que o uso do transporte público para o deslocamento dentro da cidade ainda prevalece sobre as outras modalidades de transporte (carro, moto, a pé, bicicleta). Cerca de 44,3% da população brasileira utiliza o transporte público para se locomover, enquanto nas outras modalidades os números são respectivamente os seguintes (23,8%, 12,6%, 12,3%, 7,0%). Estes dados indicam a importância do transporte público para a mobilidade urbana no país. Em outro estudo<sup>19</sup> o IPEA analisou as despesas com transporte em relação à renda das famílias, e constatou que o uso do ônibus cresceu nas camadas populares. As informações trazidas por essas duas pesquisas, quando analisadas em conjunto, demonstram a relevância do transporte público, em especial do ônibus, para a mobilidade urbana da população brasileira.

A opção de pesquisar a mobilidade urbana a partir do transporte público não ocorreu somente em razão de que esta modalidade é essencial para circulação e encontro das pessoas na cidade, mas também porque se entende que a análise do público, com relação à vida urbana, é um elemento fundamental, como expõe Bauman no trecho abaixo,

É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos (Bauman, 2009, pg. 70).

A circulação pela cidade é uma necessidade cotidiana, uma vez que em geral é necessário deslocar-se pela cidade para a realização das diversas atividades diárias, como trabalhar, estudar, adquirir bens e serviços etc... Uma das características da vida urbana é seu movimento diário, pessoas caminhando pelas calçadas, ônibus circulando pelas ruas, carros e motos disputando espaço nas avenidas. Justamente por ser uma prática rotineira, a circulação pela cidade, deve ser estranhada, o

---

<sup>18</sup> Sistema de Indicadores de Percepção Social – SIPS Mobilidade Urbana, 2010

<sup>19</sup> Comunicado IPEA nº 69 - Evolução das despesas com habitação e transporte público nas Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF): análise preliminar – 2002-2009, 2010.

pesquisador no cotidiano deve buscar o estranhamento dos acontecimentos diários, este tipo de pesquisador “não apenas cumpre a função de reafirmar algo conhecido, mas a de conhecer mais algo sobre o conhecido” (Sato, 2009, pg. 223).

Peter Spink (2008) atenta para necessidade do pesquisador investigar “no cotidiano”. Ele considera que “o cotidiano é tudo que temos”. É no cotidiano que as coisas acontecem, que as pessoas vivem, de forma que o autor traz a ideia de “micro-lugares”, para ilustrar a busca de “recolocar a psicologia social como prática social, de conversa, de debate, de uma inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários” (Spink, 2008, pg. 70).

O referencial teórico-metodológico deste projeto é a psicologia social, de base latino- americana. Entendemos que o processo de constituição dos sujeitos dá-se dialeticamente, no movimento de objetivação-subjetivação, onde a síntese se encontra aberta, uma vez que o que caracteriza o humano é o vir a ser (Maheirie e Pretto, 2007). A constituição dos sujeitos é movimento, constante e incessante.

Lucia Rabello de Castro (2001 e 2004) desenvolve interessantes pesquisas sobre a relação das crianças com as cidades. Ela afirma que a cidade deve ser aprendida, ou seja, a criança precisa da mediação do outro para aprender a vida na cidade, bem como os códigos que neste espaço são compartilhados. Castro (2004), aponta para a necessidade de espaços nas cidades, onde as experiências possam ser compartilhadas com o outro, já que o outro é mediador para a construção dos sentidos próprios das vivências experimentadas na cidade. As colocações de Castro sobre a necessidade de relação com outro para a construção de significados próprios da experiência na cidade podem fazer uma aproximação com as obras de Vygotski (2000; 1991a, 1991b), já que este autor afirma que é justamente nesse movimento que parte do coletivo para o individual que se constitui o psiquismo humano. Do coletivo para o individual se constitui o sujeito, do coletivo para o individual acontecem os processos de significação, do coletivo para o individual as vivências na cidade podem ser significadas.

A cidade, por ser obra humana, é caracteristicamente simbólica, os elementos que dela fazem parte, só podem ser compreendidos a partir da relação com o outro. Assim como os sujeitos se constituem a partir da mediação do outro, a cidade também se faz mediadora do sujeito.

Não entendemos ser possível realizar uma investigação que envolva sujeitos e seus modos de subjetivação, sem a análise das condições materiais dos mesmos, bem como das significações que estes

produzem acerca delas. Por essa razão, pesquisar as relações dos sujeitos com as cidades mostra-se um profícuo campo-tema de estudos para a psicologia social.

Visando obter um panorama da produção acadêmica acerca dos temas que serão pesquisados realizou-se uma busca<sup>20</sup> no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Cabe ressaltar que após a pesquisa no referido banco foi realizada uma seleção dos trabalhos que de fato possuem relações com os temas dessa pesquisa. Os descritores utilizados na busca foram *Direito à cidade e psicologia*; *Cidade, Psicologia e Transporte público* e *Periferia e Florianópolis*.

Com os descritores *Direito à cidade e psicologia* foram encontrados 54 trabalhos. Após a leitura dos títulos e resumos foi selecionada uma dissertação da área do Direito (Domingues, 2003). Tal pesquisa trata dos processos de urbanização no Ocidente, do agravamento da exclusão social, e propõe uma discussão acerca da necessidade de criação de políticas públicas que visem essas questões.

Na busca com os descritores *Cidade, Psicologia e Transporte público* foram encontrados 8 trabalhos, apenas um foi selecionado por possuir proximidade com os temas de nossa investigação. (Mesquita, 2008) discute o planejamento dos transportes e mobilidade, bem como as representações espaciais dos moradores de Uberlândia com relação ao uso das vias públicas desta cidade.

Já com os descritores *Periferia e Florianópolis* foram encontrados 19 trabalhos, sendo que dois deles foram selecionados. O primeiro é a dissertação de Titon (2008) que trata da relação dos jovens de baixa renda com a cidade de Florianópolis. Já a tese de Durand (2000) discute a questão das juventudes nas periferias de Florianópolis, suas sociabilidades e produções culturais. A pesquisa com esses descritores teve por objetivo fazer um levantamento do que já foi produzido acerca das características do local onde nossa pesquisa foi realizada.

Feitas essas colocações iniciais, podemos afirmar que o objetivo dessa pesquisa foi investigar as relações dos moradores de um bairro da periferia de Florianópolis com essa cidade, a partir da realização de oficinas estéticas e por meio da produção fotográfica dos mesmos.

Como nos traz Calvino (1995), de uma cidade devemos aproveitar “a resposta que dá às nossas perguntas”. Contudo, é possível acrescentar ao seu pensamento, que além das cidades possibilitarem

---

<sup>20</sup> Busca realizado no dia 10 de novembro de 2010. Em anexo encontra-se um quadro com os trabalhos encontrados.



respostas às nossas perguntas, elas também suscitam a elaboração das mesmas. Por esta razão, o objetivo da nossa investigação não poderá ser o de responder a todas as perguntas formuladas, mas pelo contrário, é desejado que este trabalho possibilite o surgimento de novas questões que possam vir a engendrar novas perguntas no exercício do pesquisar.



### 3 CAMINHOS TEÓRICOS

#### 3.1 A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CIDADE

*Ser, eu sei.  
Quem sabe essa cidade me significa.  
Paulo Leminski*

A compreensão de constituição dos sujeitos que integra este trabalho é elaborada principalmente a partir das contribuições de Vygotski, assim como de outros autores que discutem a constituição individual, através da mediação do coletivo. Compreendemos que o sujeito é constituído (nas) e constitui (as) relações sociais. Dizer que as relações sociais são fundamentais para a constituição dos sujeitos não quer dizer, de forma alguma, que o sujeito seja passivo, uma vez que estas relações são produzidas pelos próprios sujeitos. A respeito das conexões existentes entre as relações coletivas e as constituições singulares Groff, Maheirie e Zanella (2010) apontam que

falar em constituição do sujeito é também falar da constituição do coletivo, pois a relação que se apresenta entre sujeito e sociedade, entre o nós e o eu, caracteriza-se como processo dialético onde um é condição da existência do outro. (Groff, Maheirie e Zanella, 2010 pg. 98)

Compreendemos a constituição dos sujeitos de forma dialética, aberta e inacabada, ou seja, os sujeitos estão em constante movimento, objetivam-se, subjetivam-se, re-objetivam-se, onde a síntese nunca se fecha, já que uma característica humana é o vir a ser. (Maheirie e Pretto, 2007).

De acordo com Vygotski a constituição de cada sujeito singular é social pois “passamos a ser nós mesmos através dos outros”<sup>21</sup> (Vygotski, 1991a, pg. 149). Bakhtin também aponta que o individual deve sempre ser investigado a partir do social, pois “a consciência individual não só nada pode explicar, mas ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico social.” (Bakhtin, 2006, pg. 33)

Entender os processos de mediação social para a constituição dos

---

<sup>21</sup> Tradução livre do espanhol “pasamos a ser nosotros mismos a través de otros”

sujeitos é uma tarefa complexa e necessária, pois, compreender onde Vygotski rompeu com outras formas de pensar a constituição dos sujeitos é crucial para a diferenciação da psicologia por ele criada: “é o caráter histórico que diferencia a concepção de desenvolvimento humano de Vigotski das outras concepções psicológicas e lhe confere um valor inovador ainda nos dias de hoje” (Sirgado, 2000, pg. 48). Pino (2005) afirma que falar sobre a origem social da constituição dos sujeitos pode parecer um enunciado simples, mas coloca à ciência uma grande complexidade teórica e metodológica.

Em sua obra “Génesis de las funciones psíquicas superiores” Vygotski desenvolve a tese de que as Funções Psicológicas Superiores se desenvolvem nas crianças do externo ao interno, ou seja, determinada função tem primeiramente um lugar social e depois se converte em individual. Ao contrário do que afirma Piaget, Vygotski não entende que o desenvolvimento da criança se oriente para a socialização, para Vygotski as relações sociais são convertidas em funções psicológicas, de forma que o movimento acontece do social ao individual.

O desenvolvimento segue não para a socialização, mas para a individualização (...) geralmente perguntam, como esta ou aquela criança se comporta no coletivo. Nós perguntamos: como o coletivo cria nesta ou aquela criança as funções superiores? (Vigotski, 2000, pg. 21-22)

Assim como a constituição dos sujeitos é dialética e social, na cidade “a essência do espaço é social” (Santos, 2008a, pg. 12), de forma que o humano constitui e modifica a cidade, a cidade modifica e constitui o humano. A relação entre cidade e sujeitos é complexa, de nenhuma forma é unilateral, já que é dialética e movimento. Os processos que constituem os sujeitos são obras da humanidade, assim como a cidade também é obra humana, os sujeitos a constituem e nela se constituem. Neste sentido, podemos afirmar que as imbricações existentes entre o sujeito e a cidade na qual ele vive também nos fornecem elementos para pensarmos os processos de subjetivação.

Utilizamos as obras de Vygotski e Milton Santos para pensarmos nestas relações sujeito-cidade. Milton Santos foi um dos mais importantes geógrafos brasileiros, ele pensava a geografia, assim como Vygotski pensava a constituição dos sujeitos, a partir do referencial histórico-dialético. É reconhecido em ambos autores, um do psiquismo humano, outro da geografia humana, contribuições essenciais para o

desenvolvimento desta pesquisa.

Acreditamos que esses dois autores, de diferentes áreas, de diferentes tempos, mas que demarcados os contextos em que escreveram, possuem algumas reflexões que podem dialogar. Para ambos autores alegar a existência da natureza, entendida como sinônimo de “natureza natural”, ou seja, meio em que o homem não teve nenhuma ação sobre, é uma afirmação complicada, uma vez que a partir da existência do homem como ser social esse culturalizou e simbolizou a natureza. “Com a presença do homem sobre a Terra, a Natureza esta sempre sendo redescoberta, desde o fim de sua historia natural e a criação da natureza social” (Santos, 1992, pg. 96).

Santos (2008b) afirma que “a produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos” (Santos, 2008b, pg. 70). Acreditamos que a base dessa afirmação também nos ajuda a pensar sobre os processos de constituição do sujeito para Vygotski. Para este autor, a constituição dos sujeitos acontece por meio das relações sociais, mediados pelo outro e pelos signos. Justamente pela constituição tanto do espaço, como dos sujeitos serem entendidas somente a partir das relações sociais, acredita-se que essas duas categorias possam ser investigadas em suas inter-relações, sujeitos que vivem em cidades, cidades que constituem sujeitos, sujeitos que significam as cidades. Hissa (2008) ao debater as questões ambientais, tema tão vigente na atualidade, afirma que a cidade é o ambiente do homem. As colocações do autor nos questionam sobre a possibilidade de pensarmos a constituição humana sem considerarmos suas imbricações com as cidades em que vivem. Entendemos que é impossível pensar nas subjetividades contemporâneas sem considerarmos as implicações que a vida nas cidades impõe. Ao afirmar que “o homem é a cidade” (p. 266) Hissa radicaliza seu argumento, afirmando que “a leitura das cidades se converte na leitura do humano, do ambiente, da vida moderna” (p. 271).

Compreendemos que a partir de uma visão histórica e dialética da constituição dos sujeitos podemos estabelecer algumas relações entre esta constituição e a vida nas cidades. De acordo com a concepção sócio-histórica, a constituição dos sujeitos é sempre mediada pelos outros e pelos signos. O âmago do pensamento vygotskiano está em apontar a mediação como fundamental para a constituição dos sujeitos. A cidade é repleta de signos, que só podem ser significados a partir da mediação do outro. Tanto na experiência urbana, como na constituição dos sujeitos, o outro é mediação fundamental. Sobre a relação entre a cidade e o outro Hissa (2008) afirma “a cidade é, também, portanto, o

lugar da alteriidade: onde se é outro” (p. 170). Se a cidade é o local onde acontece o encontro com o outro, é também o espaço onde é possível ser outro. A própria cidade se configura como um outro, possibilitando a criação de significados a partir dos encontros que nela acontecem. A mobilidade urbana, o deslocar-se pelas cidades, pode ser um fator que possibilita o acesso a essa diversidade semiótica que a cidade oferece. Neste sentido, o Movimento Passe Livre de São Paulo diz que “uma cidade só existe para quem pode ser movimentar por ela”, ou seja, essa riqueza de novos significados que a cidade pode oferecer só se torna uma realidade se existirem condições para que os sujeitos as experimentem.

Baptista (2010) tece suas reflexões acerca da mobilidade/imobilidade urbana relacionando estes elementos com a construção de sentidos na vivência urbana. Estas conexões existentes entre constituição dos sujeitos e mobilidade urbana também podem ser tecidas através do conceito de experiência. Smolka (2006, pg. 125) destaca que “Falar da experiência é falar de corpo/sujeito afetado pelo outro/signo. É falar da vida impregnada de sentido. Não existe experiência sem significação”. As condições de mobilidade pela cidade podem oferecer diversas possibilidades de experiência, e essas novas experiências possibilitam novas significações.

Muros, pavimentos, espaços vazios, grades, calçadas e a paisagem construída, longe de reduzir-se a funções necessárias da vida urbana, enunciam memórias, medos, passagens, gestos nem sempre visíveis por aqueles que os usam. Desses enunciados, músculos e rostos são tecidos e/ou recusados incansavelmente. (Baptista (2010, p. 213)

“Ser, eu sei. Quem sabe essa cidade me significa”, Leminski (1994) pode sintetizar, de forma poética, o principal argumento da concepção Sócio-Histórica de sujeito. Existir não é a questão principal, uma vez que todo ser vivo existe, no entanto, o que diferencia o ser humano é sua existência significada, por ele e pelos outros. De acordo com o poema, parece que para Leminski a cidade onde ele viveu tem um lugar especial e importante para a sua constituição, e é essa proposição, de que a cidade onde vivo me faz, bem como eu também a faço, que tornou possível relacionar processos de constituição dos sujeitos e cidade.

### 3.2 POLÍTICA E ESTÉTICA

Foi o fenômeno da urbanização, da criação das cidades, que possibilitou aos Gregos e Romanos a invenção da política (Chauí, 2006), a Polis é o lugar primordial da política. É justamente porque o tema da vida nas cidades nos chama para a reflexão política, que optamos por não deixá-la de fora das possibilidades de análise. A questão da mobilidade urbana vem tomando corpo na política institucional, a recente criação de algumas políticas públicas voltadas para os transportes e mobilidade, como o PAC da Mobilidade, é um exemplo. O tema da vida nas cidades e a necessidade de deslocamento que dela decorrem, assim como a crescente paralisação dos centros urbanos, onde a cada semana o trânsito parece estar mais congestionado, também se apresentam para além da política institucional, se tornando um assunto presente nas conversas cotidianas. Por estes motivos não poderíamos deixar escapar a possibilidade de análise das relações dos sujeitos com a cidade pelo viés da política.

No entanto, a política em questão no nosso trabalho não trata daquela política majoritariamente institucionalizada que, em geral, está atrelada às práticas partidárias e aos profissionais da política, os vereadores, deputados, prefeitos, governadores e presidentes. Trataremos aqui das formas menos institucionalizadas de fazer política, das ações cotidianas que são mais marcadas pelos afetos e experiências, ao contrário da lógica crítico-racional mais presente na política institucionalizada (Maheirie, 2002). Machado e Prado (2005) destacam que as mudanças políticas não ocorrem apenas no âmbito da política institucional, constituída pelo Estado, partidos e sindicatos, mas também no âmbito da sociedade civil organizada, onde, como exemplo, tem-se os movimentos sociais, assim como os movimentos comunitários.

Maar (1985) caracteriza a política como atividade transformadora da história. Compartilhando desta concepção, entendemos que é possível pensarmos em um fazer político cotidiano, que ocorre na trivialidade do dia a dia. As ações políticas que escapam à institucionalização, podem se constituir em ações mais ligadas aos afetos e à estética e, tendo em vista estas possibilidades, é que teceremos nossas relações entre política e estética. Interessa-nos, especialmente, essas novas formas de fazer política, onde os sujeitos realizam cotidianamente “formas concretas de resistência a relações de subordinação econômica, cultural, subjetiva, política e social” (Gomes,

2008, pg. 35).

Ancorados no pensamento do filósofo Rancière (1996a, 1996b, 2009), entendemos que a política está para além da recusa de determinada condição, esta se faz presente quando há a proposição de uma nova configuração social. Para que o novo seja vislumbrado como possibilidade não é suficiente refutar o instaurado, nem tampouco buscar um consenso, é necessário algo mais, é preciso que haja uma reconfiguração na ordem do sensível. Desta forma a ação política deve propor uma nova organização do mundo sensível, ou seja, a política marcada pela oposição entre diferentes propostas de arranjo daquilo que pode ser dito, visto e ouvido, a política é a ação que abre a possibilidade de uma reconfiguração do sensível.

A política, desta forma, é entendida como ato precário, que provoca um conflito sobre a constituição do mundo sensível. Este embate não é a oposição entre distintos pontos de vista dentro de uma mesma organização social, e sim um conflito sobre a própria configuração sensível. Esta forma específica de conflito é denominada por Rancière de dissenso.

O conceito de dissenso é oposto ao consenso. No consenso se busca um acordo, um possível equilíbrio entre as diferentes partes. Já no dissenso não há acordo, sendo a única saída uma redistribuição dos lugares no mundo sensível. O dissenso desnaturaliza as lógicas de dominação, o que era tido como natural passa a ser compreendido dentro de um determinado arranjo social. Por meio do dissenso a própria ordem social que possibilita a dominação passa a ser questionada.

Tendo em conta que na política, segundo as formulações de Rancière, almeja-se a transformação de uma certa disposição social, a maneira como esta disposição se organiza é denominada pelo autor de polícia, Rancière propõe a esta palavra um sentido neutro, não pejorativo, retirando da mesma associações exclusivamente com práticas de vigilância e repressão.

Nem por isso o que chamo de polícia é simplesmente um conjunto de formas de gestão e de comando. É, mais fundamentalmente, o recorte do mundo sensível, no mais das vezes implicitamente, as formas do espaço em que o comando se exerce. É a ordem do visível e do dizível que determina a distribuição das partes e dos papéis ao determinar primeiramente a visibilidade mesma das “capacidades” e das “incapacidades” associadas a tal lugar ou função.



(Rancière, 1996b, p. 372)

A política é uma perturbação na ordem da polícia, esta desordem se configura como um ato precário, que gera fissuras na configuração sensível. A política, segundo este entendimento, é indissociável de suas relações com as sensibilidades, com a estética, compreendida aqui como “o sistema das formas a priori determinando o que se dá a sentir” (Rancière, 2009, pg. 16). A estética neste contexto é tomada a partir das relações com o sensível, remontando o seu sentido original, que segundo Chauí (2006) está relacionado à sensibilidade, à experiência sensível, para além da estética enquanto disciplina da filosofia ou do estudo do belo.

Apesar desta compreensão as ligações entre estética e política são profundas, já que a ação política é o que desestabiliza determinada configuração sensível. Em seu livro “A partilha do sensível” (Rancière, 2009), o autor aprofunda suas reflexões acerca da relação entre estética e política. Contudo, relacionar estética e política não significa “estetizar a política”, mas sim tornar visível “a política como forma de experiência” (pg. 16). Trata-se de analisar como as práticas estéticas visibilizam ao comum. Para Rancière as relações entre estética e política acontecem no nível “do recorte sensível do comum da comunidade, das formas de sua visibilidade e de sua disposição” (Rancière, 2009, pg. 26).

Acreditamos que as questões que se impõem contemporaneamente à política passam justamente pelas problematizações de Rancière, como a estética se inscreve no comum? Como é possível partilhar esse comum? As relações entre estética e política demarcam que é sobre o comum que a política atua, mas que as singularidades não se subsomem nas ações coletivas que visam o comum, as ações políticas devem levar em conta estas singularidades e a estética pode, neste processo de afetação política, descristalizar sentidos já dados e abrir caminho para a construção de novos.

Pensar a política nas relações com a estética nos ajuda a elaborar a respeito das configurações políticas contemporâneas, assim como nos auxilia na reflexão acerca das atuações políticas da juventude. Segundo Prado (2009), ao discutirmos política a partir de Rancière, podemos ter indícios se uma ação se configura como ação política analisando a capacidade desta de instaurar o desentendimento, assim como pela análise da potência transformadora desta ação sobre as relações existentes em determinada comunidade. Gomes (2009) ao formular sobre as relações entre política e estética aponta para a

necessidade de “experiências concretas que coloquem o sujeito diante de algum fenômeno que o provoque esteticamente” (pg. 250). O lugar das oficinas estéticas no contexto desta pesquisa insere-se justamente na possibilidade de experiências estéticas concretas acontecerem e possibilitarem a desconstrução de olhares cristalizados e sentidos reificados.

## 4 TRAJETO METODOLÓGICO

*Você não fotografa com sua máquina.*

*Você fotografa com toda sua cultura.*

Sebastião Salgado

### 4.1 SOBRE O PESQUISAR

Pelo fato do campo-tema de pesquisa, a cidade, ser polifônico, o método também precisa ter essa característica, a polifonia como método tem como qualidade “dar voz a muitas vozes”, (Canevacci, 2009, pg. 17) “multiplicação dos pontos de observação”, (pg. 31). Bakhtin elaborou o conceito de polifonia para designar um tipo de escrita literária, que é contrária à escrita monológica. No entanto, pesquisadores vem utilizando em outras áreas das ciências humanas os conceitos desse autor, que foram originalmente elaborados para a literatura (Freitas, Souza e Kramer, 2003).

Feito este esclarecimento, utilizar um método que se pretenda polifônico em psicologia social é compreender que a palavra do pesquisador-autor é uma palavra dentre tantas outras. Para caracterizar a atuação do autor frente à polifonia, pegamos de empréstimo a caracterização que Bezerra faz do autor<sup>22</sup> como “regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico” (Bezerra, 2008, pg. 194). É como maestro deste coro que o pesquisador se situa. Os ouvidos do pesquisador devem se voltar para o que dizem estas vozes, que significados produzem em suas experiências com a cidade, como cantam/contam sobre estas experiências. Justamente pelo fato do maestro não tocar junto com a orquestra, a ele é possível identificar o som de cada instrumento. Ou seja, o maestro não é plateia, mas também não é um músico da orquestra, ele está dentro e fora, posição esta que também cabe ao pesquisador, o que torna a descrição de Bezerra do autor como maestro um bom exemplo também da posição ocupada pelo autor-pesquisador.

Ao pesquisarmos a mobilidade urbana para moradores das periferias colocamos como objeto de nossa pesquisa algo que é comum

---

<sup>22</sup> Neste caso Bezerra se refere aos autores de obras literárias, no entanto acreditamos que compreender o autor de pesquisas acadêmicas como regente também é um exemplo válido.

ao cotidiano, a necessidade de deslocamento para realização das diversas atividades da vida. Spink (2007) nos ajuda a pensar metodologicamente a pesquisa no fluxo dos acontecimentos diários, apontando que este tipo de pesquisa exige do pesquisador envolvimento com aquele determinado espaço, de forma que ao pesquisar *no* cotidiano não há neutralidade para o pesquisador. A busca pelos fragmentos de sentidos compartilhados exige de nós que mergulhemos nestes fluxos cotidianos. No entanto, isso não quer dizer que iremos nos tornar um membro do contexto onde trabalhamos, já que nosso olhar deverá posicionar-se “dentro” e “fora” e é nestes dois movimentos inseparáveis que esta pesquisa buscou se desenvolver.

Spink (2007) destaca que a Psicologia Social Latino-americana, perspectiva a qual também nos embasamos, sempre se pautou pelo compromisso ético e político com as transformações sociais, e é neste sentido que compreendemos que é possível conceber a atuação da pesquisa como uma intervenção (Sato, 2009). De certa forma, toda pesquisa já envolve uma intervenção, uma vez que a própria proposta de pesquisar algo em algum lugar específico já constitui uma intervenção (Maraschin 2004). A ideia de pesquisa intervenção também rompe com uma suposta neutralidade do pesquisador, considerando que não é possível para este se colocar de fora do processo de acontecimento pesquisa (Castro e Besset 2008). Nesta concepção de pesquisa os sujeitos produzem no encontro com o pesquisador e, assim como não há o pesquisador neutro, não há sujeito de pesquisa passivo, de forma que todo encontro pesquisador-sujeito cria “(...) sujeitos, objetos, conhecimentos, de territórios de vida” (Maraschin, 2004, pg. 105).

## 4.2 PRODUÇÃO DE IMAGENS E PRODUÇÃO DE DISCURSOS

### 4.2.1 O discurso para o Círculo de Bakhtin

O conceito de discurso<sup>23</sup> utilizado nesse trabalho é entendido a partir da produção do Círculo de Bakhtin. De acordo com os pensadores

---

<sup>23</sup> Discurso e enunciado podem ser entendidos como sinônimos na obra do Círculo de Bakhtin. Bezerra, tradutor de parte da obra do círculo para o português, atenta que o mesmo termo em russo (*viskázivanie*) é utilizado para enunciado, enunciação, discurso escrito, discurso oral. (Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003)

russos, todo discurso só pode ser compreendido levando em conta seu processo de produção. Todo discurso é produzido social e historicamente e as condições de possibilidade de sua constituição são os elementos utilizados para uma análise dos discursos ancorada no pensamento bakhtiniano. Segundo a formulação do Círculo de Bakhtin, a definição de discurso amplia-se para além do verbal, incluindo o extraverbal, que não pode ser entendido como uma força que age externamente ao discurso, ele constitui o discurso

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. (Volochinov, Bakhtin, 1926, p. 6)

Ancorados na afirmação de que o discurso está para além do verbal é que buscamos investigar a fotografia como discurso e analisar as vozes sociais presentes em uma produção imagética. A cena e os elementos que a compõem, a entoação, uma determinada posição axiológica, são todos elementos extraverbais que Volochinov e Bakhtin descreveram como constituintes de um enunciado. Apesar da teoria bakhtiniana não ter sido formulada especificamente para a análise de imagens, entendemos que as próprias categorias que os autores trouxeram para pensarmos o diálogo e seu contexto extraverbal de enunciação podem servir de ferramentas para pensarmos a análise das imagens. Mesmo o temos conhecimento do Círculo de Bakhtin se referir basicamente sobre o discurso verbal, compreendemos que a partir de suas formulações é possível falar sobre as imagens. Sobre a relação entre a produção bakhtiniana acerca da análise de material verbal, Souza (2003) afirma que

Embora Bakhtin tenha dedicado grande parte de sua obra à análise de textos literários, suas reflexões, no campo da criação estética, nos permitem estender suas considerações teóricas e metodológicas a enunciados que escapam da forma oral e escrita, como é o caso das imagens técnicas. Nesse sentido, admitimos ser possível ler as imagens técnicas como enunciados que carregam, também, sentidos tensos, expressos sob a conjugação de sons, falas, movimentos e

imagens. (Souza, 2003, pg. 82)

De acordo com Brait, a análise do discurso em Bakhtin se configura como uma análise dialógica do discurso; dialógica, pois todo discurso é um diálogo, povoado por diversas vozes sociais em embate (Brait, 2006). A tensão entre vozes e a possibilidade de fazer ver algumas dessas vozes é o que configura a pesquisa em Ciências Humanas.

Ancorados na leitura bakhtiniana, compreendemos que todo discurso contém respostas e contra-respostas. Considerar este campo de tensões que configura os discursos é uma forma de respeitar o discurso do sujeito, entendendo o enunciado em sua polissemia. A ética na pesquisa relaciona-se também com a responsividade do pesquisador ao realizá-la. A responsividade, ou respondibilidade, implica no reconhecimento de que todo discurso é uma resposta a outros discursos, e que por essa razão tais respostas estão sempre em tensão. Encarar a pesquisa responsivamente implica em situar o pesquisador como autor da obra. De acordo com Amorim (2003), assinar significar agir responsivamente.

Somente eu ocupo este lugar, somente eu posso assinar por e neste lugar. E a assinatura é aquilo que me torna responsável: capaz de responder pelo lugar que ocupo num dado momento, num dado contexto (Amorim, 2003, p. 4-5)

É fundamental que o pesquisador situe as condições de produção desse discurso, compreendendo que a fala é sempre endereçada, configurando-se como uma resposta, tanto às perguntas do pesquisador, quanto às outras vozes sociais que cabe a ele evidenciar. Amorim (2003) destaca que não há transparência nos discursos, e sim opacidade, já que o discurso não revela seu interior de forma límpida, ele é opaco, turvo, repleto de elementos diferentes. Neste sentido, o pesquisador em Ciências Humanas deve sempre considerar essa diversidade do discurso.

(...) a produção de conhecimentos e o texto em que se dá esse conhecimento são uma arena onde se confrontam múltiplos discursos. Por exemplo, entre o discurso do sujeito a ser analisado e conhecido e o discurso do próprio pesquisador que se pretende analisar e conhecer, uma vasta gama de significados conflituais e mesmo

paradoxais vai emergir. Assumir esse caráter conflitual e problemático da pesquisa em Ciências Humanas implica renunciar a toda ilusão de transparência: tanto do discurso do outro quanto do seu próprio discurso. É portanto trabalhando a opacidade dos discursos e dos textos, que a pesquisa contemporânea pode fazer da diversidade um elemento constituinte do pensamento e não um aspecto secundário (Amorim, 2003, p. 12)

Considerando estas colocações de Amorim, conclui-se que mesmo quando se utiliza a fala literal do sujeito para justificar alguma análise a escolha deste recorte foi do pesquisador, assim como a escolha das perguntas. E, por isso, mesmo na fala transcrita literalmente também há a marca do pesquisador, da mesma forma que existe esta marca quando nós nos arriscamos a falar algo sobre uma fotografia feita por um participante da pesquisa. Desta forma, podemos entender que a postura do pesquisador de falar sobre uma imagem que o participante produziu também implica em uma determinada compreensão acerca do pesquisar, onde o discurso do sujeito é sempre situado ao contexto da pesquisa, direcionado ao pesquisador, e que qualquer forma de analisar os discursos produzidos neste contexto específico deve considerar o endereçamento desta produção, independente do discurso analisado ser verbal ou imagético.

Para Bakhtin e seu Círculo, a linguagem só pode ser estudada levando em conta sua dimensão axiológica, ou seja, as posições valorativas que todo discurso possui. Faraco (2010) afirma que para estes autores russos, viver é “assumir uma posição avaliativa a cada momento; é posicionar-se com respeito a valores” (Faraco, 2010, p. 24). O posicionamento axiológico ocorre mesmo no contexto da produção de informações em uma pesquisa, uma vez que esse processo ocorre na eventicidade da vida. No entanto, a produção de conhecimento só é possível depois de tomarmos certo distanciamento deste evento. Dessa maneira é possível afirmar que a produção de imagens em um contexto de pesquisa se constitui como evento e, por essa razão, também é marcada por posicionamentos axiológicos. A partir desta compreensão, a análise de imagens produzidas em um contexto de pesquisa se pauta na busca pelos fragmentos de valores, respostas e tensões que nestas imagens estão (in)visibilizados.

#### 4.2.2 Sobre a análise imagens



*Foto 1 – Apresentação na Escola, Alisson, 2012*



Fotos, vídeos, propagandas, desenhos, cartazes, graffitiis, estamos constantemente em contato com imagens, ao sair na rua ou ao ficar em casa estudando em frente ao computador, nos deparamos com milhares delas. Contemporaneamente, as imagens se proliferam nas redes sociais, por meio de dispositivos móveis, como os smartphones, é possível produzir e compartilhar imagens do cotidiano com enorme facilidade. Fotos de famosos e anônimos em atividades banais ou excêntricas povoam a tela de quem navega pela internet, sendo quase impossível fugir dessa torrente imagética, “as imagens do mundo desfilam em frente de nossos olhos e nós estamos, de qualquer jeito, quase habituados a isso.” (Tacussel, 2006, p. 8).

A fotografia 1, clicada por Alisson, um dos participantes da pesquisa, mostra esta profusão imagética. A imagem é composta no primeiro plano por uma série de cadeiras e várias pessoas de costas, sentadas nestas cadeiras. As cadeiras estão de frente para um palco, onde está acontecendo uma apresentação de Boi-de-mamão, elementos típicos desta festividade como a bernunça, a maricota e o boi estão presentes na imagem. No fundo do palco há uma pintura do planeta Terra com uma árvore grande no topo, do lado direito da Terra a palavra paz escrita com letras grandes, e no lado esquerdo duas figuras de um menino e uma menina com um coração desenhado no peito. O fotógrafo ainda registrou pessoas assistindo, notamos que três delas estão registrado o evento, em celulares ou em câmeras fotográficas digitais.

Esta fotografia de Alisson se configura como um registro dos registros, e retrata como a contemporaneidade é marcada pela produção de imagens “hoje tudo existe para terminar numa foto” (Sontag, 2006. p. 35). A autora também assinala a ambiguidade do ato de fotografar, pois se tirar fotos certifica que uma experiência aconteceu, “também é uma forma de recusá-la – ao limitar a experiência a uma busca do fotogênico, ao converter a experiência em uma imagem, um souvenir” (p. 20).

Sontag aponta que com a industrialização surgiram equipamentos fotográficos técnica e financeiramente acessíveis a grande parte da população. Com esse fenômeno, o ato de fotografar eventos com a família tornou-se um dos usos mais difundidos da fotografia. Atualmente, com a digitalização da imagem, a produção e consumo da mesma atingiram níveis ainda maiores do que os apontados por Sontag.

As imagens produzidas em uma determinada época falam sobre esta época, elas demarcam determinadas possibilidades de produção e,

por isso, são encaradas como discurso. As imagens também estão inseridas no circuito axiológico, marcadamente repletas de posicionamentos com relação à valores. As produções imagéticas contemporâneas colocam em evidência algumas vozes sociais vigentes.

De acordo com Debord (2003), a imagem se configura como uma importante mediação social na contemporaneidade, e a forma espetacularizada é o que caracteriza a mediação da imagem atualmente. Debord denomina a configuração social vigente de “A Sociedade do Espetáculo”<sup>24</sup> para estes, o espetáculo seria uma visão de mundo cristalizada que se pretende hegemônica, onde o consumo é um imperativo. Na sociedade do espetáculo a troca e o diálogo não são favorecidos, e sim o *parecer* em detrimento do *ser*; e nesse contexto a imagem é o meio pelo qual as coisas se fazem aparecer. Sobre a relação entre espetáculo e imagem o autor diz que “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (Debord, 2003, p. 9).

Para que a imagem possa se constituir como mediação para outras relações, menos espetacularizadas e consumistas, torna-se importante investigar inclusive este uso vigente, buscando as refrações que existem na espetacularização da imagem e da vida. Bakhtin e seu Círculo nos fazem ver por meio de sua obra que mesmo nos discursos que se pretendem monológicos existem refrações, existem fragmentos que escapam à cristalização, e não seria diferente com a imagem, a qual se faz polissêmica. Mesmo que os sentidos hegemônicos sejam os do espetáculo, sempre há algo que foge desta uniformização, pois é na busca dessas fissuras que situamos nossa caminhada.

Por configurar-se como importante mediação social, a imagem também torna-se foco de análise, além de recurso metodológico utilizado em pesquisas acadêmicas nas ciências humanas. As fotografias são documentos, de forma que é possível analisá-las utilizando diferentes abordagens. Segundo Kossoy (2007), a imagem fotográfica é ao mesmo tempo objeto de investigação e fonte de informações “posto que se refere sempre a um mesmo início, a uma gênese única: sua criação e materialização se deram em determinado local e num preciso momento” (p. 34).

Diversos pesquisadores na área da psicologia vêm utilizando

---

<sup>24</sup> Denominação que também intitula seu livro sobre esse tema.

imagens fotográficas como dispositivos para a pesquisa. Neiva-Silva e Koller (2002) fazem um importante levantamento histórico acerca do uso da fotografia em pesquisas na psicologia, estabelecendo quatro funções principais do uso deste recurso, primeiro como registro, segundo como modelo, terceiro como feedback e quarto a autofotografia. Destes quatro usos levantados pelos autores entendemos que, na maior parte deles, a fotografia em si não é foco de análise, e sim o discurso verbal que é gerado a partir dela, como podem ser observados nos usos como modelo, feedback e autofotografia. Mesmo que alguns elementos da imagem sejam analisados, o foco principal está na análise do discurso dos sujeitos sobre essas imagens. Por esta razão, buscamos reconfigurar os usos levantados por Neiva-Silva e Koller, propondo três formas da fotografia aparecer nas pesquisas em psicologia, 1) como elemento gerador de discurso verbal, 2) como ilustração, ou 3) a fotografia encarada como discurso.

Na fotografia como dispositivo gerador de discurso verbal, em geral, os pesquisadores levam imagens, ou pedem para que os sujeitos tragam ou produzam fotos, para que depois eles falem sobre as mesmas, e desta forma, o foco da análise está no discurso verbal do sujeito, estimulado pelo uso de imagens. Outra forma de utilização de imagens é como uma espécie de ilustração do verbal, como por exemplo, se ao falarmos de uma instituição de ensino que está sendo pesquisada colocássemos fotos dessa instituição, onde a finalidade das fotos seria apenas ilustrar a explicação verbal sobre a instituição, neste caso a fotografia poderia ser considerada como um anexo do verbal. Outra forma de utilização da fotografia em pesquisa, e que particularmente é a forma que mais nos interessa aqui, é entender a fotografia como discurso, algo que diz (sobre) algo, e que por dizer deve ser foco de análise, e não apenas um complemento ou disparador outro tipo de discurso, o verbal.

Neste entendimento a fotografia diz, contém vozes e silêncios que nos falam muito sobre o que foi fotografado, de forma que a imagem é entendida como linguagem e a fotografia como um enunciado. A partir desta compreensão, o trabalho do pesquisador, o qual buscamos realizar nesta pesquisa<sup>25</sup>, foi o de justamente se aventurar

---

<sup>25</sup> Quatro pesquisas recentes onde as fotografias disparadas pelos sujeitos de pesquisa são analisadas dessa forma são: ASSIS, N. Jovens, Arte e Cidade: (im)possibilidades de educação estética em programas de contraturno

a dizer algo sobre a imagem produzida, analisá-la compreendendo que na mesma existe uma produção discursiva.

Para os pesquisadores em psicologia esta forma de produzir conhecimento pode ser um pouco estranha, já que em geral estamos habituados a trabalhar mais fortemente com a linguagem verbal e não com a imagética. Mesmo quando utilizamos fotografias feitas pelos sujeitos de pesquisa, procuramos o discurso verbal deles acerca dessas fotografias, muitas vezes ignorando que a própria imagem já nos diz muita coisa. Pode ser que parte do receio de nos arriscarmos a dizer mais sobre as imagens produzidas pelos sujeitos seja gerada por uma preocupação de “não falarmos pelos sujeitos”. Apesar deste receio se mostrar como uma necessidade de respeito a fala do outro, este princípio parece pouco válido, pois quando escrevemos acerca de algo que os sujeitos falaram também estamos, de certa forma, “falando por eles”. Acreditamos que de alguma maneira a utilização do discurso verbal do sujeito acerca de uma imagem produzida por ele pode buscar conferir uma certa legitimidade à análise do pesquisador, uma vez que o discurso do sujeito serviria para confirmar as análises tecidas pelo pesquisador. No entanto, esta perspectiva pode encarar o discurso do sujeito de forma monológica, fazendo ouvir apenas uma das múltiplas vozes presentes, minimizando a dialogicidade de todo discurso.

Lenzi (2010) embasada na concepção bakhtiniana, também busca tomar a fotografia como enunciado, entendendo que a imagem é

---

escolar. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

KEMP, M L. Olhos abertos para ouvir: processos de criação e imaginação de crianças com deficiência visual. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SCHWEDE, Gisele. O Paraíso das crianças na Cidade dos Príncipes: a polifonia urbana revelada em imagens fotográficas. 291 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2010.

MUND, R. T. DIFERENTES OLHARES:

Um “tour” com crianças pelo centro histórico da cidade

. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

também linguagem. Sobre produção de conhecimento e imagem a autora afirma que se

conhecimento humano e sujeitos são dialogicamente constituídos na e pela linguagem, amplo esta compreensão para a produção das imagens fotográficas que aqui são tomadas como uma construção social e histórica que expressam, nos elementos que bidimensionalmente a constituem, o horizonte social de quem a produz. (Lenzi, 2010, p. 167)

Da Ros (2006) também se debruça sobre a discussão acerca da imagem como enunciado, afirmando que da mesma forma que os enunciados verbais são polissêmicos as imagens também o são, as imagens refletem e refratam posições axiológicas, que demarcam determinados lugares sociais de enunciação. O fotógrafo Sebastião Salgado, citado na epígrafe deste capítulo, também demarca o ato fotográfico como algo intrinsecamente ligado às condições sociais do sujeito que dispara o clique. Salgado afirma que “Você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura”.

Se todo discurso é dialógico, pleno de sentidos, e em constante tensão com as diversas vozes sociais, a imagem considerada como discurso também é polissêmica. A partir desse entendimento a análise que o pesquisador faz a respeito de uma imagem produzida por um sujeito de pesquisa é uma, dentre as diversas possibilidades de compreensão acerca de tal imagem, assim como a própria fala do sujeito a respeito de sua fotografia também é uma dentre as várias vozes que podem dizer algo sobre essa imagem. Neste sentido, a concepção de “crítica do leitor” elaborada por Vygotski (1999) para a análise das obras de arte também se mostra interessante para pensarmos na análise da produção imagética de um participante de uma pesquisa. Vygotski considera que a interpretação do artista acerca da sua obra é apenas uma das possibilidades de interpretação da mesma, já que nas obras de arte os sentidos . Assim como a visão do artista sobre sua obra não a esgota, o discurso do sujeito sobre sua produção fotográfica também não consegue abarcar todas suas possibilidades.

Desta maneira, destacamos que as imagens produzidas em um contexto de pesquisa também dispõem da tensão entre vozes sociais e são axiologicamente marcadas. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a

eventicidade da vida impõe que nos posicionemos o tempo todo, estamos a todo instante proferindo respostas e contra-respostas. As imagens produzidas em um contexto de pesquisa também foram produzidas em um determinado evento, com condições de produção específicas, são respostas dos participantes às perguntas do pesquisador, e são contra-respostas à tantas outras perguntas que jamais saberemos. Mas, essa impossibilidade de esgotarmos os sentidos de imagem não nos exime da tarefa de buscarmos algumas destas vozes presentes na imagem. Seus processo de análise ocorre na busca pelos fios ideológicos que compõem a trama discursiva objetivada em imagem.

#### 4.3 SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Durante o processo de produção de informações foram realizadas oficinas estéticas, cuja proposta de trabalho foi ancorada, neste caso, basicamente, na técnica da fotografia. Juntamente com a produção acadêmica, nossa intenção com estas oficinas estéticas foi também possibilitar uma experiência mais direta com algum benefício que a pesquisa pudesse oferecer, sem cairmos numa relação prático-utilitária. Por esse motivo, nossas oficinas se dedicaram a propor aos sujeitos participantes a aprendizagem de algumas técnicas de fotografia, oferecendo os conhecimentos que a pesquisadora possui. Nossa intenção foi que, por meio da técnica da fotografia, os participantes desta pesquisa pudessem experimentar e refletir sobre suas relações com a cidade.

É importante demarcar que a estética aqui é compreendida a partir das conexões com o sensível, remontando ao sentido originalmente utilizado pelos gregos *aisthetiké*, “que significa conhecimento sensorial, experiência sensível, sensibilidade” (Chauí, 2006, pg. 281), desvinculando-se da estética como estudo do belo, ou das suas relações com a Arte<sup>26</sup> reconhecida pelos seus circuitos enquanto tal. Ancoramo-nos na obra de Vazquez (1999), na qual o autor aponta

---

<sup>26</sup> Quando nos referimos a arte em nosso trabalho assentimos que a arte “não se reduz a um campo de saber específico, e quem a produz não são somente pessoas socialmente reconhecidas como artistas, assim como seus produtos não necessariamente são ou podem vir a ser reconhecidos como obras de arte (ZANELLA, 2008, p. 70).”

que a estética não trata apenas dos objetos ditos artísticos, mas sim dos objetos que possibilitem as relações estéticas quer se trate “de uma flor, um colibri, ou um objeto produzido por um homem sem uma finalidade estética.” (Vazquez, 1999, pg. xii). Por essa razão pensamos na estética como *relações estéticas*, ou seja, relações que possibilitam a (re)criação dos sentidos já dados a determinados objetos, relações, situações etc. Chamamos as oficinas desenvolvidas de oficinas estéticas pois elas buscavam possibilitar este tipo de experiência. As oficinas tinham em vista as relações estéticas, ou seja, relações que os sujeitos estabelecem com diferentes objetos, buscando a ampliação dos olhares e a transformação dos sentidos já estabelecidos e cristalizados (ZANELLA, 2006; MAHEIRIE, 2006).

Utilizamos a linguagem fotográfica nestas oficinas pois acreditamos que a fotografia possa ser potente para a o deslocamento dos sentidos compartilhados e consolidados. O recorte e o enquadramento, escolhas subjetivas do sujeito que fotografa, colocam em tensão as diversas vozes sociais presentes nesta imagem, onde a fotografia é capturada a partir da perspectiva do fotógrafo e, por isso, demarca uma determinada posição axiológica. Foi neste sentido que a produção de imagens fotográficas se configurou como procedimento metodológico para a investigação da relação dos moradores de um determinado bairro com este bairro e com a cidade. Além de estarem axiologicamente demarcadas, também acreditamos que a fotografia possibilita colocarmos em tensão os significados já cristalizados das relações destes moradores com seu bairro e com a cidade. Entendemos que a fotografia possa oferecer o desdobramento de olhares, possibilitando olhar de outra forma aquilo que se está habituado a olhar. As imagens nunca são apenas vistas, elas estão sempre sendo (re)vistas, e rever imagens é a experiência de ser surpreendido com elementos que antes não eram foco do olhar, é desdobrar, deslocar o olhar. Este desdobramento de olhares é fundamental para a produção de um olhar exotópico.

De acordo com Amorim (2003) “exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior” (pg. 13). Bakhtin afirma que “na cultura, a exotopia é o instrumento mais poderoso da compreensão. A cultura alheia só se revela em sua completitude e em sua profundidade aos olhos de outra cultura” (1997, pg. 369). Esta sustentação de Bakhtin, a qual somos levados a pensar no

processo de estranhamento, traz à tona a importância do exercício do olhar exotópico na pesquisa em ciências humanas, cabendo ressaltar que o exercício do pesquisador é também o de buscar um outro olhar para a sua própria cultura.

Na utilização da fotografia como instrumento metodológico, considera-se que a articulação do conceito bakhtiniano de exotopia com este instrumento ofereceu à pesquisa uma interessante possibilidade de análise das imagens produzidas pelos participantes. Destaca-se que pensar o uso da linguagem fotográfica, aliada ao conceito de olhar exotópico, pode ser potente para o estranhamento dos significados postos, e futura construção de novos significados, sendo este movimento de estranhamento fundamental para a reflexão crítica acerca de qualquer tema.

Uma característica técnica importante de algumas imagens produzidas durante esta pesquisa é que elas foram clicadas com uma câmera fotográfica de uso único<sup>27</sup>. A escolha deste tipo de equipamento foi intencional, uma vez que esta câmera permite no máximo a produção de 27 fotografias. Entendemos que esse elemento limitador do número de fotos é importante, uma vez que com a propagação da fotografia digital as pessoas estão cada vez mais habituadas a fotografar indiscriminadamente, e depois, ao transferir as fotos para o computador, realizarem uma seleção das imagens, descartando as fotos que não julgam adequadas. Felizardo e Samain (2007), alertam inclusive para uma possível banalização da imagem.

Devido às novas tecnologias na produção de imagens – as que convencionamos chamar de fotografia digital – os rumos a serem definidos pelos fotógrafos e, principalmente pelo mercado, permanecem ainda incertos, embora seja notório o consumo excessivo dessas imagens, em grande parte despreocupadas, sem critérios ou comprometimento, chegando à banalização. (p. 207)

---

<sup>27</sup> Esse modelo de câmera funciona com filme, e para a revelação do mesmo a câmera precisa ser aberta e perde a capacidade de fotografar, por isso são chamadas de câmeras de uso único.



No entanto, com o equipamento que utiliza filme a produção de imagens é limitada, não há como apagar uma foto que já foi feita, ao clicar o sujeito sabe que aquele fotograma foi gasto, não é possível voltar atrás. Justamente pelo caráter irreversível e pelo número limitado de cliques que optamos pelo uso das câmeras de filme.

Entendemos a produção de imagens como uma produção discursiva, e por essa razão as fotografias clicadas pelos sujeitos nos fornecem os materiais necessários para construirmos nossas análises. Optamos por não recorrer ao discurso verbal dos sujeitos acerca das imagens por eles produzidas, preferindo nos ater ao discurso imagético. Sontag (2006) compreende que as fotografias trazem “algo diretamente decalcado do real” (p. 170), já Kossoy (2007), neste sentido, fala sobre a natureza indicial da fotografia: “a imagem fotográfica é, portanto, indiciária, na medida em que propicia a descoberta de 'pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (p. 41). De acordo com a semiótica periana “o índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está factualmente ligado (...) rastros, pegadas, resíduos, remanências são todos índices de alguma coisa que por lá passou” (Santaella, 2003, p. 66).

A fotografia, por meio dos seus processos físico-químicos, traz vestígios, índices, um determinado recorte e enquadramento do objeto fotografado. No entanto, este recorte feito pela fotografia sempre apresenta uma interpretação da realidade, um discurso sobre o que foi retratado. Sontag (2006), ao analisar a fotografia em relação a outras artes, demarca o caráter interpretativo da produção fotográfica,

embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos (p. 17).

Nossa tarefa aqui é dar visibilidade às tramas discursivas presentes nas fotografias produzidas pelos sujeitos, considerando que assim como as imagens dão visibilidade a certos aspectos, elas invisibilizam outros. Toda fotografia apresenta para além dos dados físicos nela retratados elementos de ordem simbólica. Kossoy (2007)

sustenta que “toda fotografia resulta de um processo de criação; ao longo desse processo, a imagem é elaborada, construída técnica, cultural, estética e ideologicamente” (p. 32). Entender a fotografia como criação humana implica em considerá-la “como um produto histórico-social; logo, completamente inserido no tempo/espaço no qual se dá, a partir das condições objetivas do contexto” (Maheirie, 2003, p. 152), por essa razão as fotos devem ser compreendidas nas diversas possibilidades de sentido. A fotografia é formada pelo jogo de luz e sombra, visibilidades e invisibilidades apresentadas na imagem também se encontram nos discursos presentes nestas fotos.

A análise das informações ocorreu por meio da seleção de fragmentos, tanto dos materiais produzidos nas oficinas estéticas (transcrições do áudio dos encontros e fotografias produzidas pelos participantes), quanto dos relatos no diário de campo, que foram analisados na forma de excertos. Buscamos formular a análise desses fragmentos compondo-os como uma montagem (Canevacci, 2009), já que na montagem se rompe com “o nexos da continuidade, tranquilizador e organizador das sequências discursivas” (p. 94), favorecendo a tensão, o embate entre as diversas vozes presentes na pesquisa. Compreendemos que a produção de informações em nossa pesquisa não remete a uma unidade coerente que poderia ser analisada em sua totalidade, por isso tivemos a necessidade de analisar as informações em pequenas partes, que compuseram a análise enquanto montagem. Não buscamos uma linearidade na análise das informações, pelo contrário, buscamos configurar nosso estudo na forma de uma rede, onde um ponto, ou fragmento, se liga a diversos outros, ampliando assim as possibilidades de diálogo entre os fragmentos.

Os fragmentos analisados foram compostos por excertos das transcrições do áudio das oficinas estéticas realizadas, pelas imagens fotográficas produzidas pelos sujeitos, bem como por recortes do diário de campo. Esses fragmentos foram examinados utilizando as contribuições de Vygotski e do Círculo de Bakhtin para a análise do discurso, a construção de “categorias” ou “unidades” surgiram a partir do próprio texto, ou seja, foram construídas *a posteriori*, mesmo que alguns aspectos já tenham sido estabelecidos *a priori* como, por exemplo, a relação dos participantes com a cidade e com o bairro. Utilizaremos as contribuições do Círculo de Bakhtin (1997) no que se refere à possibilidade de análise para outras linguagens, para além da

verbal, estando atentos à dialogia dos discursos (AMORIM, 2002).

#### 4.4 SOBRE OS SUJEITOS

Como já mencionado anteriormente o processo de produção de informações ocorreu a partir de oficinas estéticas que envolviam a linguagem fotográfica. As gravações do áudio destas oficinas, bem como as imagens produzidas decorrentes da participação dos sujeitos nestas oficinas, se transformaram nos fragmentos de pesquisa que foram analisados. Cabe esclarecer que não foram realizadas entrevistas individuais (de nenhuma espécie) fora do âmbito das oficinas estéticas, assim como não buscamos dados biográficos dos participantes a fim de obter mais informações para as análises. Esta escolha metodológica se deu em função do entendimento de que o que nos interessava para a análise era um panorama geral do contexto social de produção das imagens e, por essa razão, não estávamos interessados em saber exatamente quem produzira tal imagem, e sim onde tal imagem fora produzida. Não entendemos que os dados biográficos do autor da imagem não sejam importantes, mas aqui eles apenas não se configuram como fundamentais para o tipo de análise e discussão que estamos nos propondo a fazer.

A partir deste entendimento, o levantamento histórico necessário para a realização das análises não foi focada apenas nos sujeitos que participaram da pesquisa, e sim do local onde esta ocorreu, o bairro Chico Mendes. Apesar de nossas análises considerarem a relação entre os sujeitos e o bairro, nosso olhar foi para o bairro, pois o interesse da pesquisa se constituiu em compreender as particularidades deste espaço, e que tipo de relações os sujeitos tiveram com ele.

As informações sobre os sujeitos que tivemos acesso foram basicamente as informações que eles contaram nos encontros, sendo que o único critério que nos importava eram estes serem moradores da comunidade Chico Mendes, tanto para analisarmos as imagens produzidas quanto os áudios dos encontros. Partimos da escolha de não produzir muitas informações com os sujeitos fora do contexto das oficinas, pois o que nos interessava para a análise eram justamente as produções restritas àqueles encontros estéticos, entendendo que as oficinas se constituiriam como acontecimentos (Bakhtin 2003). Ou seja, o que ali foi produzido estava repleto de posicionamentos axiológicos

dos sujeitos, todos os discursos ali produzidos carregavam enfrentamentos entre diversas vozes sociais, cabendo ao nosso trabalho de análise buscar os vestígios dos tensionamentos entre as variadas vozes.

#### 4.5 SOBRE A ESCOLHA DO CAMPO: UMA ESCOLHA POLÍTICA

O interesse em realizar esta pesquisa em um bairro da periferia de Florianópolis, e com seus moradores, surgiu da necessidade de buscarmos uma outra visão para as questões da mobilidade e relações com a cidade que não fossem os olhares os quais já estamos habituados. A visão da Florianópolis enquanto uma cidade com alto padrão de consumo e qualidade de vida é difundida veementemente nos meios de comunicação, no entanto existem diversas cidades dentro de Florianópolis, desde bairros luxuosos como Jurerê Internacional, até comunidades construídas em palafitas, com pouquíssima infra estrutura urbana e quase nada de investimentos públicos, como a Ponta do Leal<sup>28</sup>. Optar por pesquisar um bairro da periferia desta cidade é uma escolha política, uma vez que essa escolha possibilita a produção de discursos não hegemônicos sobre Florianópolis.

Pelo fato de estar envolvida em um movimento social que discute temas relacionados às cidades desde 2001, as visões que conheço do destes temas são as dos militantes, a do poder público, a dos parlamentares e a dos jovens estudantes participantes das lutas. Mas como pensavam os moradores das periferias? Como quem não estava incluído na vida universitária se relacionava com seus bairros? Spink (2003) destaca que a pesquisa nasce da curiosidade e da experiência, sendo que a curiosidade “é uma característica social ubíqua do dia a dia e é uma das pedras fundamentais da noção coletiva de mudança; do pressuposto que as coisas podem ser diferentes” (Spink, 2003, pg. 25).

Destas reflexões que meu interesse pelo tema das relações com a cidade emergiu, e minhas inquietações acadêmicas estiveram mais

---

<sup>28</sup> Matéria veiculada no site da UFSC sobre a Ponta do Leal Acesso em 01-12-2012 [http://www.cotidiano.ufsc.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1241:favela-a-beira-mar&catid=42:reportagem&Itemid=62](http://www.cotidiano.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1241:favela-a-beira-mar&catid=42:reportagem&Itemid=62)

voltadas para as relações cotidianas das pessoas com a cidade. Entendendo que os discursos destas pessoas estão pouco presentes no debate acerca das cidades, minha intenção com esta pesquisa é também poder ouvir estas vozes, compreendendo como estas pessoas criam estratégias para se deslocarem pela cidade. A pesquisa com os moradores desse bairro pode contribuir para os conhecimentos acadêmicos em torno do tema, já que ao trazer outras vozes para o debate em torno da mobilidade urbana, posso contribuir para a construção deste tema na pesquisa em Psicologia Social (Spink, 2003), uma vez que a pesquisa nos bancos de dados da CAPES<sup>29</sup> mostra que o tema da mobilidade urbana ainda é pouco explorado nas pesquisas em Psicologia.

Acredito, também, que todos estes aspectos levantados anteriormente puderam contribuir com o Movimento o qual faço parte, oferecendo algumas ferramentas para a construção de ações do mesmo. As feministas já nos mostraram que não precisamos necessariamente dicotomizar estas duas práticas, a pesquisa acadêmica e a militância. Narvaz e Koller (2006) ressaltam que as escolhas teórico-metodológicas envolvidas nas pesquisas onde emergem também aspectos políticos-ideológicos, estão presentes para todos os pesquisadores, e não somente para os que também são militantes.

Miguel (2003) afirma que este (in)tenso debate em torno da pesquisa acadêmica e da militância pode ser muito rico para ambas as esferas. A proposta metodológica da autora é “transpor os discursos que defendem uma demarcação rígida dos espaços da academia e da militância; significa congrega esforços no sentido de podermos cada vez mais mesclá-los, transitar entre eles, transversalizando nossas ideias e nossos lugares” (Miguel, 2003, pg. 283) Foi com esta proposta que construímos esta pesquisa, mantendo-nos sempre com “um pé dentro e um pé fora”<sup>30</sup>.

Talvez a primeira escolha que deva ser problematizada aqui seja a escolha do tema de pesquisa. Meu interesse pela mobilidade urbana surge em função de meu envolvimento com o Movimento Passe Livre, movimento social que luta por um transporte coletivo verdadeiramente

<sup>29</sup> Resultados das pesquisas nos bancos de dados em anexo.

<sup>30</sup> Como atenta Maheirie em contextos de orientação, tomando como base as preocupações epistemológicas de Boaventura de Souza Santos, parafraseando-o neste exemplo.

público, com a implementação da Tarifa Zero. Durante esses anos de participação no MPL, o tema da mobilidade urbana e sua relação com o direito à cidade foram se transformando de uma preocupação militante em uma questão de pesquisa. De que forma os moradores dos bairros da periferia de Florianópolis circulam por essa cidade? Como esses moradores experimentam essa cidade? São questões que foram configurando minhas inquietações acadêmicas, e a partir delas formulei meu projeto de pesquisa para a qualificação.

Além do interesse pela mobilidade urbana e direito à cidade, outro aspecto que me inquietava era investigar essas questões para os moradores dos bairros com pouco investimento público, bairros que se configuravam como periferias<sup>31</sup> da cidade de Florianópolis. A decisão de pesquisar a mobilidade urbana e o direito à cidade nestes bairros parte do entendimento que são os moradores destes contextos que possuem maiores dificuldades para circular pela cidade. Alguns fatores que obstaculizam essa circulação estão relacionados tanto à falta de transporte público adequado nesses bairros, quanto à escassez de recursos financeiros para o pagamento das tarifas no transporte público. Dados de uma pesquisa realizada pelo IPEA<sup>32</sup> - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - apontam que cerca de 40% da população com renda até dois salários mínimos desiste de realizar algum deslocamento por falta de dinheiro ou meio de transporte, sendo que esse índice cai para zero nas populações com faixa salarial acima de 20 salários mínimos. Esses dados apontam que o problema de mobilidade urbana está presente cotidianamente na vida das populações residentes em bairros de periferia, já que é justamente nestes bairros que as camadas com menor faixa salarial estabelecem residência.

Tendo em vista meu desejo de realizar a pesquisa em um bairro da periferia, resolvi fazer um levantamento dos bairros onde eu tinha estabelecido algum tipo de contato em função de minha participação no MPL e cheguei ao número de três bairros. No entanto, o bairro onde de

---

<sup>31</sup> Entendemos aqui que o conceito de periferia não está relacionado à distância geográfica do centro urbano, e sim à desigualdade dos investimentos públicos e de estrutura urbana, como coleta regular de lixo, saneamento básico adequado, presença de equipamentos públicos como escolas e postos de saúde entre outros aspectos (Rolnik, 2010)

<sup>32</sup> Sistema de Indicadores de Percepção Social – SIPS Mobilidade Urbana, 2010

fato desenvolvi a pesquisa não era nenhum dos que eu havia listado. Meu encontro com o Bairro Chico Mendes, local onde realizei a pesquisa, aconteceu quase que por acaso.

#### 4.6 O ENCONTRO COM O BAIRRO CHICO MENDES

A aproximação com o bairro Chico Mendes ocorreu através de André Luiz Strapazzon<sup>33</sup>, colega do NUPRA e pesquisador que já atuava na comunidade há mais ou menos cinco anos. Em um encontro informal com colegas do PPGP-UFSC as conversas sobre os projetos de pesquisa eram frequentes, e ao comentar sobre o que estava planejando pesquisar, André prontamente se dispôs a me levar na Casa Chico Mendes, ONG localizada no referido bairro e onde ele realizou sua pesquisa. Como este encontro aconteceu no final do ano de 2010, combinamos que logo que André retomasse suas atividades na Casa Chico Mendes ele me avisaria para que eu pudesse conhecer o local. Foi desta maneira, não esperada, em um encontro informal, que passei a ter o Bairro Chico Mendes como possível local para a realização da pesquisa.

No entanto, o fato de eu ir conhecer o bairro não garantiria que a pesquisa pudesse se realizar ali, uma vez que a construção de uma pesquisa implica em uma relação de reciprocidade, onde pesquisador e participante estabelecem termos comuns para a realização da mesma. Foi por essa razão que frequentei a Casa Chico Mendes algumas vezes antes de definir aquele bairro como o local onde realizaria a pesquisa. Entendo que o processo da pesquisa começa antes mesmo das atividades de investigação propriamente ditas, as idas e vindas ao campo, o bate-papo com outras pessoas que não necessariamente participaram, o estabelecimento de contatos e as conversas sobre o que eu estaria fazendo ali.

Minha primeira visita à Casa Chico Mendes aconteceu no dia 23 de fevereiro de 2011. Após algumas trocas de e-mail com André, combinamos o horário e o local onde nos encontraríamos antes de pegarmos o ônibus para Chico Mendes. Chegar na Casa Chico Mendes com André foi muito significativo para mim, uma vez que ele já

---

<sup>33</sup> Strapazzon realizou sua pesquisa de mestrado na Chico Mendes. Ver: Strapazzon, A. L. **Bons Encontros: relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

conhecia as pessoas e desenvolvia trabalhos lá há um bom tempo. Acredito inclusive que a forma tão receptiva com que fui recebida tenha relação com o fato de ter ido pela primeira vez à Casa com André. Faziam parte da rotina da Casa os encontros no final da tarde em volta da mesa da cozinha, onde algum alimento era preparado para esta ocasião. Neste dia foi feito sushi, várias pessoas participaram do jantar, dentre elas, a coordenadora da Escola América Dutra, localizada no bairro. Conversei com ela sobre minha intenção de pesquisar a mobilidade urbana naquele bairro, em especial com os jovens. Falei também que realizaria oficinas de fotografia como meio para a produção de informações sobre o tema, e fiquei com a impressão de que a coordenadora se interessou pela ideia. A partir desta conversa, realizar a pesquisa na Escola se desenhou como possibilidade.

A segunda visita que fiz à Casa Chico Mendes foi em um outro encontro-jantar que iria ocorrer para a comemoração da defesa da dissertação de André. Neste jantar fui convidada por Dodô<sup>34</sup> para visitar a comunidade durante o dia, para que pudéssemos caminhar pelo bairro. Este convite me deixou muito satisfeita, pois mais um passo foi dado no sentido de constituir meu campo de pesquisa na Chico Mendes, pois caminhar e conhecer o bairro durante o dia se mostrava de fundamental importância para que tal projeto pudesse ser desenvolvido ali.

Na visita seguinte, Dodô e eu demos uma boa volta pela comunidade, onde conheci várias trabalhadoras da reciclagem, visitei um espaço comunitário, o qual Dodô falou que eu poderia realizar as oficinas, tomei café na casa de duas mulheres, conheci a Chica<sup>35</sup>, conversei com algumas pessoas sobre o que iria fazer ali. Neste dia pude explicar melhor para Dodô os objetivos da pesquisa e como pretendia realizar a mesma. Pensando sobre o processo de construção da pesquisa, de certa forma, neste dia já comecei o contato com os possíveis participantes.

A ideia inicial era que as oficinas de fotografia, que se constituiriam como dispositivo para a produção de informações, fossem destinadas apenas aos jovens moradores do bairro, assim, a divulgação

---

<sup>34</sup> Dodô é morador da Casa Chico Mendes e membro da diretoria da Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes.

<sup>35</sup> Chica é moradora da Chico Mendes, líder comunitária e participa da coordenação da Casa Chico Mendes.



na escola do bairro era fundamental. Como no período que pretendia realizar a divulgação das oficinas os professores da rede estadual de educação estavam em greve, e por essa razão a escola encontrava-se fechada, resolvi aguardar a retomada das aulas para poder utilizar o espaço da escola para divulgar as oficinas. Depois de algumas semanas esperando o retorno das aulas, e acompanhando as negociações entre professores e governo estadual, considerei mais prudente começar a divulgação nas ruas do bairro.

A divulgação das oficinas ocorreu por meio de cartazes (Imagem 1) que foram colados nos postes, muros, bares, entre outros locais de circulação. As atividades com jovens na Casa Chico Mendes andavam um pouco desarticuladas, informação que André já havia me passado quando me convidou para conhecer o bairro. Naquele momento, não havia nenhum grupo de jovens que frequentava de forma regular a Casa. Por esse motivo, ficou claro para mim que se esse grupo de jovens não existia eu precisaria formá-lo.

Com base neste objetivo, foram colados cartazes em diversos pontos do bairro, e apesar da escola estar fechada em função da greve, foram deixados alguns cartazes com a diretora da instituição. Nos cartazes havia a data para inscrição nas oficinas, telefone e e-mail de contato. Os cartazes foram espalhados pelo bairro no dia 08 de julho e as inscrições estavam previstas para o os dias 18, 19 e 20 do mesmo mês. Nestes dias combinados para inscrição fiquei na Casa Chico Mendes no período da tarde, aguardando os jovens que gostariam de se inscrever nas oficinas. Ao fim dos três dias destinados à inscrição apenas Tinho, morador da Casa Chico Mendes, havia se inscrito. Essa estratégia para formar um grupo de inscritos por meio de divulgação com cartazes não se mostrou eficiente, era preciso encontrar os jovens e conversar com eles. Como as aulas já haviam retornado, foi combinado com a diretora da Escola América Dutra que eu poderia passar nas salas para divulgar as oficinas. Passei em sala, já com uma data estabelecida para o início das oficinas, abrindo mão das inscrições prévias para agilizar o início das atividades. Também foram confeccionados novos cartazes com a data de início das oficinas (Imagem 2). Combinei um dia para colagem dos cartazes na comunidade, Marcos, que é um jovem rapper morador do bairro me acompanhou, dizendo estar interessado em participar, e que também divulgaria para seus colegas. Agora com o dia, horário e local marcados, era esperar o momento em que as oficinas de fotografia

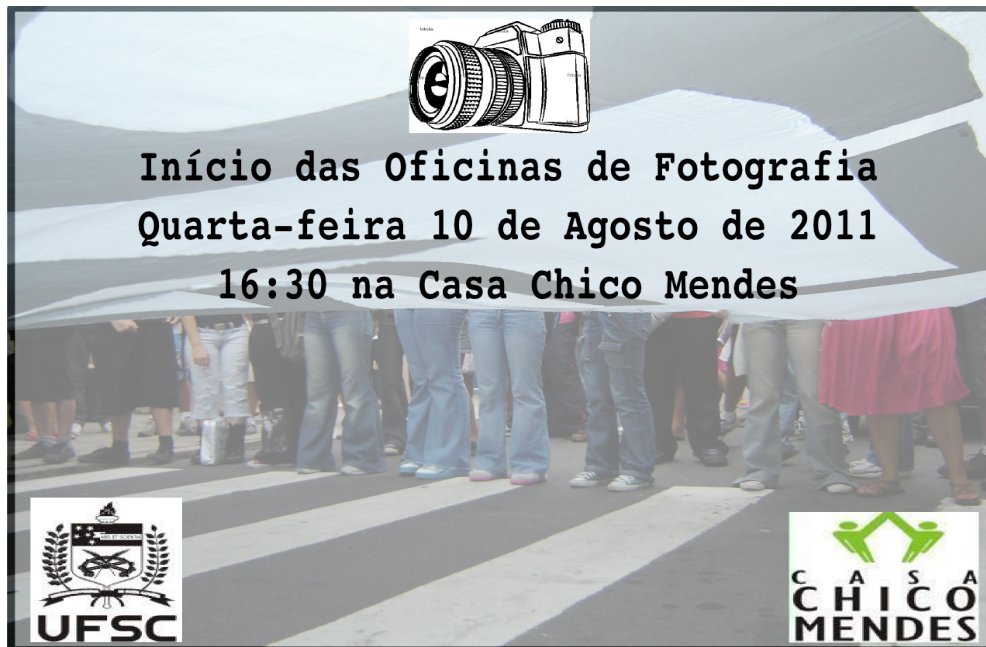
finalmente começariam.



Oficina de Fotografia  
 Cidade  
 E  
 Mobilidade Urbana  
 Por onde andamos?  
**Por onde não andamos?**  
 Oficina destinada aos jovens  
 a partir de 14 anos  
 Inscrições dias 18, 19 e 20 de julho  
 das 14 às 17 na Casa Chico Mendes  
 Local das Oficinas:  
 Casa Chico Mendes e Bacarrua  
 Mais informações  
[floramuller@gmail.com](mailto:floramuller@gmail.com)  
 Fone - 3240-8425

*Imagem 1 – Cartaz oficinas*



*Imagem 2 – Cartaz oficinas*

No dia 10 de agosto de 2011, data estipulada para o início das oficinas, cheguei com alguma antecedência na Casa Chico Mendes para arrumar o espaço. Quando cheguei, Chica já estava me aguardando, pois ela seria a responsável pela Casa que ficaria comigo para receber os participantes. No entanto, não apareceu nenhum participante, pois o único inscrito precisou ir até seu trabalho resolver algum problema. Em razão da falta de participantes, precisei tomar algumas decisões com relação ao prosseguimento da pesquisa. Em princípio as oficinas de fotografia seriam destinadas apenas aos jovens moradores do bairro, mas como no dia marcado para iniciarmos as atividades nenhum jovem apareceu resolvi convidar Chica para participar, uma vez que ela se inscrevia em um dos critérios que eu havia pensado para participação na pesquisa; Chica era moradora do bairro, mas não exatamente jovem. Chica era integrante da direção da Casa Chico Mendes e sempre se mostrou interessada nas oficinas de fotografia, perguntando-me se adultos poderiam participar das mesmas, no dia em que a conheci. Naquele dia precisei responder a ela que era apenas para jovens, mas algum tempo depois repensei sobre minhas escolhas e resolvi convidá-la, e ela aceitou prontamente o convite. Esse processo foi importante para minha formação como pesquisadora, pois através dele ficou claro que na pesquisa há também espaço para o que Bakhtin (2003) denomina de acontecimento, como aquilo que é imprevisível, inacabado, o que está por fazer.

Sobre a pesquisa ser compreendida como acontecimento Fonseca et al. apontam que

O entendimento da pesquisa como acontecimento confere-lhe espaços vazios, distâncias e ausências, e sua conclusão cronológica só poderá vir a ser a continuidade da operação de problematização (...) mais importante do que resolver o problema é o modo como o colocamos. (Fonseca et. al., 2006, p. 657).

Os jovens que eu gostaria de ter encontrado nesse dia não apareceram, mas Chica estava lá. A pesquisa vai traçando seus caminhos durante a própria caminhada do pesquisar, onde encontros e desencontros formaram essa trilha. Apesar de em um primeiro momento eu ter ficado um pouco frustrada por ter que deixar de lado a categoria juventude, ao longo do processo percebi que a presença de Chica foi

fundamental nas oficinas. Sua vivência como uma das primeiras moradoras do bairro, tendo participado da ocupação do terreno que viria a se tornar o bairro Chico Mendes, foi essencial para a compreensão da luta do direito à cidade naquela comunidade. Já que nesse dia nenhum participante apareceu, o início das oficinas ficou marcado para a semana seguinte, e nesse ínterim Dodô e Chica ficaram de voltar até a casa de algumas pessoas que se disseram interessadas em participar. Na semana seguinte, começamos de fato as oficinas, inicialmente com dois participantes, este número de participantes variava de encontro para encontro, chegando a seis participantes. Ao todo foram realizados 12 encontros-oficina durante o processo de produção de informações. Segue um breve relato de cada encontro.

No primeiro encontro falei sobre a proposta das oficinas de fotografia, esclareci aos participantes que estas oficinas faziam parte de um projeto de pesquisa que eu estava realizando na Pós-Graduação em Psicologia na UFSC. Neste sentido foi abordada a necessidade de que para participar das oficinas era indispensável ler, concordar e assinar o TCLE, expliquei do que se tratava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e porque ele era importante. Além de apresentar a proposta das oficinas também me apresentei, falei sobre meu interesse nos dois eixos principais das oficinas, a fotografia e a relação com a cidade. Achei importante pontuar como cheguei até a Chico Mendes, por isso fiz uma breve recapitulação de que pessoas e caminhos me levaram até ali.

A proposta da oficina em si também foi apresentada, conversamos que esta oficina seria realizada em aproximadamente 10 encontros semanais, nos quais trabalharíamos alguns conceitos da fotografia e também aspectos da relação dos participantes com a cidade e com o bairro. Algumas combinações como horário e dia foram feitas com os presentes, que neste primeiro encontro eram Chica e Douglas.

Levei algumas imagens para conversarmos sobre alguns elementos da fotografia. Já neste dia abordei de forma inicial alguns elementos da fotografia, como a luz e o enquadramento, e também realizamos alguns exercícios fotográficos com a câmera digital.

No segundo encontro trabalhamos um pouco da história da fotografia, conversamos sobre o princípio básico da fotografia, que é a fixação da luz em alguma substância fotosensível. Levei algumas imagens históricas, um livro de fotografia, assim como imagens das

câmeras antigas. Neste dia<sup>36</sup> foi realizado um exercício de enquadramento utilizando uma moldura de EVA, onde os participantes puderam observar as diferentes possibilidades de enquadramento de uma mesma cena. Já o terceiro encontro foi destinado ao trabalho com um mapa da cidade, para que o tema da relação com a cidade começasse a ser abordada. Com um mapa da cidade feito com uma imagem de satélite, os participantes escolheram e marcaram quatro locais no mapa, um que eles sempre iam, um que eles já haviam ido mas gostariam de voltar, outro que eles desejavam ir, e por fim um que nunca tinham visitado.

Realizamos uma saída fotográfica pelo bairro no quarto encontro. A saída consistiu em uma caminhada pelo bairro. Essa caminhada foi guiada pelos próprios participantes, uma vez que por serem moradores do bairro, conheciam a localidade melhor que eu. Cada participante recebeu uma câmera fotográfica de uso único, que foram utilizadas para tirar fotos durante a caminhada. As poses das câmeras não foram integralmente utilizadas nesta saída, foi solicitado aos participantes que reservassem alguns cliques do filme para registrar o cotidiano e o deslocamento deles pelo bairro e cidade. Algumas imagens clicadas neste dia foram utilizadas no calendário confeccionado ao final das oficinas.

As câmeras utilizadas na saída e que ficaram com os participantes da pesquisa durante a semana, foram entregues para a revelação do filme no quinto encontro. Neste encontro também utilizamos o recurso do Google Earth, por meio do qual visitamos digitalmente os locais selecionados no mapa durante o terceiro encontro. Já no sexto encontro levei reveladas as fotografias feitas pelos participantes, e durante este e o sétimo encontro conversamos sobre essas imagens. No oitavo encontro tivemos uma oficina de cartazes com Gabriel Bueno<sup>37</sup>, como estava planejada mais uma saída fotográfica, decidimos confeccionar cartazes com desenhos feitos pelos participantes, para registrarmos a passagem do grupo pelos locais da cidade, colando os mesmos durante o trajeto da saída.

No décimo encontro trabalhamos com o mapa do bairro Chico Mendes, utilizamos uma ampliação do mapa existente no Google Maps

---

<sup>36</sup> A Foto 2 mostra o exercício de enquadramento realizado neste dia.

<sup>37</sup> Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação da UFSC e artista urbano.

para destacar locais no bairro que fossem importantes para os participantes. No décimo primeiro encontro fizemos uma nova sessão de fotografias sobre o bairro, considerado o encontro anterior onde foram destacados alguns locais importantes para os participantes. No décimo segundo, e último encontro, analisamos todas as fotos em que o bairro Chico Mendes tinha sido retratado para escolhermos quais iriam integrar o Calendário Chico Mendes 2012. Este calendário se configurou como um produto que ficou na e para a comunidade, como objetivação das oficinas de fotografia.

Uma característica dos encontros foi o movimento de seus participantes, já que nem todos chegavam no começo e ficavam até o final. Às vezes, alguém que estava na Casa participava por algum tempo da atividade que estava sendo realizada na oficina de fotografia, de forma que o envolvimento nas oficinas não foi limitado à inscrição prévia. Quem circulava pela Casa poderia circular pela oficina. Destaco aqui como procedimentos para a produção de informações as oficinas de fotografia (foto 2), as imagens produzidas pelos participantes (foto 3), bem como os diários de campo. Além desses encontros “formais” da pesquisa, fui à Casa Chico Mendes outras tantas vezes para encontros informais, como festa de aniversário, jantar ou reuniões, somente para encontrar e conversar com as pessoas. Acrescento esses encontros informais pois acredito que de certa forma eles também contribuem com a pesquisa, considerando que a pesquisa se faz também na relação do pesquisador com o campo. Importante se faz valorizar estes encontros, uma vez que neles meus laços com as pessoas foram se estreitando, com a oportunidade de ouvir muitas histórias sobre o bairro, assim como conhecer pesquisadores e diversos moradores. O que chamo de oficinas de fotografia não se restringiu à oficinas que exploravam unicamente a linguagem fotográfica, embora ela fosse predominante. Nestas oficinas também trabalhamos com o mapa da cidade de Florianópolis, com o mapa do bairro, bem como com recursos digitais como o Google Earth, que possibilitou o deslocamento pela cidade por meio de mapas hospedados na internet. Como um dos objetivos da pesquisa era investigar a mobilidade urbana e o direito à cidade para os participantes, em quase todas as oficinas este era um tema que transversalizava os encontros. Todas as oficinas tiveram o áudio gravado em equipamento digital, que depois foi decupado para possibilitar a análise do material.



*Foto 2 – Oficina de fotografia*



Calendário Chico Mendes

**2012**

Este calendário é composto por imagens produzidas em uma oficina de fotografia, realizada na Casa Chico Mendes no ano de 2011. As fotos foram clicadas por Alisson, Chica, Douglas e Flora.



*Imagem 3 – Capa calendário*





*Foto 3 – Vista da lage, Chica 2011*



## 5 (dialogi)CIDADES: bairro e cidade em foco

Nossa intenção parte da análise dialógica dos discursos, onde o processo de análise se funda na busca pelas tensões, embates, entre as diversas vozes sociais presentes nestes discursos. Segundo este entendimento, uma palavra é povoada de diversas outras palavras e contra-palavras, assim como todo discurso é endereçado, como uma resposta à outro discurso. É este diálogo infinito que funda a dialogicidade de um enunciado. Desvendar todas as vozes sociais que compõe este diálogo é impossível, uma vez não se esgotam as possibilidades de uma palavra. Esta compreensão se faz importante no âmbito desta pesquisa, uma vez que compreendemos que as análises aqui desenvolvidas não passam justamente de uma, dentre tantas possibilidades de análise.

Entendemos que o processo da pesquisa se funda no estabelecimento de uma relação entre pesquisador, campo e participantes, onde não existe neutralidade possível, por isso as análises aqui levantadas estão fortemente circunscritas ao acontecimento desta investigação. Nossos procedimentos se pautam no horizonte da pesquisa-intervenção, onde a marca fundamental é o “entrelaçamento entre o que estava sendo investigado e o modo de investigar” (Castro e Besset, 2008, p. 9). Outra característica é o desapego à noção de neutralidade, nossa pesquisa está marcadamente posicionada ao lado dos interesses sociais da população onde a mesma se desenvolveu, o reconhecimento deste posicionamento é “uma opção política diante das formas de dominação em que há participação de práticas acadêmicas” (Portugal, 2008, p. 18).

Colocadas estas considerações acerca do lugar demarcado desde onde o conhecimento aqui produzido se insere, bem como da impossibilidade de neutralidade no processo de pesquisa, compreendemos que os fragmentos analisados apresentam justamente fragmentos de sentido, e nossa busca situa-se na procura por alguns fios ideológicos que formam a tecitura de um discurso.

A fim de organizar as relações entre os diversos fragmentos de pesquisa, estabelecemos uma divisão didática entre esses recortes, separando os excertos da pesquisa que tratavam de um olhar para o bairro, dos excertos que se relacionavam diretamente com o processo da

pesquisa. Os olhares para o bairro apontam para a relação entre a região da Chico Mendes e a cidade de Florianópolis, buscando estabelecer conexões entre a história da comunidade e a história da cidade. Nesta coletânea de fragmentos, os diversos discursos acerca de Florianópolis e da Chico Mendes serão confrontados, onde procuraremos evidenciar alguns discursos vigentes acerca desta região da cidade, buscando as tensões entre as vozes sociais que compõem tais discursos.

Já no capítulo intitulado “Olhar para a pesquisa” tensionaremos os discursos apresentados pelas imagens fotográficas acerca do processo de produção desta pesquisa. Foram analisadas algumas imagens que retratam o processo da pesquisa, nas oficinas de fotografia e nas saídas fotográficas pelo bairro.

## 5.1 OLHARES PARA O BAIRRO

### 5.1.1 Sobre a Chico Mendes

A comunidade Chico Mendes integra, junto com mais oito comunidades, o Bairro Monte Cristo. Esta comunidade localiza-se nas imediações da Via Expressa, rodovia que dá acesso às pontes que conectam a Ilha de Santa Catarina ao continente. Para quem chega na cidade por via terrestre, as comunidades que margeiam a Via Expressa da BR 282 são os primeiros elementos de Florianópolis a serem vistos.

O Bairro Monte Cristo<sup>38</sup> surgiu a partir de uma remoção de famílias que moravam no centro de Florianópolis, próximo ao Maciço do Morro da Cruz, mais especificamente na região localizada atrás da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, (Lima, 2003). A maior parte da população de baixa renda da cidade de Florianópolis reside no Maciço do Morro da Cruz (Silva, 2008), havendo nesta região grande concentração de habitações em situação de risco. Por essa razão, algumas comunidades ali existentes foram deslocadas para outras regiões da cidade, como foi o caso da remoção que veio originar o Bairro Monte Cristo. Além deste processo de remoção, muitas famílias se estabeleceram no bairro Monte Cristo em um movimento de ocupação de terras urbanas: das 9 comunidades que compõe o Monte Cristo (Chico Mendes, Novo Horizonte, Santa Terezinha I, Santa

---

<sup>38</sup> A Imagem 4 traz uma vista de satélite deste bairro, bem como uma aproximação em zoom.

Terezinha II, Nossa Senhora da Glória, Nova Esperança, Promorar e Paranoma) apenas as duas últimas não foram fruto de ocupação, sendo estas conjuntos habitacionais construídos para moradia de funcionários públicos (Lima, 2003). Das comunidades que compõem o Bairro Monte Cristo, a mais conhecida é a Chico Mendes, e por isso, alguns pesquisadores optam por referirem-se à Região da Chico Mendes (Silva, 2008, Korc, 2005), incluindo outras comunidades nesta denominação.

O processo de ocupação urbana se desenvolveu na região de Florianópolis entre as décadas de 70 e 90, sendo protagonizado em sua maior parte por migrantes vindos de outras regiões do estado. Estas pessoas em geral saíam de suas cidades de origem em busca de trabalho e melhores condições de vida. No entanto, na cidade passavam a enfrentar graves problemas de moradia, sendo a ocupação de terrenos sem uso a solução encontrada para enfrentar o impasse habitacional.

Segundo dados do IBGE<sup>39</sup>, na década de 70 a maior parte da população do Estado de Santa Catarina vivia em áreas rurais, constituindo-se em 57% da população. Porém, já nos anos 2000 este número caiu para 21,3%, indicando forte migração da população rural. Estes migrantes, em sua maior parte, são oriundos de famílias empobrecidas do campo, que veem na cidade um lugar para melhorarem de vida. No entanto, estas expectativas encontram entraves nas desigualdades sociais, realidade presente tanto no campo quanto na cidade. A distribuição desigual de renda atinge tanto a população rural quanto a urbana, a qual se encontrava em situação de pobreza no campo, de forma que possivelmente se manterá nesta condição na cidade.

---

<sup>39</sup> Dados apresentados no seguinte estudo CASAGRANDE, W. A. Causas da migração rural urbana na Região do Continente – Chico Mendes. relatório de pesquisa - Síntese regional. Florianópolis: Epagri - Cepa, 2006.



*Imagem 4 – Vista Satélite Bairro Monte Cristo, Google - 2012*

A partir da década de 60 a construção de alguns estabelecimentos em Florianópolis, como a Universidade Federal de Santa Catarina e a Eletrosul, tornam esta cidade atrativa para a população rural que estava passando por processos de empobrecimento no campo. Além da população de baixa renda, Florianópolis também se torna um polo atrator para as camadas médias, que buscavam nesta cidade algumas características que haviam sido perdidas nas cidades de maior porte. Este fluxo migratório está vinculado também à construção da imagem de Florianópolis como capital turística e cidade com ótimo Índice de Desenvolvimento Humano - IDH (Fantin, 2000). Fantin aponta que esta intensa mudança de pessoas para a cidade gerou conflitos com os moradores mais antigos do município, além de provocar uma mudança na própria configuração espacial da cidade. Fantin (2000) avalia que “no espaço urbano, a vinda dos novos moradores imprimiu um novo ritmo na urbanização com mudanças no cenário da cidade, nos bairros, nas ruas, nos morros” (p. 38)

É justamente nos morros que as primeiras populações migrantes de baixa renda vão procurar moradia. Estas pessoas dispoñdo de poucos recursos financeiros para aquisição de imóveis ou pagamento de aluguel, vão estabelecer residência nas regiões menos valorizadas da cidade, e consequentemente mais baratas. É predominantemente a partir das populações migrantes do campo que a Região da Chico Mendes vai sendo habitada.

A Região da Chico Mendes é considerada como integrante da periferia da cidade, devido a escassa concentração de investimentos e equipamentos públicos (Rolnik, 2010). Segundo relatos de moradores<sup>40</sup> que vivem há muito tempo na Região, esta localidade esteve por muito tempo abandonada pelo poder público, havendo precariedade na coleta de lixo, abastecimento de água e luz. Combinando-se com a vivência dos moradores, dados da Prefeitura Municipal de Florianópolis<sup>41</sup> indicam que o Índice de Desenvolvimento Humano dessa Região é de

---

<sup>40</sup> REVISTA POBRES E NOJENTAS, Ed. Companhia dos Loucos, ano 1, n. 06, março/abril, Florianópolis, 2007.

REVISTA POBRES E NOJENTAS, Ed. Companhia dos Loucos, ano 5, n. 23, maio/junho, Florianópolis, 2010.

<sup>41</sup> FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. PLANO MUNICIPAL DE HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL PMHIS - CONTRATO 669/FMIS/2008. Florianópolis, 2010.

0,535, bem abaixo do índice médio da cidade que é 0,8. Cabe destacar que a Região da Chico Mendes já apresentou o pior IDH do município (Silva, 2008), lugar que atualmente não ocupa mais, apesar de estar abaixo da média da cidade. Pode-se concluir que as diversas lutas comunitárias por melhorias nas condições de urbanização e infraestrutura da Região resultaram em melhorias significativas para a população local, fazendo com que o IDH da região se elevasse. Algumas pesquisas acadêmicas versam sobre estas lutas comunitárias, tanto no que se referem à moradia (Silva, 2008; Rosa, 2007, Korc, 2005), quanto a projetos voltados para o enfrentamento de problemas sanitários e ambientais (Farias, 2010).

A região da Chico Mendes é reconhecidamente engajada no que se refere às lutas por moradia, uma vez que desde sua fundação esta questão era central para os primeiros moradores do bairro. Algumas imagens produzidas no processo de pesquisa podem ser analisadas sob esta ótica, observando-se os tensionamentos acerca das diferentes possibilidades de moradia presentes na cidade de Florianópolis.





*Foto 4 – Vista do quarto, Douglas 2011*

Na fotografia 4, que foi tirada da parte superior de uma casa semelhante a estas que aparecem na imagem, podemos ver no primeiro plano uma sequência de telhados iguais. Esta arquitetura é característica dos projetos habitacionais desenvolvidos pela prefeitura da cidade nos bairros que apresentavam problemas de moradia. A Chico Mendes, junto com o Mocotó, no Maciço do Morro da Cruz, foram duas comunidades onde o projeto Habitar Brasil possibilitou a construção de tais residências. A própria padronização das moradias se configura como um elemento que diz muito sobre a forma pela qual as populações de baixa renda são tratadas pelo poder público. Certamente, as famílias que moram nestes bairros não são todas iguais, já que elas possuem características e necessidade diferentes, no entanto, na construção de suas moradias não há espaço para estas diferenças. A forma como estas casas são construídas e distribuídas nos terrenos dificulta muito a adaptação das residências, pois é pouco possível promover qualquer tipo de mudança interna ou ampliação externa destas casas, já que elas foram construídas pela prefeitura com a intenção de tornar complicado o rompimento de seu padrão arquitetônico (Digiacomio, 2004).

A despeito das intenções da prefeitura, é possível observar que as casas possuem cores diferentes, amarelo mostarda, verde claro, salmão e amarelo claro, o que demonstra que cada família imprimiu externamente nos seus lares alguma marca particular. Além das cores diferentes, duas casas possuem um elemento retangular cinza nos telhados que as diferencia das outras duas. Durante uma caminhada pela região fui levada por Dodô para conhecer a cooperativa de reciclagem que constrói tais retângulos; que são aquecedores de água feitos com garrafa pet, confeccionados no próprio bairro.

Ao fundo da imagem (foto 4), localiza-se uma sequência de edifícios e placas publicitárias. Pela perspectiva apresentada pela fotografia, é possível concluir que alguns destes edifícios são muito altos, indicando que não se tratam de edifícios populares que, em geral, são mais baixos, já que o custo de construção de prédios altos é também muito elevado. Mais ao fundo da imagem, por trás dos edifícios, é possível ver apenas a silhueta de uma cadeia de montanhas, em função da distância e da fotografia ter sido realizada no contraluz.

Confrontando o primeiro plano dos telhados, e o segundo plano dos edifícios, instaura-se uma tensão entre a habitação popular e a os edifícios imponentes. Pensando no local de produção da imagem, a cidade de Florianópolis, é necessário levar em conta o cenário político da mesma. A direção das ações do poder público evidencia que há um

projeto para a cidade que busca torná-la objeto de consumo para as classes mais ricas, onde os defensores de tal projeto propagandeiam a cidade como um local perfeito para estas populações.

Para estes novos moradores ricos são construídos condomínios de luxo, preferencialmente fechados e com segurança reforçada. Já às camadas empobrecidas restam as periferias da cidade. A especulação imobiliária trata de afastar as populações de baixa renda do entorno destes condomínios, uma vez que aumenta vertiginosamente o preço dos aluguéis e imóveis nas imediações, obrigando os antigos moradores destas regiões a se distanciarem cada vez mais das zonas valorizadas da cidade. Isso quando este afastamento não ocorre de forma mais dramática, com a remoção de bairros inteiros para outras regiões da cidade, ou até mesmo para fora dela, para as cidades da região metropolitana. A própria construção de habitações populares em determinadas regiões da cidade de Florianópolis é fruto de remoções em outras regiões, como aconteceu na implementação de um projeto de moradia no bairro Saco Grande (Corrêa, 2005), que atualmente é chamado de João Paulo.

Uma outra imagem produzida na Chico Mendes (foto 5<sup>42</sup>) possui praticamente os mesmos elementos da foto 4, céu, montanhas, prédios e telhados. No entanto, os prédios e as montanhas aparecem com maior proximidade, em função do *zoom* utilizado na captura da imagem. Nesta segunda imagem é possível ver com mais detalhes os edifícios, já que o *zoom* permite perceber que há pelo menos dois novos prédios em construção. É possível inferir que não se tratam de prédios de luxo, tanto pela arquitetura que não demonstra requinte (ausência de grandes áreas envidraçadas, falta de sacadas e janelas amplas), quanto pelo conhecimento prévio da região onde a foto foi feita. Tanto os prédios em construção quanto os já prontos podem ser considerados prédios de classe média, possuindo muitos andares e vários apartamentos por andar.

---

<sup>42</sup> Esta imagem foi produzida com uma Nikon Digital D50 equipada com lentes zoom 55-200mm.



*Foto 5– Cambirela, Douglas 2011*

Nesta foto, a tensão que nos chama atenção é entre os prédios, as montanhas e o céu com nuvens. O embate concreto *versus* montanha remete à lógica do desenvolvimento e do crescimento em detrimento da preservação ambiental. Florianópolis vive constantemente esta luta entre projetos diferentes para a cidade, de um lado os grandes empreendimentos imobiliários e comerciais que querem se instalar em áreas reservadas à preservação. Este tipo de desrespeito às legislações ambientais se fez tão presente na cidade de Florianópolis que foi alvo de investigações da Polícia Federal, com a chamada “Operação Moeda Verde”<sup>43</sup> na qual a polícia prendeu diversos empresários, funcionários públicos e políticos envolvidos na compra de licitações ambientais. Por outro lado, em resposta a este projeto, temos alguns movimentos sociais e comunitários que buscam opções menos destrutivas para o meio ambiente da cidade, organizando intervenções neste sentido.

A questão da especulação imobiliária também apresenta-se nessa foto. De acordo com Neto, Soares e Bittencourt (2009), a especulação imobiliária é um fenômeno que ocorre

quando investidores compram terrenos em áreas de possível valorização e aguardam para que a mesma aconteça. Com isso dão tempo para que os serviços públicos (saneamento básico, rede elétrica, pavimentação, etc.) cheguem até o local. Assim o potencial imobiliário aumenta e começam as negociações” (p.6).

Apesar da população da cidade crescer significativamente, diversos imóveis se mantêm vazios, ou disponíveis para venda ou aluguel. Este mecanismo tem como objetivo manter um certo padrão de preços em determinada região, e mesmo quando há mais oferta do que procura, o custo não diminui nestas regiões valorizadas da cidade, gerando mais valorização em tais regiões. Observa-se que a especulação imobiliária ocorre como que num ciclo, onde as grandes construtoras, donas dos imóveis, geram mais valor aos seus próprios produtos.

As fotos nos mostram que Florianópolis é diversa, e por mais que a imagem propagandeada hegemonicamente seja a da “Ilha da Magia”, onde prevalecem os condomínios fechados e as mansões luxuosas de

---

<sup>43</sup> Notícias jornalísticas sobre essa operação podem ser encontradas em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u336961.shtml> e <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL30556-5598,00.html> acesso em 31-01-2012

Jurerê, nesta cidade existem outras realidades.

Lohn (2009) aponta que essa imagem de cidade turística, principalmente destinada às camadas mais ricas da sociedade, foi sendo construída no cenário nacional a partir dos anos 1960, com a veiculação de campanhas publicitárias que exaltavam as características naturais da cidade “transformando em destino turístico e desejo de moradia para um público selecionado entre as camadas médias e altas” (p. 224). O autor também indica um processo de “territorialização das desigualdades sociais” (p. 256), onde foram construídas as condições para que determinadas regiões da cidade passassem a ser habitadas preferencialmente pelas camadas mais ricas, e outras pelas populações empobrecidas. Esse processo de territorialização é favorecido pela especulação imobiliária, que encarece e valoriza determinadas áreas, dificultando a moradia de populações com baixo poder aquisitivo nessas regiões. Com a valorização de boa parte das regiões de Florianópolis situadas na Ilha de Santa Catarina, os bairros do continente e as áreas conurbadas com as cidades da região metropolitana passaram a ser destino das populações com baixa renda residentes em Florianópolis.

O fato dessas fotos terem sido feitas na parte continental da cidade é emblemático desta concepção de Florianópolis como a “Ilha da Magia”, visão de cidade que esquece do continente e dos seus habitantes, esquece que Florianópolis possui problemas de saneamento básico, mobilidade urbana, habitações em áreas de risco, poluição das praias, aspectos que não combinam com a visão de cidade turística e destino para os segmentos mais ricos, que alguns interesses econômicos e políticos buscam passar. Souza (1998), em estudo sobre o movimento Rap em Florianópolis, afirmou que alguns artistas deste gênero musical já apontavam para as diferenças na cidade com relação à parte da ilha e do continente. Uma letra musical de um grupo de Rap de Florianópolis fala que “A ilha da magia é só da ponte pra lá!” (Souza, 1998, p. 152), afirmação que busca colocar em tensão o discurso que caracteriza a cidade apenas em suas belezas naturais e recantos turísticos.

Algumas imagens observadas durante as oficinas estéticas possibilitaram que certas memórias sobre o bairro surgissem. Na oficina do dia 21 de setembro de 2011 o Google Earth foi utilizado para visualizar a cidade. Esse aplicativo do Google possibilita uma vista panorâmica das cidades, numa espécie de sobrevoos na região escolhida. Com esse mesmo aplicativo também é possível aproximar-se ou afastar-se de uma localidade apenas com um comando no mouse. Estávamos

sobrevoando a região da Chico Mendes quando Felipe falou<sup>44</sup>:

Felipe – ali ó, ali onde eu morava Alisson

Alisson – bota ali, bota ali, aproxima esse ângulo aí ó, o areião

Flora – aqui é onde agora tem um campinho?

Alisson – Isso!

Felipe – Nós morávamos lá, eu e o Alisson

Flora – aqui é o Panorama?

Chica – ali é onde tem a pracinha agora

Felipe – Hoje é a Novo Horizonte

Douglas – Tá, o que era isso? Um depósito?

Chica – é o terreno que tem ali rapaz

Flora – Agora tem um campinho, uma quadra

Douglas – Parece lixo isso daí

Chica – mas é, é lixo, foram tiradas toneladas de lixo, daí aterraram

Felipe reconheceu um local onde já havia morado há alguns anos. A imagem no Google Earth não estava atualizada para a data vigente, de forma que estava mais próxima de como era quando Felipe ainda morava lá. Na época em que Felipe residia naquele local, a área não era muito urbanizada, havia grande depósito de materiais descartados e uma área que Alisson chamou de “areião”<sup>45</sup>. Ao visualizar o “areião” ele lembrou de que já tinha morado lá com Alisson. Residir, morar em um local implica uma série de experiências vivenciadas neste espaço, de forma que a experiência também “mobiliza imagens, lembranças, conceitos e pré-conceitos, sentidos historicamente construídos” (Smolka, 2005p. 119).

Nessa oficina, locus da produção de discurso aqui transcrito, as memórias sobre o espaço do “areião” emergiram mediante a imagem e as experiências que este espaço carregava. Acerca das imagens e de suas potencialidades para a construção de memórias Kossoy (2007) destaca que

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, mostra-nos como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo,

<sup>44</sup> Trecho transcrito a partir da gravação de áudio realizada no dia da oficina.

<sup>45</sup> Vide Imagem 5

enquanto representações, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção (Kossoy, 2007, p. 156-157)

Um aspecto referente às transformações da cidade que a imagem do Google Earth evidenciou, foi o processo de investimentos em urbanização pelo qual passou a região da Chico Mendes, uma vez que o local onde antes se encontrava um depósito de materiais descartados hoje tem uma quadra de esportes e uma pracinha.

As conversas da oficina do dia 21 de setembro demonstram que o ato de olhar imagens constantemente traz à tona e possibilita a produção memórias e histórias, pois as imagens nos ajudam a lembrar e provocam a produção de sentidos. Kossoy (2005) indica que ao longo de nossa história colecionamos uma série de imagens que resguardam memórias, conceituando essas fotografias de imagens-relicário.

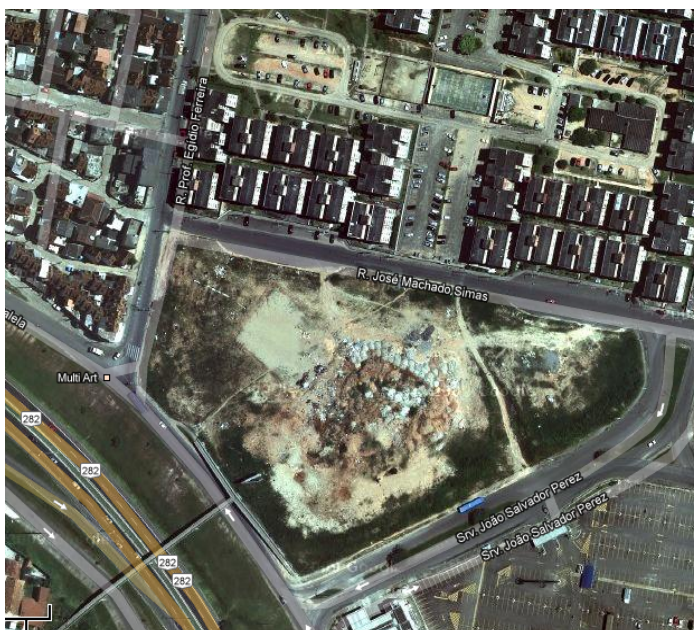
Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos, e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista tem sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o start da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções” (Kossoy, 2005, p. 43)

Contemporaneamente o registro das vivências dos diversos grupos sociais tem sido realizado predominantemente por meio de imagens fotográficas. As funções de registro que antes eram realizadas por meio de “livros de memórias, cartas ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético” (Von Simsom, 2005, p. 20). A autora atribui esse fato à democratização do registro por meio de fotos, uma vez que a partir dos anos 30 tornou-se muito mais simples o processo de produção fotográfica, com o surgimento de câmeras relativamente baratas e de fácil operação. Neste caso, a imagem também tornou possível que um



pouco da história desta comunidade fosse narrada a outras pessoas que não vivenciaram o tempo retratado na imagem, onde o que é hoje a pracinha era o “areião”. Ao mesmo tempo que observar as imagens fez rememorar outros tempos, a possibilidade de contarmos sobre estes também resgata lembranças. Braga (2000) aponta que

No ato de narrar, os fatos passados matizam-se, o sujeito se dobra sobre a própria vida. Somos levados a pensar em como, pela narração de nossas lembranças, vamos nos tornando sujeitos e nos inscrevendo na história. Lembrar é narrar. Narrar é lembrar. (p. 88)



*Imagem 5 – Vista Google Earth Bairro Chico Mendes, 2011*

Outra dimensão apresentada nas imagens produzidas durante a pesquisa traz o retrato de espaços públicos e privados do bairro. Algumas imagens produzidas mostram o bairro, retratando as ruas, as

casas, igrejas e outras construções, enquanto outras revelam o interior das casas, expondo cozinhas, salas e quartos.

O antropólogo Roberto Da Matta (1997) em seu estudo sobre a Casa e a Rua fez observações a respeito dos códigos sociais vigentes nesses espaços. Para o autor, o espaço da rua é marcado por estar “aberto ao legalismo jurídico, ao mercado, à história linear e ao progresso individualista”, enquanto o código da casa “é avesso à mudança e à história, à economia, ao individualismo e ao progresso” (Da Matta, 1997, pg. 48). O autor alerta para o fato destes códigos não serem exclusivos ou hegemônicos nestes espaços, eles são complementares, e que a vigência dos mesmos deve ser analisada especificamente em cada contexto social e histórico. Analisar as imagens a partir dos termos “Casa” e “Rua” também nos faz pensar nas imagens a partir das categorias público e privado, estando a vida pública mais ligada aos ambientes externos, e a vida privada aos internos. No entanto, essa classificação não pode ser encarada de forma definitiva, uma vez que “Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública.” (Prost, 2009, p. 14). Ariès e Duby (2009), na coletânea por eles organizada intitulada “História da vida privada”, demarcam como em cada meio social as definições de público e privado ocorrem, os autores enfatizam que essas definições estão intimamente ligadas às condições sociais e históricas de grupo.

Neste mesmo sentido o também antropólogo Magnani (2002, 2003) contribui para a discussão acerca das diferentes formas de apropriação tanto dos espaços públicos quanto privados. O autor pontua que não é possível analisar o espaço urbano utilizando apenas a categoria de espaço público, uma vez que existem diferentes formas de apropriação destes espaços. Magnani afirma que é fundamental “distinguir as formas em que esse espaço público se apresentava e era trabalhado pelos usuários, o que redundava em diferentes dinâmicas urbanas e de sociabilidade.” (Magnani, 2003, p. 90). A partir destas constatações o autor conclui que há um tipo de espaço público que contém particularidades, que foi denominado pelos participantes de sua pesquisa de “pedaço”.

Foi então que surgiu essa noção de pedaço, uma idéia nativa mas que terminou se transformando numa categoria mais geral na medida em que permitiu discutir e se integrar em outros esquemas conceituais. Em diálogo com a conhecida dicotomia “rua versus casa” de Roberto

Da Matta (1979), essa noção revelou um outro domínio de relações: enquanto a casa é o domínio dos parentes e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. Assim se desvelou um campo de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, tratam das diferenças, alimentam, em suma, redes de sociabilidade numa paisagem aparentemente desprovida de sentido ou lida apenas na chave da pobreza ou exclusão. (Magnani, 2003, p. 86)

Trazemos para esta pesquisa as categorias “casa”, “rua” e “pedaço”, e as contribuições dos antropólogos, com a intenção de que elas nos ajudem a pensar sobre as imagem produzidas pelos sujeitos, e não com o objetivo de classificar tais imagens dentro destas categorias.

Ao analisarmos as imagem que retratam a rua, observamos que a maior parte delas mostram o bairro numa perspectiva panorâmica, fotografando grandes áreas. Algumas fachadas de casas e igrejas também foram fotografadas, as ruas se apresentaram mais povoadas de carros do que de pessoas. Na foto 6 a perspectiva da imagem indica que o autor estava no meio da rua quando produziu a imagem. Nosso olhar ao observarmos a imagem é direcionado para o final da rua, em função das linhas paralelas que as casas e a fila dos carros formam. Essas linhas nos dão a impressão de se cruzarem lá no final da rua, e esse cruzamento é o ponto de fuga da imagem. Os fios do postes também formam tramas entre segmentos de reta que fazem o olhar percorrer a fotografia.

O fato do autor estar no meio da rua para produzir a imagem traz indícios de que a rua não tem um fluxo intenso de automóveis. Pensar em fotografar desde o meio da rua em regiões como o centro da cidade seria quase impossível. Esta escassez de pessoas nas ruas na faixa de horário da tarde, indicada pela luz do dia, remete à impressão de um bairro pacato, mas também pode ser encarada como uma evidência de que se trata de um bairro perigoso, onde as pessoas preferem ficar em suas residências. O calçamento da rua é de pedra, e embaixo da Kombi branca se nota a presença de um capim verde, indícios de que aquele carro não sai dali há um bom tempo. Ampliando a imagem observamos que inclusive falta um roda no carro, de forma que a impressão dele estar com o farolete ligado provavelmente foi fruto do reflexo de luz nos mesmos.

Os carros que estão na rua são de modelos populares, e não indicam ser dos modelos mais novos, um deles que parece ser um Gol, inclusive há alguns anos passou a ser fabricado com outro modelo de carroceria. Os elementos visuais presentes na imagem, os modelos dos carros, a arquitetura e conservação das residências, testemunham que se trata de uma foto feita em uma rua de um bairro habitado pelas populações de renda.

Outras imagens nos mostram um bairro residencial, onde as casas são muito próximas umas das outras, marcadas pela arquitetura simples. As fotografias evidenciam algumas casas em construção, ou em reforma, de maneira que o cenário do bairro está constantemente se modificando. A Foto 7 traz os elementos descritos anteriormente. Podemos dividir horizontalmente essa imagem em duas metades, na parte de cima da imagem o que predomina é o céu, em diversos tons de azul e com poucas nuvens brancas. Já na parte inferior da fotografia vemos diversas casas, algumas com os tijolos à mostra, outras apenas com o reboco; as cores que predominam nesta metade da imagem são tons terra dos tijolos e o cinza. Pela perspectiva que a rua no canto direito da imagem aparece, concluímos que a autora fez esta imagem em um lugar alto, possivelmente na laje da Casa Chico Mendes. O centro da imagem é uma caixa d'água azul, e junto com ela uma edificação de destaque, localizada no ponto mais alto da laje dessa edificação que é uma casa bege, que ocupa boa parte da metade de baixo da fotografia. Depois de notarmos a presença desta caixa d'água observamos que existem outras iguais a ela, geralmente localizadas na laje das casas, conforme evidenciado na Imagem 6, que é um recorte na Foto 7. Algumas imagens mostram grandes áreas construídas. As construções urbanas parecem ocupar todo o solo, dando a impressão de uma cidade sem fim.

Na Foto 8 o elemento predominante é o céu, se dividirmos a imagem em três partes iguais e horizontais, ele ocupa dois terços. No céu além dos diversos tons de azul há uma grande nuvem branca. No terço inferior da foto existem muitas construções, a maior parte delas são casas, mas no canto direito há a presença de alguns prédios. No primeiro plano da imagem vemos alguns pontos verdes, que são árvores. E mais no fundo da fotografia notamos a presença de algumas montanhas. Uma das montanhas fica no meio do terço inferior, neste morro o verde da vegetação é pontilhado de cinza, vestígios de que existem construções neste local. Já a montanha que está mais no canto direito da imagem está muito distante, o que faz com que seja

impossível identificar se existem ou não construções nela.

Tanto a foto 7 quanto a foto 8 apontam para o processo de urbanização características das regiões periferias das cidades, uma vez que não identificamos a organização de quadras e lotes bem delimitados, bem com pela predominância de habitações mais simples.



*Foto 6 – Rua, Douglas 2011*



*Foto 7 - Construções, Chica 2011*





*Imagem 6 –Caixas d'água*





*Foto 8, Cidade sem fim, Douglas 2011*

Além das imagens das ruas e espaços externos do bairro, os participantes também clicaram alguns espaços internos, como cozinhas, salas e quartos de casas da Chico Mendes.

Douglas retrata a mesma criança três vezes<sup>46</sup>. Na primeira imagem ela está em uma área que parece ser a entrada de uma casa, está posicionada em frente a um portão de ferro. Atrás do portão é possível identificar uma rua, com um carro estacionado. Nos dois retratos seguintes a criança aparece próxima a um saco de boxe, e seu olhar está direcionado para a câmera, mas seus braços indicam o movimento de bater no saco, de forma que podemos inferir que ela brincava de bater no saco para ser fotografada. Nas três imagens a criança apresenta um leve sorriso, indicando que pode estar se divertindo, como se estivesse participando de alguma brincadeira.

Alisson fotografa uma criança em cima de um sofá, ela está em pé e olhando para a câmera, nesta imagem a criança parece estar um pouco assustada. A foto foi feita em um ambiente interno, e pelo padrão de iluminação é possível deduzir que o flash foi disparado, o que pode ter causado um sobressalto na criança, provocando sua expressão levemente assustada.

Na foto feita por Chica a criança retratada está no colo de uma mulher, ela está em pé em uma cozinha e segura a criança com um braço contra seu corpo, as duas olham diretamente para a câmera. A criança aparenta estar familiarizada àquele colo, indicando que talvez as duas tenham alguma relação de proximidade. O olhar das duas é muito marcante, nem a criança nem a mulher sorriem, mas por elas olharem diretamente para a lente da câmera, ao olharmos a foto parece que elas nos olham, interpelando o leitor da imagem.

Nas três situações as crianças olhavam diretamente para a câmera, indicando que as fotos não foram espontâneas e sim posadas. As três crianças retratadas pareciam não passar dos três anos de idade. Existem muitas crianças na Chico Mendes, elas circulam pelas ruas, soltam pipa

---

46

Muitas destas fotos realizadas no interior das casas traziam retratos de crianças. Em decorrência de aspectos éticos não iremos incluir as imagens destas crianças no corpo deste texto, pois por não serem participantes da pesquisa, não possuímos autorização para publicar suas imagens. Já que não mostraremos tais imagens, cabe descrevê-las, de forma que seja possível para o leitor se aproximar um pouco das imagens que estaremos analisando.

nas lajes e telhados, brincam<sup>47</sup>.

Entendemos que estas imagens nos questionam sobre o local da infância e das crianças na contemporaneidade. É algo significativo que em todas as sequências produzidas pelos participantes houvessem fotografias de crianças. Sontag (2004) apresenta um estudo sociológico que indica uma probabilidade duas vezes maior de uma residência com criança possuir câmeras fotográficas. Se “fotografar é atribuir importância” (Sontag, 2004, p. 41), esses dados revelam uma necessidade de registro da infância, conferindo às crianças um lugar de destaque na vida familiar.

A noção de infância e criança foram se construindo ao longo da história da humanidade. Segundo Ariès (2006), é muito provável que no período medieval esta categoria inexistisse. Para o autor, o fato de não existirem representações de crianças nas artes pode indicar que “é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (p. 18), ainda que existissem crianças. Assim como a noção de infância foi se construindo ao da história, ela também varia entre os diferentes grupos sociais de um mesmo período. A infância deve ser entendida tendo como parâmetro o contexto no qual a criança está inserida, não sendo possível descolar determinada experiência de infância das condições nas quais ela acontece.

Todos os retratos de crianças foram feitos em ambiente doméstico, espaço da vida privada. Schwede (2010), que investigou a infância no ambiente urbano, aponta que durante o Séc. XX no Brasil foram realizados movimentos para retirar as crianças da rua, uma vez que este espaço passou a ser considerado perigoso, inadequado para as crianças. O espaço doméstico passou ser considerado o lugar de cuidado e proteção que as crianças necessitavam.

Estas crianças fotografadas devem fazer parte do contexto afetivo de quem as fotografou. Todas elas posavam para a foto, aguardando o clique dos fotógrafos, assim como as imagens também indicam um cuidado do fotógrafo ao enquadrá-las.

Além dos retratos das crianças, outras imagens do interior das casas foram produzidas. Tais fotografias, povoadas de afetos, em geral foram feitas em cozinhas. Em uma foto<sup>48</sup> produzida por Chica

---

<sup>47</sup> Lima (2008) investigou as experiências de infância neste bairro, não cabendo ao contexto de nossa pesquisa centrarmos-nos nesta temática.

<sup>48</sup> Não incluímos essa imagem na dissertação pois nela aparecem pessoas que

observamos uma típica cena do ambiente doméstico: duas pessoas fazendo uma refeição à mesa, onde as panelas no fogão e na mesa indicam a confecção de comida caseira. Há também um gato sentado sobre uma banqueta, fazendo as vezes de quem ocupa um lugar à mesa. Observamos também vários papéis de horários de ônibus colados em uma parede atrás da mesa onde a refeição está acontecendo. A refeição preparada em casa e compartilhada em uma mesa redonda remete ao ambiente familiar, e aos afetos que circulam neste espaço. Outro elemento que consta nas imagens e que se conecta às redes afetivas presentes na fotografia é o gato. Ele aparece inclusive em cima de uma das cadeiras próximas da mesa, o que pode demarcar que ele possui um lugar nesta mesa e nesta casa. O gato, animal de estimação, parece ser estimado por essa família, estando incluído nas relações afetivas fotografadas no ambiente doméstico.

Silva (2009) descreve a cozinha como um espaço onde circulam afetos e são constituídas redes de socialização. É na cozinha, e sentados em volta de uma mesa, que um vizinho põe a conversa em dia com o outro, compartilhando um café ou refeição. A necessidade diária de alimentação transforma a cozinha em um espaço vital da casa, ali a comida é preparada, e muitas vezes servida e consumida. A cozinha também está presente nas imagens produzidas por Alisson. As fotos 10 e 11 retratam a cozinha da Casa Chico Mendes.

A cozinha da Casa Chico Mendes é notadamente um espaço de encontros e trocas,

É na cozinha da Casa o espaço onde mais ocorrem os encontros e, sobretudo, os bons encontros. Mesmo que possam estender-se para os demais espaços, e até mesmo fora da Casa ou da Comunidade, os encontros têm na cozinha seu espaço legitimado, geralmente em torno da mesa. (Strapazzon, 2011, p.67-68)

É em geral na cozinha que o café é degustado. Esta bebida é um elemento de presença marcante na Cozinha da Casa Chico Mendes, conforme observamos na Foto 10, onde há em cima da pia uma xícara, possivelmente utilizadas por alguém para sorver alguns goles de café. Nesta pia da Foto 10 estão repousadas uma cuia de chimarrão, uma garrafa térmica, uma garrafa de refrigerante vazia, algumas louças e detergente, acima da pia vemos um janela de vidro martelado. Ao lado esquerdo observa-se uma parte de um fogão, onde aparecem os botões de acendimento, e logo acima dele uma prateleira com temperos. Do lado direito da imagem encontra-se uma porta aberta que leva à uma área externa, na grade desta porta alguns panos estão pendurados, uma pessoa de costas e blusa azul em frete a porta.

Sempre há café na Casa, e quase sempre quando alguém vai à Casa reserva um instante para saborear uma xícara de café. Strapazzon (2011) e Lima (2008), que também realizaram pesquisas na Casa Chico Mendes, identificam o momento de tomar um café como algo que convida à troca, entre um gole e outro muitas histórias são compartilhadas. Ribes (2008) conseguiu materializar em um belo texto os diversos acontecimentos, que mediados pelo café, são experimentados e compartilhados.

E faz-se o silêncio.

Hora de respirar e acomodar dentro do peito as muitas vidas que pulsaram durante o dia todo na Casa Chico Mendes, acolhendo brilho, ritmos e trajetórias diversas.

Num rodamoinho de emoções e aprendizados, enquanto mãos hábeis recolhem água e a colocam para ferver, olhos que permaneceram fitam profundamente ora outros olhos ora o vazio. Um vazio preenchido, o todo existencial. Ao compasso da água que ferve, com a mesma habilidade da lata o pó é retirado em colheradas generosas e repassado para o filtro, que se equilibra na velha garrafa térmica. O contato da água fervente com o pó produz delicioso aroma, magia pura que volta a atrair mais olhos e bocas. Impossível resgatar-se nesta experiência sem o café que vem com o pôr do sol. E novamente a mesa é ocupada pelos que ficaram

e pelos que vão chegando aos pouquinhos, estes com canecas em punho para brindar à vida com olhos, bocas, ouvidos e almas transformadas. Talvez seja no aconchego mesmo que se possa elaborar os ritmos e trajetórias das vidas que pulsam.

Respirar, beber um café e sintonizar olhares enche de significado o encontro das diferentes gentes que se entrelaçam na Casa. E assim a vida plena é resgatada, não importa se momentaneamente. Este brinde ao pôr do sol reúne gente com sabedoria da vida e anos de luta comunitária; gente que transitou ou transita pela Academia, dialogando ou brigando com o saber formal; gente ainda criança, gente um pouco mais velha; gente mais convencional; gente aberta a todas as possibilidades; gente desiludida com as circunstâncias; gente esperançosa; gente que desistiu de acreditar; gente que ainda procura teto; gente que optou pela rua tendo asas nos pés; gente que acredita nas instituições; gente que quer revolucionar; gente que faz da dança a sua vida, que canta para sentir dignidade; gente que faz da depressão sua companheira; gente que se rende ou ressignifica o ilegal; gente que conjuga o viver no agora; gente que se acomodou à morte; gente que mata nesta hora a fome do pão, a fome da cidadania, a fome da beleza; gente que se sente fabulosa ao compartilhar uma caneca de café e ser acolhida em sua humanidade enquanto o sol se põe.

Acolher estas vidas que pulsam passa pelo desestabilizar-nos. Acolhê-las passa pelo muito que temos a aprender com as singularidades, passa pela resistência e beleza de assumirmos nossas incertezas. Passa por desconfiarmos das verdades, do absoluto.

Tomar um café em companhia na Casa Chico Mendes significa mudar as perguntas e freqüentemente, mudar o passo... Pois enquanto bebemos nosso café, o sol se prepara para renascer.

Ribes (2008)<sup>49</sup>

O café, durante o processo desta pesquisa, também teve uma presença marcante. Em minha primeira caminhada pela comunidade Dodô me levou em duas casas de amigas dele, em ambas nos ofereceram uma xícara de café, e pudemos conversar um pouco sobre a proposta da pesquisa entre um gole e outro. Após quase todos os encontros, o grupo se reunia para tomar um cafezinho, e nossa conversa continuava mais um pouco com as xícaras nas mãos. Tomar um café neste contexto remete a uma pausa, a uma desaceleração, ao contrário do café tomado às pressas, servido em copos descartáveis para poderem ser consumidos na rua, enquanto corre-se para não perder o ônibus. O ritmo veloz da metrópole dificulta a pausa, inclusive para o café. Grades redes de fast food oferecem café em embalagens térmicas com tampas, adequadas para serem consumidas em movimento. Já o café servido na Casa tem outro ritmo, o ritmo do bairro, das relações de vizinhança. Segundo Vedana (2008), o bairro é demarcado por uma relação de reconhecimento entre os seus habitantes, diferentemente da metrópole, onde em geral caminha-se anonimamente. No bairro “habitantes reconhecem e são reconhecidos, em seus itinerários familiares, pelo andar vagaroso ou apressado das ruas, pela boemia ou pelas relações de vizinhança” (Vedana, 2008, p. 215).

---

<sup>49</sup> Texto retirado do Blog da Casa Chico Mendes Fonte:

<http://casachicomendes.blogspot.com.br/2009/06/um-cafe.html> Acessado em 05 de julho de 2012



*Foto 10 – Cozinha Casa Chico Mendes, Alisson, 2011*



A cozinha também foi escolhida como cenário para os retratos de si que os participantes da pesquisa realizaram. A ocorrência de retratos de si é comum nas pesquisas que disponibilizam câmeras de uso único. Kemp (2011), levanta uma discussão importante acerca da autoria destas imagens, mesmo reconhecendo que quem disparou o botão da câmera para capturar a imagem não foi o sujeito retratado, a autora considera os mesmos diretores da imagem, uma vez que

é possível pressupor que elas tenham colaborado ativamente na composição da imagem, via a escolha dos cenários e os modos como se apresentaram para o “click”. Se esse pressuposto é aceito, as crianças podem ser consideradas coautoras ou diretoras da imagem, além de protagonistas. Assim, elas produziram fotografias de si em que se apresentam para um outro como protagonistas principais. (p. 90-91)



*Montagem 1- Retratos de si*

Esta presença marcante das imagens feitas nas cozinhas demarca um importância desde local no cotidiano dos participantes da pesquisa. Espaço destinado à preparação e consumo de alimentos a cozinha é também local de trocas, de conversas, um lugar de bons encontros, como constatou Strapazzon (2011).

### **5.1.2 A casa Chico Mendes<sup>50</sup>**

Dentre algumas das instituições presentes na comunidade e que vêm sistematicamente lutando por melhorias para a região e seus moradores, encontra-se a Casa Chico Mendes<sup>51</sup>. A Casa Chico Mendes, ou ora apenas denominada Casa, é uma ONG fundada praticamente junto com a Comunidade Chico Mendes, no ano de 1991. o fato de levarem o mesmo nome já aponta para as imbricadas relações entre Casa e Comunidade.

Foi no espaço físico da Casa Chico Mendes que as oficinas estéticas que integram esta pesquisa foram realizadas. É importante destacar que a Casa Chico Mendes abrigou diversos projetos sociais durante todos estes anos de existência. No entanto, uma dívida com a Receita Federal tornou necessária a interrupção de alguns destes projetos, principalmente por falta de recursos financeiros para custeá-los, já que os fundos eram angariados em parceria com a Prefeitura Municipal de Florianópolis e o advento da dívida suspendeu qualquer tipo de repasse da prefeitura para a ONG (Strapazzon, 2011).

Entendemos que esta interrupção nos projetos teve impacto direto no andamento desta investigação, uma vez que os projetos envolvem muitos sujeitos. As oficinas referentes ao processo de

---

<sup>50</sup> A Foto 11 apresenta a fachada da Casa.

<sup>51</sup> Dois importantes trabalhos sobre a Casa Chico Mendes são:  
Lima, D. J. “Só Sangue Bom” Construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil. 2003 Dissertação (Mestrado em Educação e Movimentos Sociais) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal De Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2003.

Strapazzon, A, L. Bons Encontros: relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação Em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

produção de informações tiveram seu início um pouco conturbado, primeiramente em função da greve mencionada anteriormente e, depois, pelo não comparecimento dos sujeitos interessados em participar.

Pelos relatos lidos em outras pesquisas (Strapazzon, 2011; Lima, 2003; Lima, 2008; Vill, 2009), a Casa Chico Mendes se mostrava um local intensamente frequentado pelos moradores da região. Grande parte do movimento em torno da Casa girava em função dos projetos ali desenvolvidos. Acreditamos que com a interrupção parcial destes projetos, a Casa possa ter perdido momentaneamente seu lugar de referência no desenvolvimento de projetos voltados para os moradores da comunidade. Este alerta em torno de um eventual refluxo no movimento da Casa me foi dado por Strapazzon, quando apresentei meu desejo de realizar tal pesquisa. Ele me explicou que, em função da dívida, as atividades com projetos estavam parcialmente suspensas e que talvez eu tivesse certa dificuldade. No entanto, entendi que em todos os campos de pesquisa eu teria dificuldades, pois em qualquer lugar o desejo de realizar uma pesquisa partiria de mim, e não necessariamente dos sujeitos que da mesma participariam.

Um momento de transição no funcionamento da Casa era visível, tanto pela grande reforma do espaço físico pela qual ela estava passando, quanto pelo foco e modelo dos projetos que ali seriam desenvolvidos. Durante o tempo em que estive desenvolvendo as oficinas, a Casa teve seu andar superior reestruturado, com a criação e melhora de vários ambientes: teve a lage reformada, sendo transformada em um espaço de convívio ao ar livre; sua fachada externa também recebeu nova pintura, bem como a maior parte dos cômodos internos, além da fiação elétrica que também foi trocada. Além destas mudanças no ambiente físico, em conversas com Dodô, assim como nas análises empreendidas na pesquisa de Strapazzon (2011), existem relatos do interesse da diretoria da Casa em modificar o caráter dos projetos ali desenvolvidos. Antes da suspensão dos projetos, a Casa assumia um certo lugar de complementariedade na educação formal na comunidade, sendo responsável por projetos de educação complementar para cerca de 80 crianças. A mudança no perfil dos projetos pretende voltar as atividades desenvolvidas na Casa para projetos mais pontuais, não comprometendo a Casa com projetos de longo prazo, ou que ocupem um ano inteiro. A ideia das novas atividades gira em torno de oficinas sobre determinados temas, ou assuntos específicos. Essa nova forma que

as atividades na Casa pretende assumir busca promover um pouco mais de autonomia da Casa em relação às cobranças burocráticas da Prefeitura, principal parceira nos projetos de educação complementar. Além disso, está o entendimento de que é competência do Estado, e não da Casa, a educação de jovens e crianças.

Apesar de um início um pouco conturbado, as oficinas se desenvolveram durante cinco meses, perfazendo um total de doze encontros. Acredito que a característica de fluxo presente na Casa também se fez presente na configuração das oficinas. O fluxo das pessoas pela Casa também se refletia no movimento das pessoas nas oficinas: alguns chegavam no início do encontro, ficavam um pouco, saíam, voltavam, ou apareciam somente no encontro seguinte. A Casa era aberta ao vai e vem da comunidade e as oficinas de fotografia não teriam como ser diferentes. Por essa razão, a análise dos materiais produzidos nas oficinas levaram em consideração este contexto de produção, não focando na produção de um sujeito específico, tampouco buscando individualizar as falas e imagens produzidas nas oficinas. Apesar de entendermos que seria possível analisar os fragmentos de pesquisa a partir da fala do sujeito que o produziu, preferimos analisar ancorados nas relações entre estes fragmentos, buscando, assim, estabelecer uma teia de sentidos compartilhados entre os diversos fragmentos.

Durante minha incursão no bairro, um objeto presente na Casa Chico Mendes, a caixa postal comunitária, revelou como a conquista de direitos sociais ampliou-se neste região. Este foi um dos primeiros elementos que me chamou a atenção quando cheguei na Casa Chico Mendes

Já era quase 16:30 e nada dos jovens, Chica e eu ficamos conversando no sofazinho que tem na entrada da Casa, algumas pessoas entraram para pegar as correspondências, pois na Casa tem uma espécie de Caixa Postal da Chico Mendes. A Chica me explicou que antes o correio não entregava as cartas nas casas das pessoas, porque as ruas eram muito estreitas, a solução tinha sido colocar aquele armário de caixa postal com o número das casas. Mas, ela falou que agora o correio já entregava as correspondências e que não tinha mais sentido

essa caixa postal continuar na Casa. As três vezes que o portão abriu, pensei que eram os jovens, mas eram pessoas que vieram buscar as cartas. (Diário de campo, 10 de agosto de 2011)

Silva (2008) analisa em sua tese os encontros favorecidos pela caixa postal comunitária, indicando que as pessoas vêm buscar suas correspondências. No entanto, a potência das caixas postais da Casa Chico Mendes ultrapassa seu objetivo puramente prático, de apenas fazerem chegar as correspondências. Há todo um cuidado por parte dos moradores da Casa, Felipe e Dodô, que distribuem atentamente as correspondências deixadas pelos Correios nas caixinhas dos destinatários.

A sala das correspondências é carregada desse sentido de acolhida, de receptividade, de cuidado, de olhares que se cruzam entre chegadas e partidas. Aqui vale a pena pensar sobre essa dimensão estética do cuidado, presente nesse exercício de acolhida quando nos deparamos com a presença do outro (Silva, 2008, p. 97)

Dodô contou-me que, pelo fato dos moradores não conseguirem receber suas cartas, a Casa colocou-se a disposição dos Correios para abrigar as caixas postais. Desde o ano de 2003, as correspondências dos moradores da Casa Chico Mendes passaram a ser entregues na Casa. Diariamente os moradores da região frequentam a Casa em busca de suas cartas ou contas. Este fato também demonstra a relação existente entre a Casa Chico Mendes e a comunidade, indicando que a Casa se faz presente no cotidiano dos moradores. Além deste aspecto de confiança estabelecido entre a Casa e a comunidade, um outro fator também evidenciado pelas caixas postais é a função da Casa Chico Mendes enquanto promotora do acesso dos moradores ao direito elementar de receber uma carta, encomendas ou até mesmo um conta para pagar.



*Foto 11 – Fachada Casa Chico Mendes, Flora 2011*

Podemos relacionar estas caixas postais com o objeto de nosso estudo, o direito à cidade, uma vez que este direito existe para um cidadão, quando este passa a ser considerado parte integrante da cidade, e receber suas correspondências em seu endereço demonstra o pertencimento à algum lugar de determinada cidade. De forma que, ter o direito à correspondência negado pelo poder público, indica que este desconsidera tais moradores enquanto cidadãos pertencentes a cidade. Antes das caixas postais, o pertencimento à cidade de Florianópolis era dificultado para os moradores da Chico Mendes, eles tinham e, ao mesmo tempo, não tinham um endereço, uma vez que, apesar de terem uma residência fixa, pelo fato desta pertencer à região da Chico Mendes era como se eles não tivessem, já que para os Correios esse endereço não era válido para a entrega de cartas.

Passados alguns anos da implementação das caixas postais, atualmente os Correios já circulam com mais frequência pela região, o que fez com que o uso das caixas postais ficasse cada vez menor. A circulação dos Correios pela região foi possibilitada devido a diversas lutas comunitárias por melhorias na infraestrutura, como a pavimentação de vias, a numeração das casas, a instalação de iluminação pública, entre outras.

A região da Chico Mendes, desde sua ocupação, integrou ativamente os movimentos comunitários da cidade, conforme aponta Silva (2008)

A Comunidade Chico Mendes, já a partir de 1991, passa a integrar os movimentos sociais da cidade, participando ativamente das programações, tanto de formação, quanto de mobilização, desenvolvidas pelo Movimento Sem-teto e pela Comissão das Associações de Moradores da Periferia de Florianópolis. (p. 59)

A partir da concepção de política de Rancière (1996a, 1996b, 2009), podemos entender que estas ações se configuraram como lutas políticas. Para este autor, a política se instaura como um ato precário que visa uma reconfiguração do mundo sensível, ou seja, do que é visível, dizível e contável. Entendemos que estas lutas visavam o reconhecimento dos moradores da região enquanto moradores da cidade de Florianópolis, se todos na cidade tem o direito de receber uma carta em casa, por que os habitantes da Chico Mendes não tem? De certa

forma os moradores daquela região não eram contatos e vistos como habitantes da cidade. Apesar das estatísticas computá-los enquanto tal, eles na prática não eram considerados, pois o direito básico de ter um endereço nesta cidade a eles era negado. A partir das lutas comunitárias estes moradores instalaram o dissenso que, de acordo com Rancière é “uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável.” (Rancière, 1996b, p. 372). Estas lutas se configuraram como atividade política, pois caracteriza-se como uma ação que “desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto (...) faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (Rancière, 1996a, p. 42). Antes desses embates, a região da Chico Mendes não era vista ou contada como um endereço pertencente à cidade de Florianópolis, já que antes esses moradores não tinham como nomear um endereço para receberem suas correspondências.

Desde a ocupação do terreno que veio a ser a região da Chico Mendes, os moradores que ali se instalaram passaram a instaurar uma reconfiguração do que era visto, dito e contado sobre aquela região. A ocupação daquele terreno por parte de famílias sem teto, se mostrou como uma desestabilização no que já estava instituído. Se antes da ocupação aquele terreno era apenas um espaço vazio, após a ocupação ele passou a ser o lugar de moradia de muitas pessoas. Os migrantes em situação de habitação precária passaram a ser vistos quando montaram seu acampamento, Chica, uma das participantes desta pesquisa e que também realizou a ocupação do terreno, conta que “ocupar nos parecia a única saída para começar ali nossas vidas” (Chica em entrevista à Revista Pobres e Nojentas, 2007, p. 15), ou seja, o que estava em jogo naquela ocupação era também a possibilidade daquelas pessoas seguirem suas vidas.

A ocupação de uma área para se tornar lugar de moradia relaciona-se fortemente com o tema desta pesquisa-intervenção, o direito à cidade. O primeiro elemento que define se alguém é considerado ou não parte de determinada cidade é a possibilidade de habitar, morar e encontrar seu lugar nesta cidade. Por isso acreditamos que o tema do direito à cidade possui laços estreitos com a luta por outro direito, que é o direito à moradia. Rosa (2007) que realizou uma pesquisa sobre gênero e moradia na região da Chico Mendes, afirma que “a moradia é um bem que favorece o acesso a outros bens, como saúde,



educação, trabalho, transporte, cultura e lazer. Deve estar integrada à cidade e aos serviços públicos.” (p. 78). Este entendimento da autora acerca do direito à moradia, compreendendo-o em relação ao acesso à outros direitos, aproxima-se do nosso entendimento a respeito do direito à mobilidade urbana, uma vez que as condições de deslocamento pela cidade podem favorecer ou dificultar o acesso a outros direitos como saúde e educação, por exemplo.

### 5.1.3 “A Chico Mendes não existe”

- *Mas cadê a Chico Mendes?*

- *A Chico Mendes não existe*

O diálogo apresentado na epígrafe desse texto ocorreu em uma atividade<sup>52</sup> realizada nas oficinas estéticas, na qual foi utilizado um mapa de Florianópolis a fim de mapear os locais que os moradores do bairro Chico Mendes costumavam frequentar, os locais que eles visitavam com pouca frequência e os que gostariam de conhecer. Durante essa atividade, Chica procurou localizar no mapa a região da Chico Mendes, mas como diversos bairros estavam nomeados, ela procurou pelo nome “Chico Mendes” no mapa. Intrigada por não ter encontrado o bairro ela falou, “Mas cadê a Chico Mendes?”. Tinho respondeu que ela não iria encontrar pois “a Chico Mendes não existe”. Então, perguntei a ele onde ele morava, já que onde estávamos era Chico Mendes, ele respondeu: “eu moro no Monte Cristo”. Chica respondeu ao Tinho que a Chico Mendes existia sim, e que muitos moradores já estavam tendo as suas casas reconhecidas pela prefeitura. Aparentemente para Tinho a Chico Mendes não existe porque a área não é reconhecida pela prefeitura como um bairro, uma vez que algumas ruas não estão no cadastro oficial, assim como muito moradores não têm reconhecida a propriedade de suas casas, as quais foram construídas em um terreno ocupado. Mas Chica afirmou que a prefeitura já estava reconhecendo a propriedade de muitas casas e que, inclusive, alguns moradores já estavam recebendo os talões de IPTU.

A afirmação de Tinho que “a Chico Mendes não existe” e a resposta de Chica “sim, a Chico Mendes existe”, podem ser pensadas a partir de algumas diferenças experienciadas por eles com o bairro. Chica

---

<sup>52</sup> Vide foto 12

é mais velha que Tinho e pertencente à geração que ocupou o terreno que agora é a comunidade Chico Mendes. A relação de Chica com a comunidade sempre esteve permeada pela luta por reconhecimento daquela área como local de moradia para as famílias que ocuparam o terreno, estando ativamente envolvida nos movimentos comunitários de luta por melhorias para a região. Tinho, que é mais jovens que Chica, não esteve envolvido com a ocupação, e sua afirmação que “a Chico Mendes não existe” está fortemente vinculada com o reconhecimento institucional, do bairro, enquanto que a colocação de Chica relaciona-se com sua história de vida, com o fato dela escolher aquele lugar para seguir sua vida e estar envolvida com as lutas para melhorar aquele espaço, eleito por ela e tantas outras famílias como lugar para morar.

Mas a afirmação de Tinho também reflete um jogo de visibilidades e invisibilidades. A Chico Mendes é constantemente mostrada para a cidade como um espaço de perigo, de violência e crimes<sup>53</sup>. Nestas situações o bairro existe, especialmente para a mídia local, seu nome é estampado em diversos lugares, e não restam dúvidas que a Chico Mendes é um espaço de perigo. No entanto, a Chico Mendes é invisível em outros aspectos, por exemplo, quando se trata serviços públicos elementares, como a distribuição de correspondências pelos Correios. De certa maneira, a fala de Tinho aponta para esta invisibilização do bairro, pois se a Chico Mendes não existe é porque a voz que vem dela muitas vezes não é ouvida.

---

<sup>53</sup> Conforme apresentado nesta reportagem:

<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/policia/noticia/2012/06/duas-pessoas-sao-assassinadas-na-comunidade-chico-mendes-em-florianopolis-3778629.html>  
Acesso em 01-07-2012



*Foto 12 – Atividade com mapas, 2011*

Assim como foi possível constatar diferenças entre as experiências de Chica e Tinho, percebe-se uma diferença entre o tipo de envolvimento político dos mais jovens e dos mais velhos na comunidade Chico Mendes. Algumas pesquisas realizadas no bairro com jovens moradores apontam que estes estão engajados em ações de cunho cultural, como a produção cultural que gira em torno do movimento Hip-Hop (Souza, 1998, Lima, 2003, Souza 2009). Souza (2009) aponta que muitas letras destes jovens integrantes de grupos de Rap tematizam o bairro, bem como narram experiências vividas neste espaço. Durante o período em que estivemos presentes da Chico Mendes, observamos que os mais velhos, em geral, estão mais envolvidos com os movimentos de luta comunitária, com a participação nas associações de moradores das comunidades.

Estas diferenças nas ações políticas estão claramente vinculadas às experiências anteriores das pessoas envolvidas. Os sujeitos que, há 20 anos atrás, ocuparam o terreno que se tornou a Chico Mendes, são atualmente os moradores do bairro com maior idade. A vivência do processo de ocupação, a necessidade de se organizar em torno dos movimentos sociais de luta por moradia, são alguns elementos que indicam porque estes espaços políticos despertam interesse nos moradores mais velhos da Chico Mendes. Chica faz parte deste grupo, de forma que as experiências políticas que ela vivenciou nos ajudam a pensar porque para Chica afirmar a existência da Chico Mendes independente do reconhecimento institucional por parte da prefeitura, se faz tão importante.

Sobre a categoria juventude é importante não considera-la de forma homogênea, não podemos cristalizar essa categoria. Em nosso entendimento não existe “o jovem” como uma categoria universal e naturalizada, “Juventudes” soa mais apropriado, uma vez que a denominação no plural aponta para a diversidade desta categoria. Groppo (2000) discute que a multiplicidade das juventudes é fundada na multiplicidade das experiências sócio-culturais. O autor considera as juventudes uma categoria social, o que faz com que sua caracterização extrapole a determinação através de uma faixa etária: “trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos (...)” (Groppo, 2000, pg. 8). Neste sentido, Bourdieu (1983, pg. 113) aponta que

a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.

Bourdieu segue esclarecendo que em função do pertencimento a diferentes grupos sociais, os diferentes jovens experimentam situações de vida que não são compartilhadas com todos os sujeitos pertencentes a uma mesma faixa etária. Bourdieu utiliza como exemplo os jovens estudantes oriundos das camadas mais ricas, e os jovens operários pertencentes as camadas populares que, mesmo pertencendo a uma mesma faixa etária, possuem vidas completamente diferentes. O autor enfatiza a necessidade de análise das condições de existência das diferentes juventudes, preocupação que vem ao encontro da proposição de Sposito (2009), a qual aponta para o caráter contingente das juventudes.

Ariès (2006) enfatiza que a idade nem sempre foi um dado preciso, tanto no sentido de ser necessário quanto de ser exato. O autor aponta que a noção de infância que temos atualmente foi sendo construída ao longo da história da humanidade. Na idade média, a infância tinha um carácter curto e a juventude, da forma que conhecemos atualmente, inexistia: “passados os cinco ou sete primeiros anos, a criança se fundia sem transição com os adultos” (Ariès, 2006, pg. 123). Apesar de não encararmos a juventude como uma categoria determinada pela instituição de faixas etárias rígidas, acreditamos, assim como Groppo (2000), que os critérios etários e sócio-culturais devem ser analisados em suas relações possíveis.

Em uma pesquisa coordenada por Sposito (2009), a autora conclui que os estudos das juventudes tem privilegiado pouco

a dimensão espacial na constituição da experiência juvenil, quer sob o ponto de vista dos territórios estigmatizados quer das mobilidades e dos deslocamentos que reconfiguram relações e modos de apropriação do espaço, criam novos conflitos e assimetrias na cena urbana ou na área rural em

regiões de intensa mutação (Sposito, 2009, pg. 31)

Foi nesse sentido que buscamos inicialmente realizar uma pesquisa sobre a relação dos jovens moradores da Chico Mendes com o bairro, no entanto no desenrolar da pesquisa acabamos extrapolando a categoria juventude, o que nos levou a incluir os moradores da região em geral. Contudo, algumas especificidades da relação dos moradores com o bairro podem ser pensadas a partir das diferenças de experiências entre os mais jovens e os mais velhos. Além da importância acerca do reconhecimento da comunidade e dos diferentes tipos de envolvimento político, outro aspecto que apareceu de forma diferente com relação aos jovens e aos adultos foram as experiências de circulação pela cidade, elemento que será analisado em seguida.

#### **5.1.4 Mobilidade urbana**

Ao analisarmos a mobilidade urbana para os participantes das oficinas percebemos uma clara diferença entre a circulação pela cidade por parte dos jovens e dos adultos. Os adultos, em geral, tinham maior acesso às diferentes regiões da cidade, até por estarem trabalhando, precisavam se deslocar por diversas áreas da cidade. Chica, por exemplo, conhecia praticamente todos os bairros da cidade, ela trabalhava na Companhia Melhoramentos da Capital – COMCAP como varredora, o que a fazia circular por diversas regiões da cidade desenvolvendo o trabalho de limpeza. Já o mesmo não acontecia com Douglas que, por estudar nas imediações da comunidade e não ter um emprego, possuía seus deslocamentos mais centrados no entorno da Chico Mendes. Além do fato dos adultos se deslocarem mais porque possuem trabalho em outras áreas da cidade, outro elemento que favorece a mobilidade urbana para esse segmento é o financeiro, uma vez que possuem uma renda que permite a eles comprar uma moto ou carro, ou pagarem pelo transporte público.

O fato dos deslocamentos pela cidade para os participantes das oficinas estarem mais relacionados com o desenvolvimento de atividades laborais corrobora com os indicadores nacionais, que apontam que 65% dos deslocamentos no país são em função do trabalho<sup>54</sup>. No entanto, Assunção e Araújo (2008) propõem que a organização do

---

<sup>54</sup> Sistema de Indicadores de Percepção Social – SIPS Mobilidade Urbana, 2010

transporte público não esteja voltado apenas para suprir a necessidade dos trabalhadores se movimentarem. Em estudo realizado sobre a mobilidade urbana para moradores de um bairro da periferia de Natal-RN, os autores indicam que o transporte público deveria existir como forma de criar fissuras na segregação socioespacial enfrentada por esses moradores.

A segregação socioespacial é um fenômeno que ocorre por meio da separação entre determinadas parcelas dos habitantes de uma cidade, ela “se manifesta através dos territórios distintos e separados para cada grupo social, além da separação das funções, principalmente morar e trabalhar, sendo clara a desigualdade de tratamento por parte do Estado.” (Assunção e Araújo, 2008, p. 51). Esse processo de segregação está em intrínseca relação com os movimentos de periferização e urbanização desigual das cidades. Hughes (2004) destaca que a aplicação desigual de recursos públicos, priorizando o investimento nas áreas do que ele chama de “cidade rica”, fez com que as periferias se tornassem espaços menos valorizados, por consequência, mais baratos para morar:

Uma característica fundamental do processo de urbanização foi, portanto, a assimetria entre a localização e as condições sociais, fazendo do ambiente construído espaço privilegiado de expressão das desigualdades sociais, com a permanente pressão dos mais pobres em direção às piores localizações. (Hughes, 2004, p. 94)

A democratização do acesso ao transporte contribui para o enfrentamento da segregação socioespacial vivida pelos moradores das periferias, possibilitando aos mesmos o acesso “às oportunidades que a cidade oferece (como trabalho, serviços sociais, e as atividades como o lazer, entre outras)” (Assunção e Araújo, 2008, p. 72). Justamente pelo fato desses bairros de periferia receberem menor investimento público, muitos deles não possuem todos os equipamentos públicos necessários, como hospitais, centros de educação, entre outros, o que torna os deslocamentos indispensáveis para as pessoas que precisam utilizar os serviços inexistentes em seus bairros. A segregação socioespacial também está relacionada aos espaços de circulação destinados às diferentes populações presentes em uma cidade. Com a ampliação do acesso ao transporte público, o acesso às diferentes

regiões da cidade passa a ser facilitado para as populações dos bairros de periferia, reduzindo a ideia de que determinados espaços são apenas para certos grupos sociais, o que por consequência atinge a segregação socioespacial.

Além dos deslocamentos realizados para se chegar ao trabalho, que se configuram como deslocamentos por necessidade, podemos dizer que existem aqueles mais voltados para o desejo de ir a alguma parte da cidade. Esta circulação dirigida para a vontade de ir até certa região da cidade está, em geral, mais relacionada com o lazer. Os locais de lazer dos participantes da pesquisa, em geral, são próximos à comunidade, como os espaços de lazer relatados por Douglas: uma pequena praia próxima à região, um terminal de ônibus desativado, uma pedreira transformada em parque, um shopping, entre outros. Essa proximidade com a região faz com que boa parte dos deslocamentos sejam realizados à pé, o que proporciona uma experiência da cidade diferente da vivida por meio dos deslocamentos motorizados.

De Certeau (1997) relaciona o ato de caminhar pelas cidades ao ato de falar. Segundo o autor, ao caminhar o sujeito se apropria da cidade, assim como o falante da língua; caminhar também “é uma realização espacial do lugar, (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua)” (p. 177). Por fim, o ato de andar pela cidade implica em relacionar-se com o outro em diferentes posições, assim como a comunicação por meio da fala necessita colocar o outro e sua posição em questão. Hissa (2008) também explora as relações entre a cidade e a palavra, a cidade é encarada pelo autor como o lugar do encontro, “espaço inventado para a palavra, a cidade é a praça. Nela os homens se encontram e se reconhecem.” (p. 269).

Diferentemente de quem se desloca caminhando, as ruas para quem as vivência dentro de um automóvel são experimentadas como espaços apenas de passagem, e não de encontro. Segundo Gorz (2004) as ruas nesta perspectiva são “para passar, não para estar” (p. 81). O carro cria um isolamento em quem está em seu interior, é como uma bolha de espaço privado no espaço público da rua. Lefebvre (2001) afirma que talvez seja necessário “limitar os direitos e poderes do automóvel” (p. 29), já que muitas vezes as cidades são planejadas quase que exclusivamente para permitir a fluidez dos veículos.

As rodovias se tornaram uma marca urbanística do recém findado séc XX (Berman, 2007), assim como estar parado nos



congestionamentos uma característica da vida nas cidades. A “sociedade do automóvel” é como Gorz (2004), define essa centralidade do carro para a vida urbana, constando que o carro tornou-se uma necessidade nas cidades contemporâneas, pois “nem sequer é necessário persuadir as pessoas a quererem um carro: sua necessidade é um fato rotineiro.” (p. 79).

Em uma atividade feita com o mapa do bairro, onde haviam apenas as ruas desenhadas, muitas delas sem os nomes, os participantes demonstraram grande facilidade em se localizar. Eles conseguiam, olhando rapidamente para o mapa, apontar a localização dos diversos estabelecimentos e residências presentes no bairro. Esse tipo de conhecimento geográfico do espaço é fortemente favorecido pelo deslocamento a pé, que coloca a pessoa em contato visual maior com as ruas e edificações do bairro, uma vez que a velocidade dos deslocamentos motorizados faz com que tudo passe rapidamente aos olhos. Durante outra oficina, em que não foi utilizado mapa da região, também apareceu um discurso de um participante que corrobora para o entendimento que o deslocamento em baixas velocidades, a pé e bicicleta, favorece a apropriação do local. Essa fala surgiu quando o artista urbano Gabriel Bueno foi até a Chico Mendes oferecer uma oficina de cartazes, e ao falar de seus trabalhos, mencionou que já havia feito um graffite pelas redondezas. Ao descrever sua pintura, Douglas prontamente indicou onde o graffite havia sido pintado, assim como indicou que já havia caminhado pelo local e reparado nas pinturas daquele muro.

Em outra atividade (foto 13) realizada nas oficinas estéticas, utilizamos um mapa de Florianópolis onde o grupo demarcou os locais que costumavam frequentar na cidade, os locais que pouco conheciam e os locais que gostariam de conhecer. Foram colocados papéis com cores diferentes indicando estes três tipos de relação com as partes da cidade.

A partir dessa atividade, observamos que grande parte dos locais que os participantes gostariam de conhecer se referiam às praias presentes na Ilha. Quando perguntei porque não frequentavam esses espaços, um dos participantes falou sobre a falta de dinheiro para os deslocamentos, e outro comentou sobre o desconhecimento da existência dessas localidades, que ele passou a saber que existiam depois de olhá-las no mapa.

Estas duas afirmações sobre os impedimentos para o

conhecimento de determinada região da cidade podem ser entendidas de maneira relacionada, uma vez que para querer visitar um local é necessário primeiro saber que ele existe, e depois ter as condições objetivas para chegar até ele. O conhecer e o ter a possibilidade de chegar são dois elementos que fazem parte da noção de direito à cidade, de forma que um complementa o outro, uma vez que não adianta existir condições materiais para que as pessoas conheçam e circulem pela cidade se essas outras partes da cidade não se configuram enquanto possibilidade de um dia virem a ser conhecidas. Entendemos o direito à cidade como a possibilidade das pessoas se apropriarem da mesma, diminuindo as segregações socioespaciais, visando uma cidade para usufruto de todos (Rodrigues, 2007).

Outra questão fundamental quando se trata do tema da mobilidade urbana é o aumento vertiginoso da frota motorizada nas cidades brasileiras, a qual em 10 anos cresceu 110%, segundo dados do Denatran<sup>55</sup>. Alguns fatores que colaboram para esse crescimento são os parques investimentos no transporte público, em contraposição ao incentivo ao transporte individual, como a redução de impostos para aquisição de automóveis e motos, e o financiamento facilitado. A necessidade de deslocamentos da população, dificultada pelas péssimas condições do transporte público, faz com que a aquisição de um veículo motorizado seja a solução encontrada por grande parcela da população, visando a garantia de sua mobilidade urbana. Com o acesso ao transporte individual facilitado, e as condições de transporte público com pouca qualidade e sem investimentos públicos para melhorá-los, não haveria outro resultado esperado por parte da população que não fosse a compra de veículos.

No entanto, esse fenômeno não representa um problema apenas para o trânsito e o ar das cidades brasileiras, a taxa de acidentes envolvendo carros e motos é alarmante, e mais trágico ainda é o índice de jovens que morrem nas estradas brasileiras. Segundo um estudo realizado por Waiselfisz (2011), intitulado “O mapa da violência 2011: os jovens do Brasil”, o estado de Santa Catarina tem a maior taxa de óbitos de jovens em acidentes de trânsito do Brasil, 37,6% das mortes de jovens no estado são causadas por acidentes no transporte, enquanto a média nacional encontra-se em 19,3%. O número de jovens mortos no

---

<sup>55</sup> Notícia retirada de <http://g1.globo.com/carros/noticia/2011/02/frota-de-veiculos-cresce-119-em-dez-anos-no-brasil-aponta-denatran.html>

estado em razão de acidentes de trânsito supera inclusive o número de mortes por homicídio, que tem causado 23,1% das mortes de jovens registradas no estado. Esses dados indicam que quando tratamos dos temas juventude e violência, a questão das mortes decorrentes do trânsito devem ser abordadas.

É muito comum que trabalhos sobre os jovens das periferias enfoquem as questões da violência gerada pelo comércio de drogas ilícitas, mas a violência gerada pela lógica rodoviarista<sup>56</sup> é pungente, uma vez que os acidentes de carro e moto matam mais que os homicídios. O foco de nosso trabalho não se encontra no debate sobre a violência, mas como esse é um tema corrente nas pesquisas sobre as periferias, especialmente quando se trata de jovens (Spósito, 2009), resolvemos abordá-lo pelo viés da mobilidade urbana.

Em minha primeira saída pelo bairro<sup>57</sup> Dodô me levou para visitar algumas pessoas. Em um das casas que visitamos um jovem estava sentado na porta, com a perna imobilizada e apoiada em uma cadeira, um fixador para pinos estava visível. Quando Dodô perguntou sobre o que tinha acontecido ele respondeu que havia sofrido um “acidentezinho de moto”. Outras histórias sobre acidentes também chegaram até nós, tanto em forma de relatos que ouvimos acerca de moradores da região que morreram em acidentes, quanto por meio da leitura de outras pesquisas sobre a região, como no texto abaixo, escrito por jovens em homenagem à um colega que morreu em acidente de moto.

---

<sup>56</sup> A centralidade das rodovias nos movimentos de circulação de bens e pessoas no Brasil está relacionada com a importância da indústria automobilista para a economia do país, uma vez que o processo de industrialização no Brasil ocorreu fortemente embasado na indústria automobilística. Por tal indústria ser considerada fundamental para a economia brasileira, grandes investimentos do governo são destinados a esse setor.. (LUDD, 2005, p. 11)

<sup>57</sup> Diário de campo, 04 de março de 2011.



*Foto 13 – Oficina com mapas, 2011*

Que bomba!! O Bomba nos deixou...

E só agora escrevo, né?

Moço bonito, olhos pequenos ganhando o mundo...  
Um mundo bonito e cheio de moços e moças,  
danças, roupas, motos,  
olhares, academias, músculos, doçura, almoços,  
cafês, idas e vindas  
na Chico, tatuagens, celular, moto, jaquetas,  
cabelo raspado,  
amarelo... Vermelho era uma cor que dizia gostar.

Moço de um doce olhar, dançarino que  
parecia viver sua vida  
levando “tudo de boa”. Viver a vida de boa não é  
tarefa pra qualquer  
um... Bomba parecia viver... ou pelo menos nos  
fazia pensar nisso...  
como será viver assim?

Um dia aqui, outro dia ali, hoje durmo aqui, outro  
dia durmo lá, com  
um, com outro... Quanta disposição para  
viver assim... que legal  
poder viver assim!!

Amigos daqui, amigos de lá... sempre afetuoso no  
olhar.  
Devia ter muitos amigos este moço!

Sempre gostava de vê-lo aqui conosco e agora ele  
foi...

Na segunda, lá na cozinha olhamos juntos para  
ele... rimos, falamos  
do cabelo, do Chimbinha, da Joelma, brincamos  
com seu capacete,  
batemos até uma foto. Ele riu de nós... que ficamos  
aqui...

Com todo carinho..<sup>58</sup>.

Relacionando as estáticas do “Mapa da Violência” com os relatos sobre jovens mortos em acidentes, dentre esses inclusive o caso de jovens que apesar de estarem envolvidos em atividades ligadas ao comércio de drogas ilícitas faleceram em função de acidentes de trânsito, concluímos que as violências decorrentes do trânsito precisam ser investigadas a fundo, a fim de buscarmos soluções para tornarmos a circulação em nossas estradas menos trágica. Essas informações sobre os acidentes de trânsito causando a morte de tantos jovens coloca em tensão um discurso social vigente acerca da violência gerada pelo comércio de drogas ilícitas. É inegável que as redes de narcotráfico geram violência nas periferias, mas enquanto estivermos monologicamente presos a esse discurso não ouviremos outras vozes que também dizem sobre a violência nas cidades. Ao trazermos mais vozes para o embate, teremos mais elementos para pensarmos na construção de outros discursos acerca das violências nas periferias, buscando também a construção de outras práticas que visem a redução da mortalidade juvenil.

---

<sup>58</sup> Texto escrito por jovens moradores da Chico Mendes que foi lido em um Sarau na Casa Chico Mendes e transcrito por STRAPPAZZON, 2011, p. 81 em sua dissertação.



## 6 OLHARES PARA A PESQUISA

Movimento fundamental durante a realização de uma pesquisa é a reflexão sobre as implicações e desdobramentos da mesma para a comunidade onde esta acontece, bem como para quem dela participa.

Uma questão que sempre é colocada para as pesquisas acadêmicas, principalmente aquelas que realizam pesquisa de campo, é acerca da devolução dos resultados da investigação para a comunidade com a qual a pesquisa foi desenvolvida. Refletindo sobre de que maneira poderia deixar para a Chico Mendes algum material que envolvesse os resultados da pesquisa, e que ao mesmo tempo tivesse alguma utilidade para os moradores da Região, é que surgiu a ideia do calendário da Chico Mendes, que seria montado com as fotografias produzidas durante as oficinas. Essa ideia do calendário foi levada para as conversas sobre a pesquisa que ocorreram na Casa Chico Mendes, antes mesmo do seu início efetivo. Nessas conversas também foi pensado que o calendário poderia ficar com os participantes após a término da pesquisa, e que essa seria uma forma interessante de objetivar a pesquisa em algo concreto. Além disso, o calendário também poderia ser distribuído na comunidade, de forma a deixar com os moradores da Chico Mendes um registro desta localidade que outros moradores fizeram. Von Simson (2005), em suas pesquisas que abordam fotografia e memória em grupos de imigrantes, ressalta que a montagem de materiais com fotografia pode ser um valioso “instrumento de devolução dos resultados de pesquisa às comunidades estudadas” (Von Simson, 2005, p. 25).

O processo de construção do calendário expôs algumas questões interessantes que perpassam o processo de pesquisa. Uma delas já foi exposta e se refere à devolução da pesquisa para a comunidade na qual ela foi realizada. Outra temática que a montagem do calendário trouxe foi acerca da escolha das imagens que iriam para o calendário, das diversas imagens que foram produzidas era preciso escolher apenas 12, uma vez que cada mês equivaleria a uma fotografia. A necessidade de escolha perpassou todo o processo da pesquisa, em especial a escolha dos materiais que seriam analisados, uma vez que o fato de ter realizado mais de uma dezena de encontros gerou uma quantidade significativa material que não seria possível analisar em sua totalidade no âmbito de



uma pesquisa de mestrado.

Nos reunimos em meados de novembro de 2011 para, em conjunto com os participantes da pesquisa, definir as fotos e a ordem que apareceriam no calendário. Neste processo de construção do calendário outra questão recorrente quando se utiliza fotografias em pesquisas surgiu. Podemos utilizar ou não as fotos em que as pessoas que aparecem podem ser identificadas?

Essa questão surgiu, pois um dos participantes, logo que entregou a câmera para que suas imagens fossem reveladas, disse que uma das fotos que tirou foi pensando no calendário. Esta fotografia retratava as mãos de um criança que tinha polidactilia<sup>59</sup>. A imagem mostrava duas mãos com 6 dedos em cada uma, o participante da pesquisa que fez a foto explicou que pensou no calendário ao fazer a fotos pois ela poderia ser utilizada no mês de dezembro, já que haviam 12 dedos na imagem, e dezembro é o mês 12.

No dia em que nos reunimos para montar o calendário este participante lembrou da fotos que fez, e sugeriu que utilizássemos a mesma na última folha do calendário. Dodô argumentou que não achava interessante utilizar esta imagem, pois a criança ali retratada estaria sendo exposta, já que ao mostrarmos uma característica marcante da mesma, de forma que o reconhecimento da identidade desta criança seria facilitado. Além do mais, os calendários seriam distribuídos na comunidade, e as fotos ali colocadas estariam extrapolando o contexto da pesquisa, indo parar nas paredes das casas da comunidade, esse era mais um motivo para não expormos aquela criança.

Apesar destas colocações Alisson, que fez a foto, disse que muitas pessoas em sua família tem aquela característica física, e que para eles o fato de terem dedos a mais nas mãos ou pés não é visto como algo constrangedor, e sim como uma característica da família. Dodô falou que talvez não fosse interessante marcarmos aquela criança apenas por essa característica que ela tinha, já que a foto retratava apenas suas mãos, também disse que além do mais como se tratava de uma foto de uma criança, precisaríamos que os responsáveis por ela assinassem um termo autorizando a utilização da imagem. Como não tínhamos esse termo estávamos impedidos legalmente de utilizar a fotografia.

Esta situação da escolha da foto trouxe à tona discursos acerca do

---

<sup>59</sup> Anomalia genética que causa alterações no número de dedos das mãos e/ou pés

uso de imagens nas pesquisas, os limites e implicações da utilização de fotos de crianças, bem como a ética que envolve sua utilização. Cabe destacar que este argumento jurídico poderia ter sido o primeiro argumento a ser utilizado, pois caso não conseguíssemos uma autorização não haveria possibilidade de colocar aquela foto no calendário. No entanto, a falta de autorização não foi a primeira objeção ao uso da foto, e toda a discussão sobre utilizar ou não tal foto colocou ao grupo algumas questões sobre as diferentes possibilidades de interpretação de uma imagem. Para Alisson, que conhecia a criança e sabia que tanto para ela quanto para sua família o retrato de duas mãos com seis dedos mostrava uma característica familiar, a utilização daquela imagem não era um problema. Já para Dodô, que é pesquisador e educador, a preservação da identidade da criança era fundamental, e colocar uma imagem com uma característica que poucas crianças da comunidade possuem iria facilitar a identificação da criança.

Kramer (2002) traz reflexões pertinentes sobre o uso de imagens em pesquisas que envolvem crianças<sup>60</sup>, principalmente em ambientes escolares. Segundo a autora, há um uso generalizado de imagens de crianças e, apesar de muitas pesquisas trocarem os nomes verdadeiros por fictícios, os rostos das crianças continuam expostos. Usar ou não usar fotos de crianças envolve, além de uma autorização jurídica, questões éticas. Para Kramer, “talvez seja preciso definir princípios éticos que ajudem a enfrentar o uso indevido e leviano da imagem em práticas que por vezes parecem movidas pela idéia de que o show deve continuar” (p. 53-54). A polissemia da imagem poderia fazer ver tanto uma característica familiar, quanto as mãos de uma criança diferente das demais, o que poderia gerar brincadeiras de mau gosto dirigidas a esta criança.

Foi pautado no princípio de não expor a criança que decidimos não utilizar a foto, pois poderíamos buscar uma autorização para utilizá-la com seu responsável legal. As outras pessoas que aparecem nas fotos e não são participantes da pesquisa estão de costas ou de lado, impedindo sua identificação, uma vez que também não há nenhuma característica marcante destas pessoas que possa identificá-las.

A intenção do calendário, como um material de devolução da pesquisa para o bairro, envolvia mostrar alguns pontos de vista que a

---

<sup>60</sup> Apesar desta pesquisa não envolver crianças diretamente, muitas delas foram retratadas pelos participantes

comunidade poderia ser vista. A foto escolhida do mês de janeiro<sup>61</sup> foi a de Douglas fotografando. Esta imagem foi escolhida para abrir o calendário pois mostrava o momento em que uma foto da Chico Mendes era feita, demarcando que era por meio da fotografia que estávamos olhando a comunidade. Nesta fotografia, que foi feita por mim, estão presentes três olhares; Douglas que olha a Chico Mendes, a fotógrafa que olha Douglas, e há também um olhar constituído posteriormente ao acontecimento, que é o olhar de quem examina a fotografia.

Ao analisarmos as imagens que produzi durante as oficinas, foi possível perceber que o meu olhar de pesquisadora para o bairro quase sempre retratava o olhar dos participantes para este espaço, eu olhava eles olhando o bairro, como mostra a imagem de janeiro. Esta imagem retrata a posição que eu como pesquisadora necessitava exercitar, estando primeiramente envolvida e depois afastada da cena para analisá-la.

Enredar-me com a cena fotografada foi fundamental, pois sem envolvimento o ato fotográfico não se concretiza. A imagem de janeiro retrata que no momento que Douglas fotografava eu também o fotografava, ou seja, estava naquela cena enquanto fotógrafa. Mas após o fim do acontecimento retratado, um terceiro olhar se fez necessário, que foi o olhar da pesquisadora. Para exercitar o olhar de pesquisadora, foi necessário eu me distanciar daquela experiência como fotógrafa, e buscar um olhar exotópico para a cena. Este movimento exotópico foi vivenciado no processo de escrita da dissertação, por isso este momento é experimentado com certa tortuosidade, já que se deslocar em busca de outras possibilidades de olhar é um movimento complexo e difícil.

Outra imagem que visibiliza meu olhar de pesquisadora para aquele espaço é a foto escolhida para o mês de março (Foto 15). Esta imagem apresenta três grampos de pendurar roupas em um varal, e como plano de fundo há o céu azul com algumas nuvens. Ao fazer esta foto busquei enquadrar os grampos de roupa sob outra perspectiva, valorizando seus detalhes, como as nunes da madeira, e as formas retorcidas do metal que une as duas metades do grampo. Pesquisar requer a observação dos detalhes, também é necessário mudar a perspectiva de observação, buscando outros ângulos e enquadramentos, valorizando a polissemia dos discursos ouvidos e produzidos durante

---

<sup>61</sup> Foto 14

este processo.

Não é possível fotografar sem enquadrar, a produção de uma fotografia exige um recorte de determinada cena. Este ato está exposto na fotografia que ilustra o mês de setembro; nesta imagem observamos os participantes testando as diferentes possibilidades de enquadramento das imagens com o auxílio de uma moldura. Essa atividade foi realizada durante uma oficina estética, com o objetivo de exercitar o olhar por meio de quadros, já que um dos princípios da fotografia é o enquadramento das cenas dentro das margens da foto. Enquadrar e recortar também são movimentos constantes no processo de pesquisa, de forma que não é possível analisar todos os materiais produzidos, sendo necessário fazer um recorte de pesquisa. Além do recorte de pesquisa é necessário estabelecer sob que enfoque estes materiais serão analisados, outra semelhança que conseguimos observar entre o processo de pesquisar e o de fotografar.



*Foto 14 – Fotografando, 2011, Flora*

A foto apresentada no mês de Junho retrata um fragmento das oficinas estéticas realizadas durante a pesquisa. Aachamos pertinente mostrar parte das oficinas no calendário para que o contexto onde foi ele foi pensado aparecesse no próprio calendário.

Outra foto de minha autoria presente no calendário é a foto do mês de Julho<sup>62</sup>. Este mês traz uma foto da fachada da Casa Chico Mendes, tal imagem foi escolhida pois este é o mês de aniversário da Casa. A Casa Chico Mendes teve um importante papel no desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que foi o espaço onde os encontros ocorreram. Além do abrigo físico para esta pesquisa, a Casa também a acolheu afetivamente, oferecendo muito mais do que um teto e paredes para a realização das atividades. O envolvimento e a preocupação tanto dos membros da diretoria da Casa, quanto dos sujeitos que por ela circulavam foram fundamentais para que o que um dia foi um projeto pudesse objetivar-se em uma pesquisa. Esta foto está para mim repleta de afetos, pois foi neste espaço que desenvolvi laços afetivos que se estenderam para além dos limites da pesquisa. Também foi com muito carinho que procurei produzir uma foto onde a Casa apresentasse toda a beleza que vejo nela, essa imagem além de fazer parte do calendário também virou um quadro que fiz para presentear a Casa Chico Mendes.

Os olhares para a pesquisa aqui expostos, indicam que existem afinidades entre o fotografar e o pesquisar. Ambos exigem um olhar atento e sensível, sendo o enquadramento e o foco elementos indispensáveis. Para realizar uma pesquisa é necessário estabelecer um recorte sobre o qual iremos nos debruçar, da mesma forma que uma fotografia é o enquadramento de uma cena dentro de certos limites, sempre existindo uma infinidade de elementos que ficaram de fora da foto.

Tanto fotografar quanto pesquisar, requerem que outros e diferentes olhares sejam construídos sobre o que se está vendo. Este desdobramento de olhares na pesquisa produz conhecimento, e na fotografia produz uma imagem que captura e surpreende o olhar. O olhar do fotógrafo transforma o elemento fotografado, assim como durante o processo da pesquisa o olhar do pesquisador também vai se transformando. É com um trecho de Zanella (2011) acerca deste

---

<sup>62</sup> Foto 11

(in)tenso percurso de transformação dos olhares na pesquisa que encerramos este capítulo.

o complexo processo dialógico de encontro com olhares de muitos outros, sejam estes participantes da investigação, colegas com quem troca ideia e autores eleitos como interlocutores para a leitura do que emerge como resultado e das discussões apresentadas, as possibilidades de ver do pesquisador se modificam. Olhares primeiros, constituídos em trajetórias singulares e povoados de vozes sociais alheias têm no encontro com os vários outros com os quais se pesquisa a possibilidade de serem transtornados, desviados, descentrados, desfocados. E esses “des”, aparentemente negativos, afirmam a potência desse encontro e seus efeitos a pluralidade de focos outros que podem dali emergir. (Zanella, 2011, p. 19)



Calendário Chico Mendes

2012

Este calendário é composto por imagens produzidas em uma oficina de fotografia, realizada na Casa Chico Mendes no ano de 2011. As fotos foram clicadas por Allison, Chica, Douglas e Flora.



Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				



Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
29	01	02	03	04		
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			



Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				01	02	03
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31



Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



Maio

D	S	T	Q	Q	S	S
		01	02	03	04	05
06	07	08	09	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		



Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



Julho


D	S	T	Q	Q	S	S
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				



Agosto


D	S	T	Q	Q	S	S
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				






Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						




Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
07	08	09	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			



Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	



Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Imagem 7 – Calendário Chico Mendes 2012



*Foto 15 – Varal, 2011, Flora*

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Toda pesquisa só tem começo depois do fim.  
(Amorim, 2001)*

Mais do que buscar conclusões, consideramos que este é o espaço para formularmos algumas questões que o processo da pesquisa instigou. O primeiro aspecto que gostaríamos de considerar se refere ao movimento da pesquisa. A intenção inicial era investigar a mobilidade urbana para jovens moradores de um bairro da periferia de Florianópolis. Como esses jovens se deslocavam? Para onde iam? Para onde não iam? Por que? No entanto, no caminhar da pesquisa outras perguntas foram surgindo, outras questões foram tomando o lugar daquelas primeiras. A vivência no campo, a convivência no bairro e com seus moradores, foi moldando os caminhos desta pesquisa, se estávamos dispostos a investigar a mobilidade deveríamos ser móveis o suficiente para embarcar no movimento.

A primeira mudança de rumo foi com relação aos sujeitos de pesquisa, desde a formulação do projeto para a qualificação estava determinada a pesquisar a categoria juventude. No entanto, após minha incursão na Chico Mendes, onde pude estar perto e dentro, conforme orienta Magnani (2002), pude perceber que encerrar a possibilidade de outras pessoas participarem da pesquisa, ao invés de me oferecer um recorte preciso, acabaria excluindo outras vivências com relação ao bairro e à cidade.

O segundo movimento da pesquisa foi com relação ao tema da mobilidade urbana. Este tema me acompanha desde 2001, quando ingressei na Campanha pelo Passe Livre, que veio a se tornar o Movimento Passe Livre. Meu olhar para a cidade é muito marcado pela visão que os anos de militância no tema dos transportes foram construindo. Contudo, a oportunidade de realizar esta investigação com os moradores da Chico Mendes possibilitou uma reconfiguração no meu próprio olhar. A atuação política no MPL me fez colocar uma lupa sobre os problemas relacionados à mobilidade urbana, como a falta de transporte público, o preço caro das tarifas, e lógica perversa que empurra os moradores da cidade para os meios de transporte individuais, entre outros. Todavia, a experiência na Chico Mendes direcionou meu olhar para outras questões das cidades, a mobilidade urbana tornou-se

mais uma possibilidade de análise da relação destes moradores com a cidade, mas não a única. Quando, ao escrever o método, decidi utilizar as oficinas estéticas como possibilidade de reconstrução dos olhares, estava certa de que elas tinham esta potência. Entretanto, apenas ao viver esta experiência é que consegui dimensionar o desafio que é passar a ver de outra forma.

Fui obstinada a buscar as relações entre a mobilidade urbana e vivência na cidade de Florianópolis para os moradores da Chico Mendes. No entanto, o que pareceu mais significativo na relação destes sujeitos com a cidade foi o fato de residirem naquele bairro, e não suas (im)possibilidades de mobilidade urbana. Desta forma, precisei investigar a história do bairro, como surgiu, quem foram seus primeiros moradores, por que nele existem tantas casas semelhantes etc. Assim, a pesquisa foi adentrando o bairro Chico Mendes, circulando por suas ruas, becos, lajes e vielas.

Sobre os problemas com relação à mobilidade urbana, que era a minha primeira inquietação, não há dúvidas de que os moradores da Chico Mendes os enfrentam. Foi possível constatar que o preço das tarifas exclui muitas pessoas do acesso ao transporte, também observamos que em certos horários faltam ônibus, que eles circulam muitas vezes cheios demais. Ou seja, as dificuldades são praticamente as mesmas que existem na maioria dos bairros de Florianópolis com relação ao transporte público. Para estas questões alguns movimentos sociais e comunitários já buscaram proposições, reivindicando a implementação de políticas públicas para o transporte, construindo projetos de lei que visem garantir esse direito e lutando contra o aumento nas tarifas.

O tema da mobilidade urbana se tornou transversal à pesquisa, permeando as análises. Tecemos nossas análises com diversos fios, criando uma espécie de rede, onde os elementos das experiências dos sujeitos com a cidade e com o bairro, e os discursos apresentados em fotografias produzidas nas oficinas estéticas se emaranhavam. Optamos realizar a análise por meio dos fragmentos que consideramos significativos, partimos sempre de uma fala, anotação em diário de campo ou imagem, criando uma montagem a partir destes diversos excertos. Os fragmentos apresentados em “Olhares para o bairro”, se relacionavam mais com o contexto urbano de produção da imagens, bem como com as vivências dos sujeitos no bairro. Já em “Olhares para

a pesquisa”, a busca foi pelos olhares que a pesquisadora (re)criou durante o processo da pesquisa.

Este movimento, de criar as categorias de análise a partir de fragmentos, foi arriscado e trabalhoso, uma vez que corremos o risco de criar um nó de experiências ininteligíveis para quem não as vivenciou, uma vez que a montagem recusa “o nexó da continuidade, tranquilizador e organizador das sequências discursivas” (Canevacci, 2009, p. 94). Os excertos formam uma malha de significados, no entanto um fragmento isoladamente perde sua força.

Nesta trama a fotografia é encarada como discurso, e isso impôs a necessidade de ver nas imagens as tensões, vozes e respostas presentes nelas. As fotografias mostraram olhares sobre a cidade e sobre o bairro, elas estiveram presentes do primeiro ao último encontro, foi necessário aventurar-se a encarar as imagens como discursos. Porém essa jornada não foi solitária, autores do Círculo de Bakhtin e Vygotski foram fundamentais. Com as fotos confeccionamos um calendário da Chico Mendes, produzido com as imagens das oficinas estéticas, este objeto ficou como uma produção da pesquisa para a comunidade.

A partir desta experiência ficam inquietações e desdobramentos futuros. Mesmo com o término desta pesquisa continuei frequentando a Casa Chico Mendes, lá estabeleci relações afetivas que ultrapassaram as preocupações acadêmicas que me levaram até aquele bairro. Um elemento que observo ser potente para investigações futuras é o aprofundamento do estudo da produção de discursos sobre as cidades por meio das imagens fotográficas produzidas por seu moradores.

As duas fotografias abaixo foram produzidas por mim. Elas foram clicadas na laje da Casa Chico Mendes, um espaço que convidava quem lá estava a apreciar o bairro. Que movimentos a Chico Mendes tem? Para onde meu olhar se deslocava quando ia fotografar a Chico Mendes? O que uma fotografia não mostra? O que os moradores fotografam no Bairro? Luz e sombra, visibilidades e invisibilidades, que outras tensões um foto apresenta? Estas foram algumas perguntas e possibilidades de leitura destas fotografias. Escolhi dar um acabamento com imagens para este texto, e provocar o leitor a criar suas próprias questões e interpretações para estas fotografias.



## 8 REFERÊNCIAS

ALVES NETO, C.S. ; SOARES, M. C. ; BITTENCOURT, V. H. . **Reflexões sobre a Especulação Imobiliária e os Impactos Sócio-Ambientais em Florianópolis, SC, Brasil.** In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando en una América Latina en transformación, 2009. Disponível em [http://egal2009.easyplanners.info/area07/7664\\_Soares\\_Maria\\_Carolina\\_.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area07/7664_Soares_Maria_Carolina_.pdf)

AMORIM, M. **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas.** Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 7-19, jul., 2002.

AMORIM, M.. **A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica.** In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia. (orgs.) Ciências humanas e pesquisa - Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Rio de janeiro: LTC, 2006.

ARIES, P.; DUBY, G. **Historia da vida privada.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009

ASSIS, N. **Jovens, Arte e Cidade: (im)possibilidades de educação estética em programas de contraturno escolar.** Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

ASSUNCAO, J.C.F.; ARAUJO, M.C.C. **Pelo direito de ir e vir na cidade: mobilidade urbana e inclusão social em cidade praia – Natal/RN.** Revista Holos, v. 1, p. 48-74, 2008.

BAKHTIN, M. (V.N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 4 ed. São Paulo:

Martins Fontes, 2003.

BAPTISTA, L. A. Mesa **Impactos da (i)mobilidade na produção de subjetividade**. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.). **Psicologia e mobilidade: o espaço público como direito de todos**. Brasília: CFP, 2010.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, B. Bakhtin Conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2008

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, E. dos S. **O trabalho com a literatura: memórias e histórias**. *Cad. CEDES* [online]. vol.20, n.50, 2000.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso** In: Brait, B. (Org.) Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANEVACCI, M. **Comunicação Visual**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

CASAGRANDE, W. A. **Causas Da Migração Rural Urbana Na Região Do Continente – Chico Mendes**. Relatório De Pesquisa - Síntese Regional. Florianópolis: Epagri - Cepa, 2006.

CASTRO, L. R. (org.). **Subjetividade e cidadania**. Rio de Janeiro: Faperj/7 Letras, 2001.

CASTRO, L. R. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de**



**Janeiro. Rio de Janeiro, Faperj/7 Letras, 2004.**

CASTRO, L. R. de ; BESSET, V. L. (orgs) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13a edição. São Paulo: Ática. 2006

CORRÊA, R. V. **Nós e os outros - O impacto das migrações e dos programas de moradia em Florianópolis: relações sociais e conflitos na ótica de moradores adultos e de jovens no bairro Saco Grande**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

DA ROS, S.Z. **Imagens, discursos e dialogismos: questões metodológicas**. In: DA ROS, S.Z., MAHEIRIE K. ZANELLA, A. (Orgs) **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiências**. Florianópolis. SC: NUP/CED/UFSC. 2006.

DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K.; Zanella, A. V. (Orgs.), **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e(em) experiência**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. E-book, Projeto Periferia, 2003. Disponível em [http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord\\_sociedade\\_do\\_espetaculo.pdf](http://www.arq.ufsc.br/esteticadaarquitectura/debord_sociedade_do_espetaculo.pdf)

DIGIACOMO, M. C. **Estratégias de projeto para a habilitação social flexível**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2004.

DUARTE, F.; LIBARDI, R.; SÁNCHEZ, K. **Introdução a Mobilidade Urbana**. Curitiba: Juruá, 2007.

FANTIN, M. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARACO, C.A. **Linguagem & Dialogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola, 2010.

FARIAS, E. **Revolução dos baldinhos: um modelo de gestão comunitária de resíduos orgânicos que promove a agricultura urbana**. Florianópolis, 2010.2. 70 f. TCC (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, 2010.2

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal De Florianópolis. **Plano Municipal De Habitação De Interesse Social Pmhis - Contrato 669/Fmis/2008**. Florianópolis, 2010.

FONSECA, T.M.G.; KIRST, P.G.; OLIVEIRA, A.M.; D'ÁVILA, M.F. & MARSILAC, A.L.M. (2006). **Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado**. Psicologia em Estudo, vol. 11, p. 655-660.

FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa - Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, M. de D. **Passe Livre Já: participação política e constituição do sujeito**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GOMES, M. de D. **Relações ético-estéticas e participação política: um diálogo necessário**. In ZANELLA, A.; MAHEIRIE K. (orgs) **Diálogos em Psicologia Social e Arte**. Curitiba: CRV, 2009.

GOMES, M. de D. **Relações ético-estéticas e participação política: um diálogo necessário**. In ZANELLA, A.; MAHEIRIE K. (orgs) **Diálogos em Psicologia Social e Arte**. Curitiba: CRV, 2009.

GROFF, A. R.; MAHEIRIE, K. e ZANELLA, A. V. **Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas**. Arq. bras. Psicol. 2010.

GROPPO, L. **Juventude. Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro, Difel, 2000.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão: Guerra e democracia na era do império.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

HISSA, C. E. V. Cidade e ambiente: dicotomias e transversalidades. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana. (Org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar.** Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. **Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas.** São Paulo Perspec., São Paulo, v. 18, n. 4, Dec. 2004 .

KEMP, L. M. **Olhos abertos para ouvir: processos de criação e imaginação de crianças com deficiência visual.** 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

KORC, Paulina. **Ações de negociação no processo de remanejamento das famílias atingidas pelo Programa Hbb na Região Chico Mendes e comunidade do Morro Do Mocotó.** Florianópolis, 2005

KOSSOY, B. Fotografia e memória: **reconstituição por meio da fotografia.** In: SAMAIN, E. (Org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 2005.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia.** São Paulo: Ateliê, 2007.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças.** Cad. Pesqui [online]. 2002

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LEMINSKI, P. **La vie en close**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LENZI, L. C. **Eu não desisti! : os sentidos da escolarização retratados por estudantes adultos do campo**. 295 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2010.

LIMA, D. J. **“Só sangue bom” construção de saberes e resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil**. 2003 Dissertação (Mestrado Em Educação E Movimentos Sociais) Programa De Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal De Santa Catarina, Ufsc, Florianópolis, 2003.

LIMA, P. M. **Infância e Experiência: As narrativas infantis e a arte-de-viver o cuidado**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

LOHN, R. L. **Segregação urbana e espaço público: o caso de Florianópolis (SC) - 1960-2005**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. (Org.). Cidade e Memória. 1 ed. Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2009.

LUDD, Ned (Org.). **Apocalipse motorizado. A tirania do automóvel em um planeta poluído**. Tradução de Leo Vinicius. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. (Coleção Baderna).

MAAR, W. L. **O que é política**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

MACHADO, F. V. e PRADO M. A. M. **Movimentos Homossexuais: A Constituição da Identidade Coletiva Entre a Economia e a Cultura: O Caso de Dois Grupos Brasileiros**. Interações, 10(19), p. 35-62, 2005.

MAGNANI, J. (2002), **"De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana"**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49),

jun., São Paulo.

MAGNANI, J. G. C. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole.** *Tempo soc.* [online]. 2003, vol.15, n.1

MAHEIRIE, K. **Música popular, estilo estático e identidade coletiva.** *Psicologia Política*, 2(3), 39-54, 2002.

MAHEIRIE, K. **Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky.** In: *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MAHEIRIE, K. **Subjetividade, imaginação e temporalidade: a atividade criadora em objetivações discursivas.** In: *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e(em) experiência.* Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006

MAHEIRIE, K.; BOEING, P.; PINTO, G. C. **Pesquisa e intervenção por meio da imagem: o recurso fotográfico no cotidiano de varredores de rua.** *Psico*, 36 (2), 213-219, 2005.

MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. **O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular.** *Rev. Dep. Psicol.,UFF, Niterói*, v. 19, n. 2, 2007 .

MARASCHIN, C. **Pesquisar e intervir.** *Psicologia & Sociedade*. Vol. 16 (1): 98-107; Número Especial, 2004.

MARICATO, E. **Globalização e política urbana na periferia do capitalismo.** In RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz, SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. *As Metrôpoles e a Questão Social Brasileira.* Rio de Janeiro: Revan; Fase, 2007.

MARICATO, E.; JUNIOR, O. A. S. **Construindo a Política Urbana: participação democrática e o direito à cidade.** In RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz, SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. *As*

Metrópolis e a Questão Social Brasileira. Rio de Janeiro: Revan; Fase, 2007.

MATTA, Roberto da. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1997

MAURENTE, V.; TITTONI, J. **Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis**. Psicol. Soc. , Porto Alegre, v. 19, n.3, 2007

MIGUEL, Sônia Malheiros. **Publicando nas ONGs feministas: entre a academia e a militância**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 11, n. 1, June 2003

MUND, R. T. **DIFERENTES OLHARES:**

**Um “tour” com crianças pelo centro histórico da cidade**  
. 2012. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

NARVAZ, M., & KOLLER, S. H. **Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. Psicologia em Estudo, 11 (3), 647-654, 2006.

NEIVA-SILVA, L; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. Estudos de Psicologia, Porto Alegre, v.7, n.2, p. 237-250, jul-dez 2002.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTUGAL, F. T. A pesquisa-intervenção e o diálogo com os agentes sociais. In: CASTRO, L. R. de ; BESSET, V. L. (orgs) Pesquisa-intervenção na infância e juventude Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2008.

PRADO, M. A. M.; COSTA, F. A. A raridade da política e a democracia: os movimentos sociais entre sujeitos e identidades. In: Jefferson Bernardes; Benedito Medrado. (Org.). **Psicologia Social e**

**Políticas de Existência:** fronteiras e conflitos. 1 ed. Maceio: Abrapso, 2009.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS e DUBY (orgs.). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.

RANCIÈRE, J. **A Partilha do Sensível: estética e política**. 2ª edição. São Paulo: EXO experimental org.; editora 34, 2009.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996a.

RANCIÈRE, J. **O dissenso**. In: NOVAES, Adauto. A Crise da Razão. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF; Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996.

**Revista Pobres E Nojentas**, Ed. Companhia Dos Loucos, Ano 1, N. 06, Março/Abril, Florianópolis, 2007.

**Revista Pobres E Nojentas**, Ed. Companhia Dos Loucos, Ano 5, N. 23, Maio/Junho, Florianópolis, 2010

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz, SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. **As Metrôpoles Brasileiras: Territórios Desgovernados**. In L. C. de Q. Ribeiro e O. A. dos Santos Junior (orgs.), *As Metrôpoles e a Questão Social Brasileira*. Rio de Janeiro, Revan/Fase, 2007.

RIBES, S. **Um Café**. Disponível em <http://casachicomendes.blogspot.com.br/2009/06/um-cafe.html>, 2008

RODRIGUES, A. M. **A cidade como direito**. Anais do IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 28 de mayo - 1 de junio de 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2007.

RODRIGUES, A. M. **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Nota técnica sobre conceito de cidade (julho e outubro de 2004)**. Brasília: Ministério das Cidades, Governo Federal, 2004.

ROLNIK, R. **Espaços em transformação.** *Continuum Itaú Cultural* - n. 26 ano: jun./jul. 2010.

ROSA, Edenilse Pellegrini da. **Gênero e Habitação: Participação e percepção feminina na construção de viveres.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, A. L. **Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2009.

SANTOS, M. **Espaço e método.** Edusp, São Paulo, 2008.

SANTOS, M.; ELIAS, D. **Metamorfoses do espaço habitado : fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** São Paulo: Edusp, 2008b.

SATO, L. **Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho.** Cad. psicol. soc. trab. São Paulo, vol. 12, no. 2, 2009.

SCHWEDE, G. **O Paraíso das crianças na Cidade dos Príncipes : a polifonia urbana revelada em imagens fotográficas.** 291 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2010

SILVA, M. **Experiência do programa habitar brasil bid – região chico mendes: uma análise da participação social.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2008.



SILVA, M. A. **Cozinha: espaço de relações sociais**. Revista Iluminuras v. 10, n. 23, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

SIRGADO, A. P. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação & Sociedade, 2000.

SMOLKA, A. L. B. **Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns**. Pro-posições, Campinas, v. 17, n. 2 (50), p. 99-118, maio/ago. 2006.

SMOLKA, A. L. B. **Experiência e discurso como lugares de memória**. In: S. Z. da Ros, K. Maheirie & A.V. Zanella (Orgs.), *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência* (pp.117-130). Florianópolis: NUP/CED/UFSC, Coleção Cadernos CED. 11, 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

SOUZA, A.M. **O movimento do rap em Florianópolis: a Ilha da Magia é só da ponte pra lá!** Dissertação de Mestrado, PPGAS. Florianópolis: UFSC, 1998.

SOUZA, S.J. **Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas**. In: FREITAS, M. T. et al.(Orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 2003.

SPINK, M. J. P. **Pesquisando no cotidiano: Recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social**. Psicologia & Sociedade, vol. 19(1), 7-14, 2007.

SPINK, P. K. **Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista**. Psicologia & Sociedade, 15(2), 2003.

SPINK, P. K. **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 20, n. Spe, 2008 .

SPOSITO, M. **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**,

Belo Horizonte: Argumentum, 2009

STRAPPAZON, A. L. **Bons Encontros: relações éticas e estéticas na Casa Chico Mendes**. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós Graduação Em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

STRAPPAZON, A. et. al. **A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades**. Cad. psicopedag. [online]. vol.7, n.12, pp. 2008.

TACUSSEL, P. **Entrevista com Patrick Tacussel**. Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 31, 2006, p. 7-11.

TITTONI, J. (org). **Psicologia e Fotografia: Experiencias em Intervenções Fotográficas**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2009.

UN-HABITAT. **State of the World's Cities 2010/2011 - Cities for All: Bridging the Urban Divide**. Nairobi, 2010.

VAZQUEZ, A. S. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VEDANA, V. **“Fazer a feira”: Estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo, Ática, 2009.

VIGOTSKI, L.S. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev S. **Manuscrito de 1929**. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n. 71, 2000

VILL, S. **Ensaaiando o olhar: o sentido da infância a partir de fotografias produzidas por crianças.** Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VOLOCHINOV, Valentin N. **Discurso na Vida e Discurso na Arte,** Zvezda, n. 6, 1926. Tradução Faraco, Carlos A. e Tezza, Cristóvão. (mimeo). Disponível em [http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso\\_Bakhtin2008\\_Prof a.%20MaCristina\\_Sampaio/ARTIGO\\_VOLOSH\\_BAKHTIN\\_DISCURSO\\_VIDA\\_ARTE.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Prof_a.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_VIDA_ARTE.pdf) acessado em 09-01-12

VON SIMSON, O., Imagem e memória. In SAMAIN, E.(org.), O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 2005.

VYGOTSKI, L. **Génesis de las funciones psíquicas superiores.** Em VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III.** Madrid:Visor, 1991a

VYGOTSKI, L. **Pensamiento y palabra.** Em VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II.** Madrid:Visor, 1991b.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011 – Os jovens do Brasil.** São Paulo: Sangari, 2011. Disponível em <http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>. Acesso em 07 fev. 2012.

ZANELLA, A. **Arte, resistência, criação, práticas em psicologia social: alguns diálogos.** In: BONAMIGO, I. S., TONDIN, C.F., BRUXEL, K. **As práticas da psicologia social com(o) movimentos de resistência e criação.** Porto Alegre, ABRAPSOSUL, 2008.

ZANELLA, A. V. **Pode até ser flor se flor parece a quem o diga:**

**reflexões sobre Educação Estética e o processo de constituição do sujeito.** In: ROS, S. Z., ZANELLA, A. V. & MAHEIRIE, K. (Orgs.). *Relações Estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência.* Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006

ZANELLA, A.; TITTONI J. (Org.). *Imagens no pesquisar: experimentações.* Porto Alegre, 2011.

## 9 APÊNDICE

### 9.1 BUSCA NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES (REALIZADA EM 10/11/10)

#### Descritores: Direito à cidade e psicologia

ANO	TÍTULO	RESUMO	AUTOR/A	ÁREA
2003	<b>Modernidade e exclusão social - do Estado positivista à gestão democrática da cidade.</b>	O trabalho discute o agravamento da exclusão social provocado pela modernidade e pela grande urbanização do Ocidente Capitalista. Estes fenômenos foram profundamente influenciados pela ascensão da burguesia e do capitalismo industrial. As doutrinas contratualistas do	<b>Eduardo Garcia Ribeiro Lopes Domingues. Mestrado</b>	<b>DIREITO</b>

	<p>direito são encaradas nesta dissertação, ao mesmo tempo, como reflexos e condições daquela ascensão e expressam, na epistemologia jurídica, o cientificismo ou positivismo que a modernidade trouxe para as ciências sociais. Através de estudos, com ênfase na psicologia-social de Freud e na filosofia de Hannah Arendt, procura-se enfatizar perspectivas teóricas que rompam com o positivismo, permitindo, inclusive, apontar uma justificativa diversa ao</p>	
--	---	--

		<p>contrato social para o surgimento do Estado. Na conclusão da dissertação abordamos o direito ambiental, o acesso à justiça e o desenvolvimento urbano planejado, como campos de estudos jurídicos que podem mitigar a exclusão social, através da valorização do ser humano. O trabalho, por fim, ao discutir a legitimidade e a efetividade do direito, enfatiza que este não modifica, por si só, o fato social e por isso deveria ser acompanhado do</p>	
--	--	--	--

		<p>incremento de políticas públicas que promovam e melhorem a educação formal e estimulem a educação informal, através de manifestações culturais diversas, visando garantir a todos o acesso à informação e incentivando as pessoas a participarem na vida pública de sua comunidade.</p>		
--	--	--	--	--

**Descritores: Cidade, Psicologia e Transporte público**

ANO	TÍTULO	RESUMO	AUTOR/A	ÁREA
-----	--------	--------	---------	------



2008	<b>DOS FRAGMENTOS À TOTALIDADE? MOBILIDADE E LEGIBILIDADE URBANA DE UBERLÂNDIA-MG</b>	O século XX foi caracterizado por atitudes racionalistas por parte dos planejadores urbanos, contribuindo para a produção do espaço urbano sem muitas considerações sobre os aspectos sociais e culturais do homem. O planejamento dos transportes e da mobilidade não fugiu à regra racionalista e ao longo de anos da sua aplicação, desde a criação dos modelos que relacionam transportes e uso do solo, tem-se compreendido a realidade dos deslocamentos urbanos sob a visão de causa e efeito. A aproximação teórica da geografia humana com os estudos de percepção ambiental lançou uma nova luz sobre as questões ligadas às dimensões psicológicas das relações entre o comportamento humano e o ambiente físico e/ou natural, inserindo aí a questão da mobilidade, a orientabilidade e a legibilidade urbana. Este trabalho investigou as relações existentes entre as	<b>Adailson Pinheiro Mesquita. Doutorado</b>	<b>GEOGRAFIA</b>
------	---	---	--	------------------

		representações espaciais da cidade de Uberlândia-MG e os padrões de mobilidade de seus habitantes. Descrevem-se os padrões da imagem pública da cidade pesquisada e as representações espaciais dos diferentes grupos de usuários das vias públicas e suas relações com a legibilidade do espaço urbano e os padrões de mobilidade definidos pelo seu modal de deslocamento (a pé, por ônibus e por automóvel).		
--	--	---	--	--

### Descritores: Periferia e Florianópolis

ANO	TÍTULO	RESUMO	AUTOR/A	ÁREA
2008	Jovens de baixa renda de	Esta pesquisa tem como objetivo investigar as relações de um grupo de	Andréia Piana Titon. Mestrado	PSICOLOGIA

	<b>Florianópolis/SC e suas relações na e com a cidade</b>	<p>jovens de baixa renda na e com a cidade de Florianópolis/SC, sendo a juventude compreendida como uma categoria social construída na modernidade e determinada pelo contexto histórico-cultural em que os jovens estão inseridos. Participaram da pesquisa nove jovens, todos moradores de localidades de periferia da cidade de Florianópolis/SC. Para a coleta de informações, foram realizadas entrevistas iniciais, registros fotográficos da cidade pelos participantes, entrevista a partir das imagens registradas, além de observações participantes. A partir dos dados coletados foram analisadas, à luz das contribuições de Vigotski e Bakhtin, as condições sociais, culturais e históricas em que vivem esses jovens, as relações que estabelecem entre si e com os contextos dos quais participam,</p>		
--	---	---	--	--

		mediadas pelo lugar social que ocupam na cidade. Conclui-se que a vivência do tempo da juventude está diretamente vinculada às (im)possibilidades do contexto social mais amplo do qual os jovens participam/fazem parte, assim como suas estratégias de sobrevivência e resistência cotidianas. Além disso, apesar desses jovens fazerem parte do mesmo segmento social e ocuparem áreas desvalorizadas da cidade, as experiências destes na/com a cidade são apropriadas de modo particular, que remete à singularidade dos sujeitos, aos acontecimentos e experiências que o cotidiano impõe a estes jovens e à forma como destes se apropriam.		
<b>2000</b>	<b>Jovens da Ilha de Santa Catarina: socialização, sociabilidade</b>	presente trabalho tem, como tema, a juventude. Os sujeitos centrais são os jovens que vivem em comunidades periféricas litorâneas da Ilha de Santa Catarina. Mais especificamente, analiso	<b>Olga Celestina da Silva Durand. Doutorado</b>	<b>EDUCAÇÃO</b>

		<p>23 jovens adeptos de grupos religiosos, esportivos e musicais. Seguindo critérios qualitativos e com base em pesquisa de campo, o trabalho parte do pressuposto de que a opção dos jovens por determinado grupo faz parte de sua primeira escolha positiva que lhes confere autonomia e responsabilidade. Na investigação procuro entender as lógicas internas dos jovens em seus grupos, assim como procuro saber das relações que seus componentes travam com as instituições tradicionais de socialização: a família, a escola e o trabalho, que se encontram em franco processo de mudanças. Tendo como eixo de análise e interpretação as práticas sociais dos jovens e as formas e produção cultural no interior dos processos de socialização e sociabilidade , a pesquisa objetiva traçar um perfil desse jovem de periferia</p>		
--	--	---	--	--

		<p>urbana da cidade de Florianópolis. O envolvimento com essas questões permitiu compreender como esses se estruturam em torno de diferentes objetivos em busca do crescimento pessoal, espiritual político, social de forma lúdica e prazerosa, evidenciando sua capacidade de produção criativa, conquistando sua autonomia e constituindo novas identidades tanto individuais como grupais. compreensão das ações desses jovens possibilita o reconhecimento desses atores sociais como sujeitos na sua atual condição, e no desempenho de importante papel nas transformações da contemporaneidade.</p>		
--	--	---	--	--

## 9.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Meu nome é Flora Lorena Branco Müller e estou realizando uma pesquisa sobre a mobilidade urbana para jovens moradores da Chico Mendes. Este estudo está sendo desenvolvido juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Dra. Kátia Maheirie.

Eu, \_\_\_\_\_ confirmo que a pesquisadora Flora Lorena Branco Müller conversou comigo sobre o trabalho de pesquisa que a mesma está desenvolvendo sob orientação da professora Kátia Maheirie e que o objetivo da pesquisa é estudar a mobilidade urbana para jovens moradores da Chico Mendes. Sendo assim, fui convidada (o) a participar da pesquisa, onde acontecerão oficinas de fotografia e saídas fotográficas pela cidade de Florianópolis, onde também serão produzidas fotografias e filmagens destes encontros, concordo com a utilização das estas filmagens para fins da pesquisa. Compreendi que não se trata de uma pesquisa a serviço de finalidades políticas ou legislativas, mas que se trata de um estudo psicossocial. Compreendi que participando desta pesquisa estarei contribuindo para a produção de conhecimento no campo da psicologia social, em especial em suas interfaces com as questões urbanas. Fui esclarecida (o) pela pesquisadora que a qualquer momento que eu tiver dúvidas a respeito da pesquisa, ou quiser retirar o meu consentimento para a utilização filmagens e fotos, posso contatar a pesquisadora Flora Lorena pelos telefones (48) 3206-1265 ou (48) 9924-0365 e pelo correio eletrônico: [floramuller@gmail.com](mailto:floramuller@gmail.com)

Quanto à utilização de meu nome para fins da pesquisa:

( ) autorizo a utilização de meu nome

( ) não autorizo a utilização do meu nome, mas gostaria que a pesquisadora utilizasse como nome fictício o seguinte: \_\_\_\_\_.

Por fim, concordo em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Participante

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Flora Lorena Branco Müller

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### 9.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (REPRESENTANTE LEGAL)

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Meu nome é Flora Lorena Branco Müller e estou realizando uma pesquisa sobre a mobilidade urbana para jovens moradores da Chico Mendes. Este estudo está sendo desenvolvido juntamente com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Dra. Kátia Maheirie.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) da carteira de identidade n.º \_\_\_\_\_, responsável pelo(a) \_\_\_\_\_, autorizo

a sua participação neste estudo. Confirmando que a pesquisadora Flora Lorena Branco Müller conversou comigo sobre o trabalho de pesquisa que a mesma está desenvolvendo sob orientação da professora Kátia Maheirie e que o objetivo da pesquisa é estudar a mobilidade urbana para jovens moradores da Chico Mendes. Sendo assim, (o) a jovem que represento legalmente foi convidada (o) a participar da pesquisa, onde acontecerão oficinas de fotografia e saídas fotográficas pela cidade de Florianópolis, onde também serão produzidas fotografias e filmagens destes encontros, concordo com a utilização destas filmagens e fotografias para fins da pesquisa. Compreendi que não se trata de uma pesquisa a serviço de finalidades políticas ou legislativas, mas que se trata de um estudo psicossocial. Compreendi autorizando a (o) jovem que represento legalmente a participar desta pesquisa estarei contribuindo para a produção de conhecimento no campo da psicologia social, em especial em suas interfaces com as questões urbanas. Fui esclarecida (o) pela pesquisadora que a qualquer momento que eu ou o jovem que represento legalmente tiver dúvidas a respeito da pesquisa, ou quiser retirar o meu consentimento para a utilização das filmagens e fotos, posso contatar a pesquisadora Flora Lorena pelos telefones (48) 3206-1265 ou (48) 9924-0365 e pelo correio eletrônico: [floramuller@gmail.com](mailto:floramuller@gmail.com)

Quanto à utilização de meu nome para fins da pesquisa:

( ) autorizo a utilização de meu nome

( ) não autorizo a utilização do meu nome, mas gostaria que a pesquisadora utilizasse como nome fictício o seguinte: \_\_\_\_\_.

Por fim, concordo em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Participante

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Flora Lorena Branco Müller

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



## 9.4 DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **No movimento da cidade: jovens e a mobilidade urbana**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 12/07/2011

*Valter Adriano Junior*

ASSINATURA  
CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL

00.167.528/0001-86  
Associação Amigável ao Cidadão  
de Assinantes Chico Mendes  
Rua Francisco de Sá, 100 - J. Santa Rosa  
Monte Castelo - CEP 88.090 - 080  
Florianópolis - SC